



SEM MEMÓRIA

Monumentos e locais históricos são “apagados” em João Pessoa

Fonte dos Milagres foi cimentada, Marco Zero está deteriorado e casa de Anayde Beiriz é camuflada. **Página 5**

Foto: Ortilo Antônio



O Marco Zero simboliza o início da criação da cidade e está “invisível” aos olhos dos transeuntes, no Centro Histórico

PBGás investirá R\$ 24,9 milhões na expansão da rede de gás natural

Ampliação da rede vai beneficiar mais de 15 mil novos clientes residenciais e comerciais.

Página 3

Nacional e Sousa entram em campo, hoje, pela Série D

A equipe de Patos encara o Pacajus-CE fora de casa, já o Dinossauro recebe o Iguaçu, outro time cearense.

Página 24

Memórias
Hilton Gouvêa faz do jornalismo uma aventura

Ele ganhou o apelido de “Indiana Jones” pelas reportagens perigosas que fazia. Chegou a ser baleado. Ainda hoje atua em A União.

Páginas 14 e 15



Foto: Edson Matos

Serviços de entrega de comida e bebida seguem em alta

Hábito do chamado “delivery”, que cresceu durante a pandemia, permanece entre os paraibanos e setor continua crescendo, impactando, também, a indústria de embalagens.

Página 17



Foto: Ortilo Antônio

Presença de fenícios na PB ainda é polêmica

Ainda hoje permanece a dúvida. Carta que teria sido enviada ao Visconde de Sapucaí encontra-se na Sicília.

Página 25

■ “Há exatos 158 anos acontecia a ‘Batalha Naval do Riachuelo’, que teve importância decisiva para o Brasil no maior conflito armado da América do Sul”.

Rui Leitão

Página 2

■ “O rio, elemento fundamental da geografia física e humana, tem sido motivo poético recorrente. Heráclito lhe conferiu estatuto filosófico e simbólico”.

Hilberto Barbosa Filho

Página 11

Produtos com identidade da PB fazem sucesso

As marcas Soé, de acessórios em acrílico, e Xica do Pote, com artesanato em barro, exaltam cultura local.

Página 18



Foto: Divulgação

Editorial

São João na Paraíba

A Paraíba abraça o mês de junho e toda a tradição dos festejos dos santos juninos, quando a rica cultura do Nordeste se apresenta em suas maiores manifestações. Dentro da visão de valorização das demonstrações artísticas e folclóricas nordestinas, o Governo do Estado promove e incentiva diversas ações, além de disponibilizar uma série de serviços que vão da área segurança pública ao sistema de saúde, assegurando, assim, o sucesso das celebrações dos festejos juninos.

Unindo esforços e visando estimular a economia e divulgar a Paraíba, o Governo do Estado está presente nos eventos espalhadas por todo o território paraibano. De João Pessoa a Patos, de Campina Grande a Santa Luzia, de Bananeiras a Monteiro, o Estado promove, estimula e apoia vários eventos.

O Maior São João do Mundo, em Campina Grande, por exemplo, tem a presença do Governo do Estado com a realização da 36ª edição do Salão do Artesanato Paraibano, com o reforço da segurança pelos componentes das Polícia Civil e Militar, além do Corpo de Bombeiros Militar, além da estrutura de saúde e estrutura de divulgação através da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur). As ações também buscaram beneficiar as quadrilhas juninas e os planos de mídia para divulgação dos eventos.

Outro exemplo do empenho do Governo do Estado em prol do êxito do São João de Campina Grande é a conexão aérea entre Salvador e Campina Grande através da parceria Governo do Estado e Azul Linhas Aéreas, ampliando a malha aérea e tornando a cidade do Maior São João do Mundo um *mini-hub* regional (centro de distribuição de voos), ofertando aos passageiros conexões diretas para outras cidades. Já o Programa Empreender Paraíba assinou contrato de linha de crédito com cerca de 100 comerciantes que trabalham no Parque do Povo durante as festividades.

Em outros municípios a parceria também se repete. Em João Pessoa, Santa Rita, Bananeiras, Patos, as parcerias do Governo do Estado para garantir o sucesso dos eventos se repetem. O Festival São João na Rede, que integra a programação do Ciclo Junino coordenado pela Secretaria de Estado da Cultura, contribui também com as expressões artísticas paraibanas levando música para todas as regiões do Estado. As apresentações serão realizadas até o dia 18 deste mês, passando por 12 cidades paraibanas.

A administração estadual teve o cuidado de dividir os investimentos no São João da Paraíba, de forma a garantir respeito e isonomia na aplicação dos recursos públicos. O objetivo é oferecer a todos os paraibanos e visitantes um São João de sucesso em todo o Estado. A Paraíba se torna, assim, até o fim do mês de junho um grande arraiaí, com festas que elevam o nome do estado, a cultura da região, de forma inclusiva e democrática.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A Batalha do Riachuelo

Há exatos 158 anos acontecia a “Batalha Naval do Riachuelo”, que teve importância decisiva para o Brasil no maior conflito armado da América do Sul, a Guerra do Paraguai. Por isso o dia 11 de junho passou a ser considerado a data magna da nossa Marinha. A vitória brasileira de frente a foz do Riachuelo, afluente do Rio Paraná, bloqueou o acesso do Paraguai ao mar, impedindo-o de receber armamentos do exterior.

A chamada Guerra do Paraguai foi causada pela iniciativa do ditador Francisco Solano Lopez, quando tentou colocar em prática uma política expansionista do seu país, buscando se apossar de terras de nações vizinhas e ter acesso ao mar pelo Porto de Montevideú. Ele queria anexar ao território paraguaio, tanto o Uruguai, quanto partes da Argentina e das províncias brasileiras do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso.

Naquela oportunidade se iniciava uma nova fase da guerra, tendo ainda cinco anos de duração. Foi assinado, na época, o “Tratado da Tríplice Aliança”, formada pelo Brasil, Argentina e o Uruguai. O Paraguai, no entanto, não tinha condições militares, nem econômicas, para sustentar uma guerra por longo período contra os países platinos. Era um enfrentamento desigual, até em termos de população. Enquanto o Paraguai possuía em torno de 650 mil habitantes, o Brasil já contava com mais de nove milhões, a Argentina um milhão e 700 mil e o Uruguai com pouco mais de 200 mil.

Em 1864, após a invasão e deposição do ditador Aguirre, do Uruguai, Solano Lopez, em retaliação, decidiu aprisionar, no Porto de Assunção, o navio brasileiro Marquês de Olinda, e atacou Dourados, na província do Mato Grosso. Foi o estopim da guerra.

O almirante Barroso era o comandante das forças militares brasileiras. No ano seguinte à batalha do Riachuelo, nova vitória do Brasil ocorreu durante o mais sangrento embate campal da Guerra do Paraguai, a Batalha do Tuiuti, registrando uma baixa de 13 mil paraguaios, contra cerca de quatro mil dos países aliados. No desenrolar do conflito, o general Manoel Luís Osório, futuro Marquês de Herval, assumiu o posto de comandante em chefe das

tropas brasileiras. Por quatro décadas esse episódio seria comemorado como a principal atuação do Exército Imperial Brasileiro. Daí porque a data de 24 de maio, por muito tempo, foi comemorada como o Dia do Exército.

Mas voltemos à Batalha do Riachuelo. A esquadra brasileira não era adequada para operar em águas restritas e pouco profundas como as dos rios Paraná e Paraguai. Isso concorria para que nossos navios enalhassem com facilidade. A vitória brasileira, contudo, só foi obtida graças à manobra de abaloamento das embarcações paraguaias. No decorrer do conflito o Almirante Barroso deu duas ordens por meio de sinalizações de bandeiras, com frases que ficaram famosas: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever!” e “Sustentar o fogo, que a vitória é nossa!”.

Nessa batalha surgiram vários heróis, dentre eles Greenhalgh e Marcílio Dias, cujos feitos ficaram imortalizados pela história, merecendo as justas reverências da Marinha do Brasil, a cada 11 de junho. A Batalha do Riachuelo é considerada pelos historiadores militares como uma das mais importantes vitórias brasileiras da Guerra do Paraguai.

“

No decorrer do conflito o Almirante Barroso deu duas ordens por meio de sinalizações de bandeiras, com frases que ficaram famosas: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever!” e “Sustentar o fogo, que a vitória é nossa!”

Rui Leitão

Foto Legenda

Ortilo Antônio



Riqueza da cana-de-açúcar

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Lá se foi Manuel

A noiva foi comigo, pegados na mão, deixar qualquer coisa que a mãe encomendara logo que a filha saísse do trabalho. De mãos coladas, mãos quentes, contornando barracas, pilhas de frutas, sacos de legumes, rodas e imprensados de ferreiros até alcançarmos o ponto de venda de D. Nenen, no Mercado Central do tempo que era de todas as classes. Tempo em que o balaieiro de pescoço enterrado na feira da madame era o *display* de evidência mais ostensiva da distinção burguesa de classe.

A alguma distância de nós, lá de sua barraca bem sortida e crescida, seu Manuel, o dono, não tirava os olhos e a boa atenção do que se passava ali perto, naquele momento fagueiro de vida da vizinha.

Não era psicólogo, talvez nem lesse direito; falava pouco, talvez só dos negócios, mas não se isolava apenas entre as quatro paredes do seu comércio ou das 50 de lavoura ou de criação de alguma terra no interior. Tanto que, à medida que foi crescendo, passando de barraca à mercearia, de mercearia a mercado, de mercado a super, conseguia crescer juntamente com os irmãos. Cada qual saiu com o seu mercado ou supermercado.

Desde o olhar, que nos pôs naquela manhã de feira de 1959, que não me dissocio desse vizinho atencioso de minha futura sogra e do enlace que aos seus olhos se prenunciava.

Revejo-o com os irmãos mais moços no primeiro mercado aos fundos do antigo mercado público da Torre. Biu, Marcos, um outro mais novo e, com eles, funda unidos o seu primeiro supermercado fora do mercado público antigo. Cresce, os irmãos foram ganhando autonomia, e termina Manuel, com gestores mais modernos e de planos mais ambiciosos, ele se ocultando por trás do La Torre, marca que é hoje um dos por-

“

Lá de sua barraca bem sortida e crescida, seu Manuel, o dono, não tirava os olhos e a boa atenção do que se passava ali perto

Gonzaga Rodrigues

tais de abastecimento doméstico mais demandados não só pelo bairro como pelo grande centro e seus arredores.

“Tudo bom, Manuel?” – passei mais de cinquenta anos dando-lhe esse bom dia, sem acrescentar muito e sem deixar de pensar uma só dessas palavras. Que em nenhuma circunstância foram apenas vocábulos. Um “tudo bom” de resina e lacre feitos de momentos e vicissitudes mais meus do que dele. Houve ocasião em que, para comprar, tive de chamá-lo a um canto antes de entrar na recolha.

Desde alguns anos já não geria, mas não se ausentava, fosse ajudando os caixas na embalagem ou, mais recentemente, sentado à passagem continua e ruidosa de uma clientela que ele nunca sonhou.

Nesse fim de semana, ante a cadeira vazia, não me deram notícia dele. Mas como foi importante para o seu bairro, sem o saber.

As gameleiras têm sido assim. Morrem sem o saber. A do Roger, a de Tambaú, a de Areia.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

NA CAPITAL E CAMPINA GRANDE

Governo investirá R\$ 24,9 mi em plano de expansão de gás

Projeto beneficiará mais de 15 mil novos clientes residenciais e comerciais

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A PBGás está elaborando projetos e expansão da rede de gás canalizado em João Pessoa e Campina Grande. Somente este ano, serão executados 17 quilômetros de expansão da rede, sendo 12,5 quilômetros em João Pessoa e 4,5 quilômetros em Campina Grande. O plano de expansão e saturação na capital até 2027 envolve uma extensão de 35 quilômetros, com volume de 6.804 metros cúbicos por dia, 15.899 novos clientes residenciais e comerciais, com um investimento previsto de R\$ 24,9 milhões. Só em 2023, o valor do investimento é superior da R\$ 7 milhões em extensão de rede de gás canalizado com recursos da PBGás, que tem como acionista o governo da Paraíba e a Mitsui Gás e Energia.

Bairros

Os principais bairros de João Pessoa a serem beneficiados são Bessa, Bairro dos Estados, Centro, Tambiá, Torre, Tambauzinho e Bancários

Nos projetos previstos até 2027, os principais bairros de João Pessoa a serem beneficiados são: Bessa, Bairro dos Estados, Centro, Tambiá, Torre, Tambauzinho e Bancários. Também nesse período, está

previsto o projeto de extensão para Intermares e Ponta de Campina, em Cabedelo, com investimento previsto de R\$ 3,9 milhões para implantação de 10,5 quilômetros de rede.

Além disso, rede chegará ao Polo Turístico Cabo Branco, no Altiplano, visando atender aos resorts que estão em fase de implantação. Neste caso, o investimento previsto é de R\$ 8,7 milhões para 15 quilômetros de rede.

Em Campina Grande, a expansão e saturação até 2027 inclui uma extensão de 20,5 quilômetros, com um volume de 6.215 metros cúbicos por dia. Serão 4.874 novos clientes residenciais e comerciais, com um investimento previsto de R\$ 12,7 milhões.

Só em 2023, em João Pessoa, as obras estão em execução pela Mitsui Gás e Energia, empresa terceirizada, nos bairros do Altiplano e Bessa com utilização

de máquina de furo direcional que causa menos danos ao solo e agiliza o trabalho de implantação dos dutos.

Conforme a PBGás, as obras começaram em fevereiro, com a expansão da rede nos bairros do Jardim Oceania e Altiplano. Até dezembro, serão contemplados os bairros de Tambiá e Centro, em João Pessoa e, em Campina Grande, o Distrito do Velame e Centro.

O diretor-presidente da PBGás, Jailson Galvão, destacou os investimentos na ampliação de rede de gás e ligação de clientes nas novas áreas atendidas, o que tornará a PBGás ainda mais próxima dos paraibanos. "As obras de extensão de rede estão concentradas neste momento nos bairros do Bessa, Jardim Oceania, Altiplano e Bancários, e nos próximos meses serão intensificadas em Campina Grande, no Distrito de Velame e Centro", enfatizou.

UN Informe
Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

RICARDO: "O PSB VAI LEMBRAR AOS PARTIDOS ALIADOS QUE EM CABEDELLO TEM UMA CANDIDATURA PRÓPRIA"



Foto: ALPB

Pré-candidato a prefeito de Cabedelo, o ex-deputado Ricardo Barbosa (foto) disse, em recente entrevista, que o seu partido espera ter a reciprocidade, no tocante a apoios, das legendas da base do governador João Azevêdo na disputa eleitoral na cidade portuária. "O PSB vai lembrar aos partidos aliados que em Cabedelo tem uma candidatura e espera reciprocidade. Nós esperamos ser contemplados com esse gesto dos outros partidos, a solidariedade de dizer: "A gente está junto em João Pessoa, mas a gente precisa estar junto em Cabedelo", afirmou o ex-parlamentar, que está no comando da Companhia Docas, que administra o Porto de Cabedelo. Para fazer referência à reciprocidade que precisa existir do Progressistas para com o PSB, Barbosa mencionou a parceria administrativa que existe entre o Governo do Estado e a gestão de Cícero Lucena: "Você imagina o tamanho da participação do governo no projeto do prefeito de Cícero. Você vê nas ações de governo, nas parcerias que são muitas, milionárias. Se isso é tirado, dá uma diminuída forte na robustez da gestão [na capital]", avaliou, citando que o governador João Azevêdo tem feito "gestos de lealdade" ao prefeito.

RECIPROCIDADE DOS ALIADOS

Ricardo Barbosa afirma que o PSB espera apoio dos partidos aliados em todas as cidades em que a legenda tenha candidatura própria: "O PSB provavelmente vai cobrar reciprocidade não só em Cabedelo, mas também em outras cidades. E não só do Progressistas, mas de outros partidos, do Republicanos, de todos os partidos que estão conosco. Então, a gente espera que onde tiver candidatura do PSB, esses partidos estejam emprestando apoio".

"É QUESTÃO DE CONVENCIMENTO"

Provocado pela Imprensa a falar sobre o processo eleitoral de João Pessoa, em 2024, o governador João Azevêdo reafirmou a intenção de manter a aliança com o prefeito Cícero Lucena (PP) e disse considerar natural que vozes dentro do PSB possam ter outro entendimento. "Nem todos dentro do partido pensam igual. Mas o grande conceito é que uma decisão tomada [pela maioria] todo mundo segue. Não há imposição. É convencimento acima de tudo", frisou.

DISCUSSÃO SERÁ INTERNA

João Azevêdo reforçou que o presidente do PSB de João Pessoa, Tibério Limeira, tem total autonomia para expressar suas opiniões a respeito do processo eleitoral: "Tibério é uma grande liderança. Foi vereador de João Pessoa, secretário em diversas pastas, tem uma história política na Paraíba. A posição dele é levada sim em consideração. [Tudo] será discutido internamente", afirmou.

"HOUE PATIFARIAS", DIZ BRUNO ROBERTO

Ex-candidato a senador na eleição do ano passado, Bruno Roberto (PL) afirmou, em entrevista a uma TV, que sua derrota nas urnas seu deu por causa de possíveis traições de pessoas de dentro do seu próprio partido. Sem citar nomes, disse que "houve patifarias. Pagamos um preço por não atender a interesses pessoais".

DIFERENÇA DE VOTOS

Indagado de se essas traições ocorreram por parte de Nilvan Ferreira, que foi candidato a governador, e de Cabo Gilberto, que disputou cadeira na Câmara Federal, Bruno Roberto pediu que as pessoas fizessem uma reflexão: "No estrato de votação, os votos que eles tiveram em João Pessoa não acompanharam os votos que eu tive".

APESAR DOS INDÍCIOS, DEPUTADO DIZ NÃO EXISTIR CONTENDA EM CG

Apesar de haver indícios claros de que a relação entre Romero Rodrigues e o prefeito de Campina Grande, Brunho Cunha Lima (PSD), passa por intempéries, o deputado estadual Sargento Neto (PL) afirma que não existe discórdia e que tudo foi criado pela oposição. "Algumas pessoas estão plantando contenda para ajudar essa divisão, mas que não irá acontecer". Todo mundo tem direito ao otimismo



Foto: Secom-PB

Obras têm utilização de máquina de furo direcional que causa menos danos ao solo e agiliza o trabalho de implantação dos dutos

Indústrias, residências e comércios beneficiados

Na Paraíba, o investimento total em expansão e segurança de rede de gás entre 2019 e 2022 foi de R\$ 27,8 milhões. De acordo com levantamento realizado pela PBGás, as redes foram ampliadas em João Pessoa e Campina Grande atendendo a indústrias, residências,

comércios e postos de combustíveis.

O total de clientes beneficiados é de 27.096 em 26.664 unidades residenciais interligadas. A rede passou a atender, neste período, a 360 unidades comerciais, 39 indústrias e 33 postos de combustíveis.

O diretor-presidente da PBGás, Jailson José Galvão, comemora o trabalho realizado. Ele destaca que o ritmo fez com que a PBGás atingisse, no mês de maio, a marca de 27.096 unidades residenciais interligadas, em 575 condomínios, que já usufruem das vantagens do gás canalizado com

o fornecimento contínuo, comodidade e economia. "Nos últimos quatro anos, conseguimos conectar 9.881 novos clientes nos mercados residencial e comercial devido aos investimentos na rede de gás que vão continuar sendo priorizados dentro do planejamento da companhia".



Foto: Secom-PB

Governador João Azevêdo e o presidente da PBGás, Jailson Galvão, planejam a ampliação da rede no Estado

Rede chegará ao Polo Turístico Cabo Branco, no Altiplano, visando atender aos resorts que estão em fase de implantação

Simone Guimarães

Superintendente da Suplan

“Queremos entregar o Centro de Convenções de CG em junho de 2024”



Superintendente destaca investimentos no estado, além do esforço para impor eficiência na execução das obras

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

À frente da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado – Suplan, a engenheira civil Simone Guimarães foi a primeira mulher no estado a assumir a função. Natural de Campina Grande, e atuando numa área predominantemente masculina, está na Suplan há nove anos e traz entre os legados a eficiência nas obras e a inclusão das cores em escolas da rede pública. Em entrevista ao Jornal A União, Simone destaca que atualmente o Governo do Estado tem investido R\$ 130 milhões em obras. Apenas em Campina Grande foram R\$ 52 milhões e mais de 40 obras já foram entregues na cidade. Simone destaca as principais obras, a visão sobre obras públicas e a qualidade, sem abrir mão da beleza, sensibilidade e da leveza.

A entrevista

■ No último dia 23 de maio, o Governo do Estado fez a entrega da reforma e ampliação do ginásio paradesportivo e o parque infantil do Instituto dos Cegos de Campina Grande. O que a senhora destaca nessa obra?

Na verdade foi mais que uma reforma. Foi uma verdadeira reconstrução. Se você pegar a imagem dele como era antes, só existia praticamente a estrutura metálica. Foi a primeira vez que o Governo do Estado fez uma intervenção desse porte no lugar. Foi totalmente remodelado. O parquinho foi restaurado com um investimento de quase R\$ 900 mil. Ao todo, o ginásio possui uma área de 986 metros quadrados, dos quais 924 metros quadrados foram reformados e 62 metros quadrados foram ampliados, e o ginásio agora conta com vestiários (feminino, masculino e para pessoas com deficiência) e arquibancada.

■ O Centro de Convenções de Campina Grande é mais uma grande obra que já está em execução. Qual a previsão de entrega?

Nossa intenção é inaugurar a primeira etapa do Centro de Convenções em junho de 2024, junto com a abertura do Salão de Artesanato. Já estamos em conversa com Marielza (Marielza Rodriguez, gestora do Programa de Artesanato Paraíba) e com Rosália Lucas (secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba), para fazer um super evento.

O Centro de Convenções de Campina Grande é uma obra bastante aguardada pelos campinenses. Será um equipamento com grande espaço para feiras, auditório, heliponto, Praça das Bandeiras, e estacionamento com vagas também para ônibus, pessoas com deficiência e idosos. Só a área do centro de

eventos, feira e exposição terá um espaço, com mais de 12 mil metros quadrados. O auditório será o maior da cidade de Campina Grande, com uma capacidade para 1.900 pessoas em uma área de 5.188,73 metros quadrados.

■ Em junho de 2022, foi inaugurado o Escritório de Representação Institucional de Campina Grande. O que esta obra representa para Campina Grande?

O local ficou fechado por cerca de 15 anos, na Estação Velha, e foi totalmente revitalizado para receber diversos órgãos da gestão. As instalações foram transformadas e, apesar da pandemia de Covid-19, em que enfrentamos a falta de materiais no mercado, conseguimos entregá-las em um ano. O espaço ficou muito bonito e conta com um mural em homenagem à Rainha da Borborema e sua história. Contratamos grafiteiros, colocamos no papel como queríamos, ficou belíssimo.

O governador João Azevêdo tem essa preocupação com os prédios históricos em fazer todas as transformações necessárias. O prédio recebeu investimentos de aproximadamente R\$ 2,7 milhões para restauração de sua estrutura. No local funcionam o gabinete do governador, a Vice-Governadoria, Secretaria de Articulação, Casa Militar, Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa), Procuradoria Geral do Estado, Rádio Tabajara, Empreender, Orçamento Democrático Estadual, Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (Funad) e Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema).

■ Na área da educação, são muitas escolas que estão sendo ampliadas e reformadas. Quais os destaques?

Temos a reforma do Estadual da Prata com investimentos de quase R\$ 7 milhões e que já estão para iniciar. As obras irão proporcionar mais beleza e modernidade para uma das maiores escolas do estado, com mais de 30 salas de aula e que entrará para o rol das escolas mais bonitas da rede estadual. Todos os levantamentos foram concluídos com o edital já foi publicado.

Todos os ambientes do Estadual da Prata serão contemplados com a reforma e também queremos fazer um grande mural de grafite no local. Também estamos próximos de iniciar as obras de construção do novo prédio, laboratório, reforma do bloco de oficinas e ginásio com vestiários na Escola Técnica Cidadã Severino Cabral.

Outro destaque é a construção do Novo Complexo Educacional da Escola Caic José Jofilly, que já está em fase de licitação; assim como a reforma de Ampliação do Estadual de Bodocongó. Só essas duas escolas juntas representam quase R\$ 18 milhões em investimentos. Isso sem falar na reforma e ampliação da Escola Anésio Leão, que será entregue até o final do ano.

■ A senhora atua numa área predominantemente masculina, que é a engenharia civil. Além disso, foi a primeira mulher a assumir a Superintendência da Seplan. Como é ter que lidar com essas questões, que são comuns a tantas outras



Simone prevê entrega da primeira etapa do Centro de Convenções em junho de 2024

Em CG

A obra do estádio O Amigão está em processo de licitação e vai custar R\$ 12 milhões. A previsão é de que as obras se iniciem em no máximo 60 dias

mulheres brasileiras?

Não foi fácil, não é fácil. Houve e ainda há um estranhamento, mas hoje existe esse sentimento de sororidade, que tem ajudado bastante e vejo a necessidade de reforçar que devemos sempre nos apoiar. Posso dizer que sou cercada de grandes mulheres que sempre me apoiaram e entre elas a primeira-dama, Ana Maria Lins. Também conto com minha equipe, meu esposo e meus filhos, sem eles eu não teria feito nada disso. Eu nem queria estar onde estou e escutei muitas vezes que “era louca de fazer isso”. Tive que exercitar minha resiliência. Não foi fácil assumir uma estrutura formada por homens e ter que provar que é possível trazer leveza, beleza e sensibilidade para as grandes obras.

Não importa onde você esteja: se você é mulher, será sempre cobrada a mais e precisa trabalhar duas vezes mais que os homens para provar que é capaz. Há um estranhamento, temos que nos apoiar e não é fácil. Me agarro em quem acredita em mim e está comigo. Não ligo para poder, ligo para a ação que estou fazendo, para as pessoas que vão usufruir daquilo.

Conseguimos manter um padrão de qualidade nas obras em todo o estado e posso bater no peito e dizer com orgulho que nós da Suplan podemos ser comparada às grandes corporações de construção civil no Brasil.

■ A senhora trouxe uma inovação com os seus projetos das escolas coloridas e segue implementando a arte e as cores lúdicas nas obras públicas, uma quebra de paradigmas dentro da construção civil. Como essa iniciativa foi recebida?

Talvez meu maior feito tenha sido a inclusão da enge-

nharia e da arquitetura através das cores. Enquanto muitos só fazem aqueles prédios cinzas, eu comecei a colorir. Fui muito criticada por outros profissionais e até pela minha própria equipe, me chamavam de louca, que eu não ficaria nem três meses na Superintendência (e já estou há nove anos).

As pessoas criticavam o uso das cores e eu exigia um contra-ponto: preciso que você justifique essa crítica. A obra da Escola de Arte (Escola Integral Técnica de Arte, Tecnologia e Economia Criativa, instalada no prédio onde funcionou a Central de Polícia do Estado, no Varadouro, inaugurada em fevereiro de 2023), fui eu que decidi pela pintura mesmo ouvindo que ficaria “horrrível”, que não ia dar certo. Mas eu tenho essa sensibilidade, estudei cores, sei como usar.

■ As obras de reforma do Estádio Esportivo Ernani Sátiro, O Amigão, estão em processo de licitação, e em paralelo, a construção da Estação da Cidadania estão para ser iniciadas. Como esses dois equipamentos estão interligados?

É bom lembrar que só demoramos mais para iniciar as obras da Estação da Cidadania – que será construída no entorno do Amigão – porque precisávamos da liberação da prefeitura para ter início. O convênio é com o Governo Federal e já está em fase de contratação e a previsão é iniciar as obras até 30 de junho. Na área será feita a recuperação da pista de skate, quadra de esportes, pista de caminhada, ciclovias e campos de futebol e de vôlei, além de playground infantil, juvenil, acessível, academia de ginástica.

Em relação ao estádio O Amigão, os prédios antigos sempre precisaram de zeladoria, cuidado e manutenção preventiva e corretiva. Quando você passa muito tempo (a última obra de reestruturação no estádio foi em 2013) vão surgindo outros pontos. A obra já está em processo de licitação, vai custar na ordem de R\$ 12 milhões e a previsão é iniciar as obras em no máximo, 60 dias.

Mas podemos dizer, de forma muito direta, que de 2019 a 2022, o Governo do Estado investiu mais de R\$ 52 milhões em ações e mais de 40 obras foram entregues na cidade de Campina Grande. São mais de 130 milhões de obras em andamento, outros R\$ 20 milhões de obras que irão começar e mais R\$ 42 milhões de outras obras em licitação.

APAGAMENTO

Locais históricos da capital caem no esquecimento

Monumentos e imóveis não têm identificação, ficando desconhecidos pela maioria da população e dos turistas

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Escondido entre latas de água utilizadas por flanelinhas, um monumento simboliza o local onde João Pessoa teve início. O marco zero segue invisível entre o vai e vem dos carros e pessoas que passam na Praça Dom Ulrico, ao lado da Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, no Centro Histórico. Locais que guardam a memória da cidade estão se apagando com o avançar dos anos, são desconhecidos pela maioria da população e tampouco chamam a atenção dos turistas.

O espaço ao redor do marco zero é utilizado por moradores de rua para dormir. Apesar da discricção do monumento, o guardador de carros João Serafim conta que alguns turistas ainda visitam o local ao passar pelo Centro Histórico. Ele trabalha na área há 10 anos e revela que há algum tempo o número de pessoas em situação de rua aumentou na região. Também não existe nenhuma placa de sinalização turística sobre o marco geodésico mais importante da cidade. O monumento sofreu com as ações do tempo e de vândalos. A pe-

dra que caracteriza o marco zero, datada de 1922, está quebrada, pichada e quase não é possível ler as informações contidas no monumento.

Andando um pouco mais pelas ruas da cidade, na casa de número 176 da Rua Santo Elias, no bairro do Tambiá, manequins ocupam parte da fachada da casa onde morou a professora e poetisa Anayde Beiriz. A placa indicativa está apagada e ainda não foi substituída.

O imóvel atualmente é sede de uma loja de roupas e foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) por sua importância histórica para o estado da Paraíba.

Mais um exemplo de espaços que marcaram a história da cidade, mas foram apagados da sua memória está na Rua Irineu Ferreira Pinto, no Centro, que até o século 19 era chamada de Rua da Palha. O local concentrava uma aglomeração de habitações de trabalhadores da construção civil que atuaram na edificação de prédios históricos da cidade.

Na Rua Peregrino de Carvalho não há nada que lembre que na região um dia funcionou a Santa Casa de Misericórdia da Paraíba, entre a Du-

“

É realmente lamentável que algo que já foi tão importante tenha ficado esquecido

Durval Santos

ria de Caxias e o Ponto de Cem Réis. No local funcionava a instituição de assistência médica dedicada a cuidar de pessoas em situação de vulnerabilidade, como crianças órfãs e abandonadas, pessoas de extrema necessidade e até mesmo presos.

A instituição funcionava por trás da Igreja da Misericórdia. “Foi um ponto importante na nossa cidade, sobretudo pela importância da Misericórdia, uma instituição hospitalar antiga e que tem todo um registro dessa sua presença, era hospitalar e caritativa”, pontuou o historiador Angelo Emílio.

Na mesma rua, conforme o historiador, também não restou qualquer indício sobre a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, da irmandade dos homens pretos. O historiador conta que o registro foi totalmente apagado da arquitetura e história da cidade. “Poucas

pessoas sabem que aquele era um local de intensa presença da população afrodescendente na cidade, espaço de festas de origem afro-católica, dessa mestiçagem cultural. Tinha a devoção católica, mas misturada com os batuques, os catequês, congadas e isso foi apagado da memória da cidade”, disse Emílio.

A Praça Rio Branco, que atualmente é cenário para os sábados de choro, esconde histórias pouco conhecidas pelos

paraibenses. Ali existiu a sede do governo da antiga Capitania da Paraíba e da cidade da Paraíba até o século 18, quando posteriormente foi transferido para o antigo Convento dos Jesuítas, atualmente o Palácio da Redenção.

A mesma praça também abrigou a Câmara dos Vereadores, que governava a cidade ao longo dos séculos. O historiador Angelo Emílio ressaltou que aquele era um centro de gravidade política.



Foto: Ortilio Antônio

O marco zero segue invisível entre os carros e pessoas que passam pela Praça Dom Ulrico

Foto: Ortilio Antônio



Foto: Ortilio Antônio

A fonte fica na Ladeira de São Francisco, no antigo Beco dos Milagres. Pouco restou do local, mas o desenho das torneiras por onde corria a água ainda pode ser visto

Fonte dos Milagres foi cimentada

A Fonte dos Milagres abastecia a população com água potável desde 1692, mas atualmente ela está praticamente invisível. O descaso com a memória da cidade foi ainda mais impiedoso com a fonte, localizada na Ladeira do São Francisco, na Rua Augusto Simões, antigo Beco dos Milagres. Ela foi totalmente cimentada e em nada lembra o local que abasteceu a cidade por mais de 300 anos. O desenho das torneiras por onde corria a água ainda pode ser visto e poucas são as pessoas que conhecem sua história na região.

O motorista Durval Santos trabalha há 14 anos na rua e não chegou a ver a fonte funcionando. Ele conta, no entanto, que em dias de chuva a fonte passa a jorrar água por baixo da calçada. “É realmente lamentável que algo que já foi tão importante tenha ficado esquecido”, afirmou.

Às margens do Rio Sanhauá, a história do Porto do Capim e seus moradores passa despercebida por quem admira o pôr do sol no Hotel Globo. O historiador Angelo Emílio destaca a rica expressão da comunidade ribeiri-

nha tradicional, com sua cultura e vivências.

“Quando olhar ali do Hotel Globo, tem que ver além da paisagem e do rio, enxergar que ali existe uma comunidade enraizada, com uma produção cultural. Seria muito importante que a cidade interagisse mais com aquelas pessoas, com aquele espaço de uma maneira dialógica. Seria interessante que o trade turístico e o poder público olhassem não de uma maneira enviezada e muitas vezes com preconceito e partisse para o diálogo”, pontuou o historiador.

Câmara aprova projeto de lei

A Câmara Municipal da capital aprovou em maio deste ano projeto de lei de indicação autorizando a Prefeitura a construir um monumento turístico indicativo do marco zero, próximo à Catedral.

O autor da proposta, vereador Bosquinho, justifica que o objetivo é tornar o marco zero mais uma atração turística, a exemplo de outras capitais, como o vizinho estado de Pernambuco.

“O marco zero de João Pessoa hoje é uma singela pedra ao lado da Basílica. O marco inicial da construção da cidade teria sido ali, tendo em vista a necessidade dos primeiros habitantes não índios se protegerem do

povo hostil. O monumento apontado está bem aquém de marcos zeros bem frequentados, como o do vizinho Recife, no estado de Pernambuco, que é palco de inúmeros espetáculos, inclusive o Carnaval, e ambiente de fomento turístico e econômico”, disse.

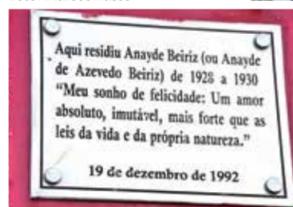
Preservação

Para o historiador Angelo Emílio, o investimento na preservação da memória da cidade ainda é pequeno, assim como a fiscalização é deficitária. Além do risco do apagamento dos testemunhos arquitetônicos da cidade, ele cita ainda a falta de estrutura para conservação do patrimônio documental da cidade, assim como ocorre

em grande parte do país. Ele afirma que os patrimônios arquivísticos são tratados com “extremo desmazelo”.

“Um ponto de partida é a visão. A visão que se tem do passado muitas vezes é estereotipada como se, por exemplo, a antiga cidade da Paraíba fosse toda de sinhozinhos e sinhozinhas andando à tarde nas ruas. É uma visão completamente estereotipada do passado. Nossa cidade é brasileira, em um período colonial imperial, uma cidade escravista e essa pujança expressa nas edificações tem sua contraface, que é a escravidão, a pobreza, que às vezes a gente quer apagar do passado e acaba por apagar o presente”, disse.

Foto: Marcos Russo



Placa indicativa da casa onde morou a professora e poetisa Anayde Beiriz, está apagada e ainda não foi substituída. No local funciona uma loja



Foto: Ortilio Antônio

SUPERALIMENTO

Milho une sabor e benefícios à saúde

Fonte de energia, grão é “rei das festas juninas”, rico em fibras, gorduras naturais, vitaminas e previne doenças

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Basta o mês de junho se aproximar que já bate aquela vontade de comer milho, seja na canjica, na pipoca, na pamonha, assado ou cozido. Trata-se do cereal mais cultivado em todo o mundo, com origens que remontam entre 7.500 e 12.000 anos atrás. No Brasil, o milho é o ‘rei das festas juninas’, celebrações tradicionais que cobrem todo o território nacional, principalmente no Nordeste, nesta época do ano.

“Apesar de ser mais lembrado no mês de junho, o milho é um alimento muito rico nutricionalmente e deveria estar muito mais presente na dieta do brasileiro. Ele faz parte da nossa identidade cultural, remetendo à sua cultura pelos indígenas, além de ser saboroso e muito versátil na cozinha”, explicou Stella de Alencar Figueiredo, nutricionista e mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos.

O alimento é fonte saudável de energia e repleto de benefícios para o funcionamento do organismo, como proteger a visão, melhorar a saúde intestinal - pois contém alto teor de fibras, fortalecer o sistema imunológico, reduzem os níveis de colesterol, auxiliam no controle glicêmico e conferem maior sensação de saciedade, sendo importante para quem busca o emagrecimento.

Além de fibras, o grão de milho é constituído de calorias, gordura pura, proteínas vegetais, vitaminas (A, Complexo B e C), Ferro, Potássio, Zinco, Fósforo, Cálcio e celulose. Por não possuir a proteína glúten, pode ser utilizado por pacientes celíacos.

“Esse alimento pode ser consumido por essas pessoas intolerantes a glúten, seja por alguma doença, ou por aquelas pessoas que adotam uma dieta livre de glúten,” disse Stella Figueredo.

De acordo com a nutricionista, o milho cumpre ainda o importante papel de ajudar a prevenir doenças crônico-degenerativas por possuir a substância β-glucano, que protege contra enfermidades cardiovasculares e adia o envelhecimento, devido ao alto conteúdo de melatonina, substância produzida em pequenas quantidades pelo corpo, com propriedades antioxidantes que retardam a degeneração neuronal.

Não há como negar, o milho é um superalimento nutritivo para diversas culturas. Ao redor do mundo, existem diferentes variedades, como roxo, vermelho, branco e até colorido.

O milho é uma commodity, isto é, uma matéria-prima usada pela indústria para criação de diversos produtos industrializados, como ração para animais, xaropes e álcool. Presente também na indústria farmacêutica, onde é empregado em aproximadamente 85 tipos diferentes de antibióticos e na produção de óleos e de etanol.

O Brasil é o terceiro maior produtor mundial, com 64 milhões de toneladas anuais, atrás apenas dos Estados Unidos (em 1º, com 384 milhões de toneladas) e da China (em segundo, com 231 milhões de toneladas). No entanto, somente cerca de 5% de produção brasileira se destina ao consumo humano e, mesmo assim, de maneira indireta na composição de outros produtos, sendo a maior parte de sua produção é utilizada na alimentação animal e chega até nós através dos diversos tipos de carne (bovina, suína, aves e peixes).

Segundo Stella Figueredo, isto se deve principalmente à falta de informação sobre o milho e à ausência de uma maior divulgação de suas qualidades nutricionais, bem como aos hábitos alimentares da população brasileira.



Foto: Ortilio Antônio

Tradicional à mesa, o milho tem origem entre 7.500 e 12.000 anos atrás e ainda hoje é largamente consumido durante as festas juninas no Nordeste

Excelente opção para quem pratica esportes

Versátil e saudável, além de ser um daqueles superalimentos com inúmeros benefícios, o milho deve ser incluído na alimentação dos praticantes de atividade física, como uma fonte de carboidrato e energia. Cada 100 gramas (g) do milho em grão contém aproximadamente 360 kcal – o que representa perto de 20% da necessidade calórica de um adulto, em torno de 2.100 kcal diárias

“O grão é um importante aliado em programas de preparação física, exercícios aeróbicos, dentre outras modalidades de atividade. Além dos carboidratos, tem também as fibras alimentares que vai contribuir para ajudar o trânsito intestinal e também vai dar uma maior sensação de saciedade que vai manter um peso mais saudável,” enfatizou Stella Figueredo.

Conforme a nutricionista, o

consumo em excesso pode predispor a formação de depósitos de gordura no nosso organismo. Por essa razão, não se recomenda uma ingestão que possa ultrapassar a quantidade de calorias médias que um indivíduo deve ingerir em um período de 24 horas. O ideal é que a pessoa consuma abaixo de 450 gramas por dia.

Dicas para aproveitar o milho

Como temos grandes variedades de pratos que levam o milho em sua composição, as pessoas podem escolher a melhor maneira de consumir o alimento, quer seja na sua forma natural, ou em cereais matinais, mingaus, tortas, polenta, pipoca, cuscuz, bolos, farinha, pamonha, canjica e outros. É preciso apenas redobrar a atenção para a quantidade que está sendo ingerida, já que esse é um alimento caló-

rico e que proporciona muita energia, podendo provocar o acúmulo de gordura. Se consumido de maneira correta na rotina, o milho só terá benefícios a proporcionar.

“Em sua maioria, esses pratos são processados, liquidificados ou ralados, esse processo exclui as fibras desses alimentos, mantendo apenas o carboidrato simples, que ao se somar ao açúcar das preparações, aumenta a quantidade de glicose no organismo. Além do acréscimo do leite de coco e a manteiga que são fontes de gordura que em excesso são prejudiciais à nossa saúde. O fato é que as comidas típicas aumentam nossa ingestão calórica, de açúcar e de gordura em um pequeno intervalo de tempo, o que merece nossa atenção para a ingestão não ser excessiva, ou seja, usar porções controladas,” advertiu Stella Figueredo

Para ajudar na escolha certa, a especialista elaborou dicas com indicações de como aproveitar da melhor maneira cada prato.

Ao preparar o bolo de milho, canjica ou mungunzá, escolha a espiga do milho ao invés do milho enlatado ou da mistura pronta; Trocar ingredientes lácteos, como exemplo leite, creme de leite por versões com baixo teor de gordura, ou mesmo, sem gordura; Não utilizar leite condensado nas preparações; Reduzir a adição de açúcar, ou mesmo, substituir por adoçante dietético vegetal (stevia, sucralose ou xilitol); Para fazer a pipoca, evitar utilizar a versão pronta para micro-ondas, escolha o milho tradicional de pipoca. E quando ela estiver pronta, reduzir a quantidade de sal ou utilizar o sal de ervas. Evite a versão “doce/caramelizada” e amanteigada.



Foto: Ortilio Antônio



Foto: Edson Matos

Facilmente encontrado nas feiras livres, a produção de milho no país é de 64 milhões de toneladas anuais e cada 100g em grãos tem 360 kcal

FÉ JUNINA

Santo Antônio: milagres e simpatias

Festejado no Nordeste no período junino, milagreiro é conhecido por atender graças de fiéis do mundo todo

Sara Gomes
saragomesreporteraniao@gmail.com

No dia 13 de junho é comemorado o Dia de Santo Antônio. Nascido em Lisboa, o santo é bastante popular e muito querido pelos brasileiros, principalmente, no Nordeste. Apesar da fama de santo casamenteiro a qual o limitam, foi um grande teólogo da primeira geração de franciscanos. Em João Pessoa, seis paróquias são dedicadas ao santo, distribuídas nos bairros do Geisel, Jardim Cidade Universitária e em Tambaú. Na Paraíba, as cidades de Itatuba, Mata Redonda e Santa Rita homenageiam o santo.

O mês de junho é intenso do ponto de vista do calendário litúrgico, o que acaba refletindo também nas festas juninas. Em muitas paróquias adquiriu-se o costume de rezar a trezena de Santo Antônio, com muita festividade.

De acordo com a professora de Antropologia da UFPB, Luciana Chianca, as festas juninas são muito celebradas em Portugal, principalmente, nas cidades de Lisboa e Porto.

“Lá é chamado de festas populares. Santo Antônio é o padroeiro de Lisboa, já a Festa de São João é mais forte na cidade de Porto. O São Pedro é celebrado mais na zona portuguesa”, declarou.

A professora informa ainda que os portugueses trouxeram várias tradições católicas no período da colonização. “Os documentos históricos, Fernão Cardim escreveu que no ano de 1584, os indígenas ficaram encantados com as fogueiras e fogos de artifício que os portugueses aprenderam a fazer com os chineses. Os padres usaram a receptividade às tradições juninas como uma forma de evangelizar os índios”, revelou.

A imagem de santo casamenteiro começa com alguns milagres e

histórias populares que ganharam fama. Uma história muito conhecida, segundo o professor de filosofia da Faculdade Santíssima Trindade, catequista e pesquisador sobre religiões, Renan Pires Maia, é a história de uma jovem moça pobre da cidade de Nápoles, na Itália; a quem faltava o dote para se casar. Desesperada, rezou ao santo perante sua imagem. Caiu da mão do santo um bilhete que dizia para a moça procurar um certo comerciante da região, para ele desse o peso do papel em pratos. “Foi o que a moça fez, proposta que foi aceita pelo comerciante, que subestimou o peso do bilhete. No entanto, na hora de pesar foi preciso um grande volume de moedas para que a balança equilibrasse o peso do papel. Assim a moça conseguiu o dote”, contou. Outras histórias do tipo acompanharam o santo ao longo da história, de modo que o fez ganhar a fama de santo casamenteiro”, contextualizou.

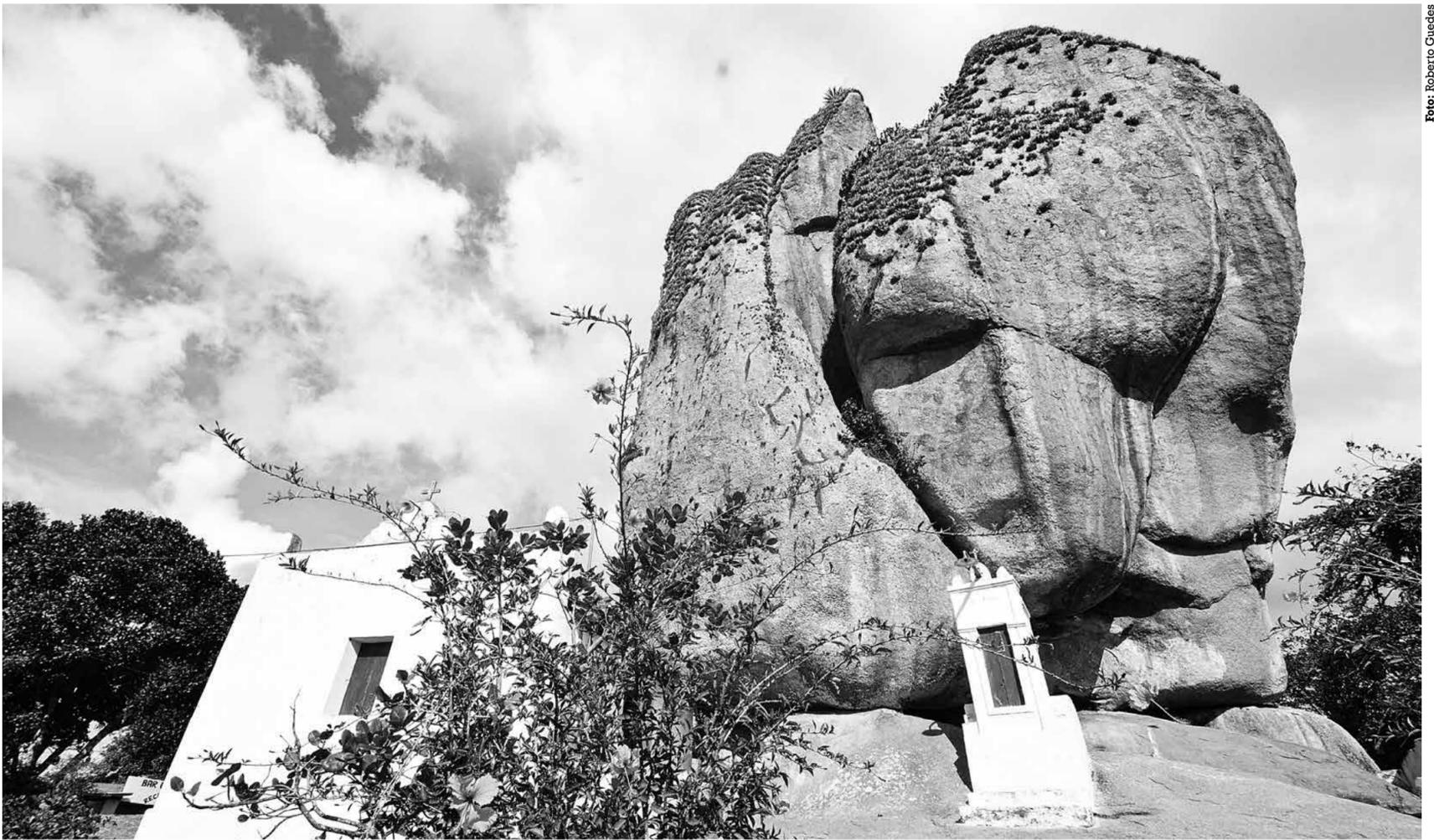
Obtenção de graças

Apesar de ser conhecido como o santo casamenteiro, Santo Antônio também tem sua imagem ligada às causas da vida cotidiana como saúde, emprego e fartura. A professora de idiomas Aparecida de Lima, 53 anos, revela que o padroeiro de sua casa é Santo Antônio. Seus pais Arlinda Lima, 84 anos, e Gaudêncio Victor, 92 anos, viviam de aluguel até o primeiro ano de casados. Para sair do aluguel, seu pai se inscreveu na Companhia Estadual Habitação Popular (Cehap) e fez a promessa a Santo Antônio pedindo que fosse contemplado. Dois meses depois foram sorteados com uma casa no Castelo Branco - primeiro conjunto habitacional de João Pessoa. “Meu pai nunca quis sair dessa casa para outro lugar pois ele sempre dizia que foi a casa dada por Santo Antônio e que só sairia dessa casa para o cemitério, como de fato aconteceu”, relatou.

“

Meu pai nunca quis sair dessa casa para outro lugar porque dizia que foi a casa dada por Santo Antônio

Aparecida Lima



Pedra de Santo Antônio fica em Fagundes, a 20 quilômetros de Campina Grande, e atrai turistas e devotos em busca de milagres e até passar pela fenda para “desencalhar”

Franciscano veio de família rica, mas optou pelo sacerdócio

Santo Antônio nasceu em Lisboa, no final do século 12. Fez parte de uma época frutífera de santos na história da Igreja. Santo Antônio veio de família rica, mas escolheu o caminho da pobreza. O professor Renan Maia explica que, inicialmente, o santo se tornou frade agostiniano, depois que se tornou padre, adentrou posteriormente na ordem franciscana, se tornando um dos principais aliados de São Francisco de Assis. “Ele realizou muitos milagres e pregações, sobretudo, na França e na Itália, confrontando os críticos da fé católica”, contou.

Algumas curiosidades, segundo o pesquisador:

* Santo Antônio de Lisboa e Santo Antônio de Pádua são na verdade o mesmo santo. Lisboa é o lugar onde o santo nasceu e Pádua é o lugar onde ele morreu.

* Seu nome de batismo era Fernando. Apenas ao se tornar Franciscano que muda seu nome para Antônio, em homenagem a Santo Antão (que também pode ser chamado de Santo Antônio)* Teve

um dos processos de canonização mais rápidos da história, dada a sua fama e a quantidade de milagres que havia realizado. O processo durou menos de um ano.

* Muitos anos depois de sua morte, quando seu corpo foi transferido para uma basílica construída em sua honra, constatou-se que a língua do santo estava incorrupta, fato testemunhado por outro grande santo e teólogo franciscano, São Boaventura. O fato foi interpretado como sendo um sinal de que as palavras transmitidas por Santo Antônio em vida transmitiam a verdade.

Pedra em Fagundes

O município de Fagundes, localizado a 20km de Campina Grande, é conhecido pela Pedra de Santo Antônio, que atrai diversas caravanas. A Festa da Pedra de Santo Antônio acontece, hoje, em que receberá um trio de forró pé de serra.

Neste período, as pessoas vêm para as romarias, mas também para agradecer e festejar. O coordenador de Cultura de Fagundes, Haroldo Gomes, informou que a festa

acontece desde antes da emancipação. “A cidade tem 65 anos de emancipação, sendo que as pessoas visitam a pedra desde que a lenda se tornou popular”, afirmou.

Segundo informações do Destino Paraíba, diz a lenda que a pedra passou a ser considerada milagrosa a partir da aparição de uma imagem de Santo Antônio, em meio a fenda contida em uma das rochas que compõe o local, em meados do século XIX. Esta imagem teria sido levada à igreja da cidade, ficando aos cuidados do padre da época. De repente, a imagem desapareceu e voltou, misteriosamente, à pedra. Isso aconteceu três vezes seguidas. De acordo com a lenda, a pessoa que passar três vezes por baixo da rocha com fé (mais precisamente pela fenda existente na pedra) vai conseguir um pretendente e, ao retornar no ano seguinte, estará casada ou em um relacionamento sério.

O local também atrai turistas por proporcionar uma bela vista do alto dos seus 950 metros, onde se pode ver parte do Agreste e Borborema do estado, além de ser rodeado por trilhas ecológicas e monumentos naturais.



Foto: pixabay

Santo Antônio nasceu em Lisboa, no final do século 17 e, em paralelo a toda contri-buição à Igreja Católica, caiu nas graças dos brasileiros como santo casamenteiro



Território é marcado pela sazonalidade canavieira e por estar em área de passagem para cidades maiores, a exemplo de Campina Grande e do Recife (PE), gerando fluxo de visitantes

JURIPIRANGA

Polo das artes e da cana-de-açúcar

Município tem como principal atividade econômica a cultura canavieira e concilia investimentos em cultura

Taty Valéria
tatyavaléria@gmail.com

Encravada na região do Vale do Paraíba, na divisa com o estado de Pernambuco, Juripiranga é um município em que sua principal atividade econômica gira em torno do ciclo da cana-de-açúcar. Com 10.237 habitantes, distribuídos numa área territorial de 79 quilômetros quadrados, a cidade possui sua própria cultura, história e virou um polo de arte com o Cine Paraíso, festival que desde 2017 faz a cidade, e demais municípios da região respirar cinema.

Para a historiadora Marcia Santos Silva, a viver em Juripiranga traz a sensação de pertencimento. “Você é pertencente a uma cidade que faz ligação com outros municípios e é uma cidade de passagem. Isso nos torna um povo hospitaleiro, acolhedor, que valoriza suas tradições, festeira e que sabe preservar suas tradições”, afirma Marcia, que faz ainda um adendo. “Apesar da violência urbana ter chegado em todas as cidades do interior, aqui ela ainda não é tão presente, então temos uma cidade segura”.

Crescer em Juripiranga, para o professor Francisco Soares, é estar conectado com as suas ancestralidades. “É ir bater papo na casa dos amigos, é caminhar nas ruas e cumprimentar conhecidos, é comer aquela comidinha com o tempero afetivo que só o interior tem, é poder contar com o auxílio quando a gente precisa, é encontrar conforto nas horas de angústia e desfrutar das tantas alegrias, sabores, e amores que só uma cidade interiorana sabe oferecer”.

Francisco também considera que estar na divisa entre dois estados e ser rota de viajantes, traz vantagens para o município. “Por ser uma rota que liga grandes cidades, como, por exemplo, Recife e Campina Grande, Juripiranga acaba sendo o ponto de parada de muitas pessoas que viajam nesses trajetos. O que acaba gerando uma grande rotatividade de pessoas na cidade, e, por conseguinte, movimentando o comércio e divulgando o nome de Juripiranga para muitos outros recantos do país”.

Chapéu de palha: tradição ficou no passado

Até a segunda metade dos anos 80, Juripiranga era conhecida nacionalmente pela confecção de chapéus de palha de carnaúba, que foi substituída pela industrialização. O professor Francisco Soares lamenta que essa prática tenha sido esquecida. “O chapéu de palha foi sendo deixado no passado e não houve fomentos a fim de que artesãos pudessem manter suas rendas a partir de outros produtos feito da mesma matéria-prima, o que resultou na decadência da cultura da palha de carnaúba”, diz.

Apesar de ser uma técnica deixada no passado, a historiadora Marcia Santos lembra que a época de “ouro” da fabricação do chapéu de palha de carnaúba se deu nos anos 1960 e traz uma história curiosa sobre essa prática. “Naquela época, havia uma dependência muito forte do sustento das famílias na agricultura familiar e na Usina Olho D’água, mas o chapéu de palha, durante o período do ano que terminava a safra da usina, se tornava a principal fonte de renda da cidade porque produziam e vendiam pra muitas cidades”. Mesmo com essa importância econômica, a força de trabalho era majoritariamente feminina.

“As mulheres da minha família também participaram des-

“

Apesar da violência urbana ter chegado em todas as cidades do interior, aqui ela não é tão presente, então, temos uma cidade segura

Marcia Santos



Fotos: Prefeitura de Juripiranga

Produção de chapéu de palha de carnaúba é uma tradição local

sa força de trabalho e durante os meses em que a cana-de-açúcar não empregava mão de obra, as mulheres se tornavam as chefes de família. Elas ficavam nas calçadas de suas casas trançando os chapéus e os maridos ficavam ao lado, fumando um cigarrinho de palha”, conta Marcia.

“Como a cidade era passagem para motoristas de outras cidades, quando eles viam a mulher trabalhando e o homem ocioso, diziam que Juripiranga era

o “paraíso dos homens”, o que deixava todos bastante furiosos, porque era como se os chamassem de preguiçosos”, diz a historiadora, que faz um adendo em respeito à memória local. “Eles não eram preguiçosos, trabalhavam na agricultura, mas aquelas cenas ficaram no imaginário dos viajantes”.

O ciclo da cana-de-açúcar ainda é a grande geradora de mão de obra da região, mas a dependência já foi muito maior. O comércio local se expandiu e com os auxílios governamentais, a cidade conseguiu se desenvolver para além do cultivo e manejo da cana. Outro ponto que merece destaque na economia local são as festas religiosas.

“A tradicional festa do padroeiro São Sebastião é o maior evento que a cidade promove. Realizada em fevereiro e março, o evento enche a cidade de turistas, movimentando o comércio e a cultura local, culminando com a procissão do santo São Sebastião, que reúne milhares de pessoas, sendo um dos maiores eventos religiosos das cidades circunvizinhas, quanto o evento profano, com a realização de sho-

ws com a apresentação de artistas locais, regionais e nacionais”, diz Francisco.

Cine Paraíso

O Cine Paraíso é um festival que oferece, desde 2017, oficinas, debates, sessões ao ar livre e sessões destinadas ao público infanto-juvenil nas escolas públicas (presencial ou de modo virtual). Na última edição, realizada em 2022, foram exibidos 20 filmes de curta-metragem realizados na Paraíba e produções nacionais.

O projeto tem patrocínio da Cagepa, através de edital para apoio às Mostras e Festivais do Estado da Paraíba, Governo Federal e apoio da prefeitura. “A proposta é democratizar o acesso à filmes de produções regionais e nacionais por meio de sessões na cidade de Juripiranga. A população tem a oportunidade de assistir, gratuitamente, aos mais recentes filmes brasileiros e paraibanos que não circulam nas grandes mídias, bem como a participação em oficinas e fóruns sobre o audiovisual e sua difusão em nosso estado”, diz João Paulo Lima, produtor cultural e coordenador responsável pelo festival.



Cidade possui população estimada em 10.237 pessoas

Foto: Saullo Dannyick/Divulgação



Diretor orientando a jovem protagonista, Vitória Bianco: o filme é “a maneira que eu tenho de exercer o meu feminino na arte”

“A Paraíba é um mundo”

Premiado realizador André Morais conta detalhes do seu próximo filme, ‘Malaika’, longa cuja protagonista é uma jovem albina, filha de pais negros, que mora no Sertão do Estado

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Como nasce uma personagem protagonista no cinema? Pelos corredores de uma tradicional escola católica, em Catolé do Rocha, na Paraíba, transita a imagem de um corpo marcado por uma cor e uma condição genética: uma existência rara. Para encontrar a personagem Malaika, menina albina, filha de pais negros retintos no Sertão paraibano, o diretor André Morais precisou se deparar antes com uma mostra do fotógrafo mineiro Gustavo Lacerda chamada *Albinos*. “Fiquei muito intrigado com aquela exposição e pensando que eu não conhecia um filme protagonizado por alguém que tivesse essa condição, vivenciando na

de Morais começou a ser desenvolvido em 2016 e é esperado para estrear apenas no início do próximo ano. Mas a produção já é bastante aguardada depois de *Rebento* (2018) – seu primeiro longa –, ter conquistado mais de 30 prêmios nacionais e internacionais. Realizado com 120 artistas paraibanos, entre elenco e equipe, Malaika foi considerado o melhor projeto audiovisual no Festival Internacional de Cinema de João Pessoa e financiado pelo Prêmio Walfredo Rodriguez, da Funjope. Para se aproximar da personagem, a música também foi uma inspiração através da voz de Miriam Makeba. Ela canta a canção que dá nome ao filme e é um hino de amor presente no imaginário coletivo da Tanzânia e em todo o leste africano.

A composição simples em língua *swaáli* diz: “Malaika, nakupenda Malaika”, que significa “Anjo, eu te amo, anjo”. E ser a tradução de anjo não é algo fortuito para esse filme. A personagem principal do longa guarda em si algo de místico que se intensifica pela destituição das referências reconhecíveis que identificam um indivíduo em um grupo. A característica principal que define Malaika é o que Morais chama de um “não lugar social”. “Ela tem a pele branca de uma albina, mas tem toda a ancestralidade negra. Ela está entre a infância e a adolescência, e entre o masculino e o feminino. Existe esse contraste, que é da natureza e gera um estranhamento social”, adianta o diretor.

Assim como já fez em outras produções, André Morais constrói o arco narrativo de seus personagens no cinema

através de uma figura feminina vivenciando no transcorrer de um dia uma transformação que vai impactar a vida delas por inteiro.

Aura mítica

Malaika vive as 24 horas de um dia movendo transformações interiores dentro do universo social que a oprime. “O filme brinca um pouco com a temporalidade. Não se sabe exatamente a época em que ele se passa – apesar de os figurinos e cenários darem alguns indícios. E, no meio do filme, existe uma passagem de 30 anos. Ele bebe do fantástico. A aura mítica em torno de Malaika também está na forma que a gente conta a história”, antecipa o realizador.

Místico também parece ter sido o encontro do cineasta com a atriz protagonista, a jovem de 16 anos, Vitória Bianco. Há três anos, André Morais lançou uma seletiva nacional para encontrar sua Malaika e recebeu muitas inscrições. Surpreendentemente, ele acabou achando-a em João Pessoa, por ser vizinha de uma amiga.

“Recebi um vídeo superprofundo dela falando sobre si. A equipe ficou toda encantada”. A jovem sem experiência prévia de atuação passou por um processo intensivo de formação, com aulas de preparação por quatro meses antes de começarem as filmagens, em janeiro deste ano. As aulas foram dadas pela atriz Ingrid Trigueiro, que também atua na produção, e já havia protagonizado *Rebento*. De alguma forma, é como se a protagonista do primeiro longa de Morais estivesse gerando para as telas a sua

sucessora. Essa não é a única reincidência entre os filmes. Com *Malaika*, André Morais volta a falar sobre a infância, assim como já havia feito em *Alma*, curta de 2005. A maternidade é outra recorrência nos trabalhos de Morais, como está presente tanto em *Alma* quanto em *Rebento*. “Essa é a maneira que eu tenho de exercer o meu feminino na arte. Naturalmente eu vou para esse lugar”, explica o diretor.

Grande parte da equipe com quem o cineasta está habituado a trabalhar também estará presente em seu próximo filme, a exemplo do diretor de fotografia, João Carlos Beltrão, o assistente de câmera, Aderaldo Júnior, e as produtoras executivas Nina Rosa e Metilde Alves. André Morais também promove a atriz a premiada artista da dança Joyce Barbosa. No elenco estão ainda nomes como Margarida Santos, Paulo Vieira de Melo, Ubiratan de Assis, Ana Raquel Apolinário, Ana Bandeira e Márcio de Paula.

“Sinto com esses processos que também vivo uma transformação com eles. São filmes humanistas e íntimos”, define o cineasta. “O meu trabalho não é de grandes públicos, embora eu ache que ele possa ser acessado por qualquer público. Minha intenção nunca foi que ele fosse fechado tematicamente. Tenho lutado para que esse trabalho possa reverberar em um público cada vez maior, sem perder a sua essência. Meu trabalho vai chegar onde ele precisa chegar, onde tiver espaço. A Paraíba é um mundo. O Nordeste é um mundo”, conclui André Morais.



Foto: Saullo Dannyick/Divulgação

Grande parte da equipe com quem o cineasta paraibano está habituado a trabalhar está presente em seu segundo longa-metragem, que tem lançamento previsto para o próximo ano

sociedade. Me pareceu muito dramático ter a luz do sol como algo que pode ser uma opressão para a pele e para os olhos”, lembra o cineasta paraibano.

Em estágio de montagem, o segundo longa-metragem

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Lipovetsky, a moda e o efêmero

A moda não é algo universal, ela possui uma história muito particular, sendo capaz de florescer apenas em circunstâncias sociais muito específicas. O filósofo francês Gilles Lipovetsky, grande estudioso da moda, dizia que a vida em sociedade tradicionalmente dispensou o culto às novidades. As sociedades do passado desconheciam a noção de efemeridade e instabilidade do tempo, que são indispensáveis para a moda. Eram sociedades que mudavam, mas de uma maneira mais lenta e que possuíam senso e práticas estéticas diferentes.

No livro *O Império do Efêmero*, Lipovetsky conta que só com o fim da Idade Média podemos observar o nascimento da moda como sistema estruturado, com suas regras próprias, valores e signos. A moda permitiria a recriação, através das formas, de valores mundanos, especialmente aqueles ligados às classes abastadas que buscam no vestuário um meio de distinção social.

O vestuário predominou, nos séculos 19 e 20, como grande expressão da moda. Lipovetsky argumenta que são nas roupas e acessórios que as inovações mais profundas e rápidas se materializam. A aparência assumirá um lugar central na história da moda. Trata-se da expressão mais bem-acabada do mundo das futilidades, apesar de não esgotá-lo totalmente. Qualquer

pretensão teórica de tratar essa questão, porém, tem que lhe dar a devida importância. Como dizia o filósofo: “A inteligibilidade da moda passa em primeiro lugar pela do feérico das aparências: tem-se aí o polo arquetípico da moda na era aristocrática”.

Um fato curioso e de importância para a sociologia da moda é que só gradativamente a moda atingiu as classes trabalhadoras. A moda se funda numa hierarquia que reflete a estratificação social. Cada sociedade separa as vestimentas de acordo com as classes sociais e as funções desempenhadas pelos indivíduos, separação que é reforçada pela tradição e por determinados códigos de linguagem.

No mundo aristocrático, as roupas da moda se constituíam num tipo de consumo luxuoso exclusivo da nobreza. Segundo Lipovetsky, os séculos 13 e 14 trouxeram uma novidade. É o momento que está ocorrendo o processo de acumulação primitiva do capital, o desenvolvimento do comércio e dos bancos e o aumento das fortunas da burguesia. A ascensão burguesa implicou no surgimento da figura do novo-rico, que vai rivalizar com a aristocracia nobiliárquica, estabelecendo um novo estilo de luxuoso e um senso estético. Um pouco mais à frente, isto é, nos séculos 16 ao 17, a moda começa a alcançar

a pequena burguesia e setores da classe média. Lipovetsky lembra que advogados e pequenos comerciantes agora passam a usar os mesmos tipos de tecidos e acessórios como as toucas e rendas que eram usados pela nobreza. No século 18, o processo se aprofundará, mas com um recorte de classe que excluiria o mundo rural e as classes urbanas menos abastadas.

É a partir do século 20 que a moda atingirá a maior parte dos estratos sociais. Isso se deu devido às revoluções industriais e ao desenvolvimento técnico científico que mudaram a maneira como os vestuários são produzidos. Outro fator fundamental é o aparecimento da indústria cultural, que ajudou a criar a cultura e a moda de massa. Nesse cenário, a efemeridade típica da moda passa a ser um elemento importante para alimentar o consumo, cuja lógica está baseada na aquisição e no descarte. Na busca incessante pelo novo, que é alimentada pelas propagandas do cinema, do rádio e da TV. Dessa maneira, afirma Lipovetsky: “Uma cultura sem rastro, sem futuro, sem prolongamento subjetivo importante, é feita para existir no presente vivo. Como os sonhos e a tirada espirituosa, a cultura de massa, no essencial, repercute aqui e agora, sua temporalidade dominante é aquela mesma que governa a moda”.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Comportamento autodestrutivo

O comportamento autodestrutivo são hábitos que prejudicam o corpo e a mente humana. É uma resposta a uma dor emocional reprimida, a qual pode ter inúmeras causas, as quais podem ser: medo do fracasso; medo do sucesso; sentimento de apequ岸amento; não apresentar autonomia e nem competências; sintomatizar o sentimento de rejeição. Quando o indivíduo não consegue exteriorizar o que sente de maneira saudável, ele utiliza os mecanismos de sublimação mais disponíveis para si. Por exemplo, transfere as próprias frustrações aos outros, abusa do consumo de álcool e/ou de drogas ilícitas e demais que destroem a autoconfiança. Os sintomas desse aniquilamento produzem o sentimento de prazer quando são experimentados. Uma forma de aliviá-los é o escapismo, que são constituídos de estresse, de mágoa, de ansiedade, de vergonha, de depressão e dos pensamentos ruins. Geralmente, alguns sentem a necessidade de extravasar sentimentos negativos por meio de encontros com amigos através de momentos que oscilam entre os estados de tristeza e de alegria, de forma a intensificar a fuga e a experienciar o prazer imediato e a dependência compulsiva para o desabafo das angústias. São comportamentos que podem conduzir o indivíduo a habilidade de mentir continuamente para si mesmo, de forma a sempre fracassar diante do seu projeto de vida. Bem como ao resultado extremo do autoextermínio.

O comportamento autodestrutivo apresenta estas características: “Reage de forma negativa ao sucesso”, pois apresenta baixa autoestima quando um objetivo é alcançado e menospreza as próprias realizações. Sendo incapaz de valorizar a si mesmo e as suas qualidades; “autossabotagem”, como não se sente merecedora, frustra seus relacionamentos, seu trabalho, suas vitórias, os pequenos prazeres que sente ao fazer uma atividade e, principalmente, seu desenvolvimento pessoal. Encontra defeitos e empecilhos em tudo para justificar a sua necessidade de frustração. É comum que esse comportamento seja inconsciente e a pessoa não se dê conta das oportunidades perdidas; “crenças negativas”, por não conseguir apresentar a positividade dos bons resultados; “agressividade descontrolada”, geralmente a raiva é um dos muitos sentimentos reprimidos em pessoas



Foto: Pixabay

Conduta autodestrutiva é revertida pelo afeto

autodestrutivas. Ela pode se manifestar de forma incontrolável diante da adversidade ou em situações que não apresenta a tensão emocional. Esse comportamento hostil não aceita as sugestões dos outros por considerar que todos os usam com o objetivo de provocar um ataque pessoal. Desse modo, a reação é de desgastar relacionamentos onde se convive; “abuso de substâncias”, que o dano mais conhecido do comportamento autodestrutivo. Os efeitos desse vício são de reviver um curto período de prazer. Esse hábito causa diversos problemas para amigos e familiares; “atitudes conflituosas”, apesar de desejar e apresentar uma bondade, esse comportamento não permite cumprir responsabilidades e cria discórdia no ambiente de trabalho. Caracteriza-se por ser um conflito entre o querer e o não querer. É o comportamento que não consegue alinhar seus desejos com seus comportamentos. Depois, sente-se culpado por ter gerado sofrimento aos outros, que é incompreensível para si mesmo e não entende o que deve ser feito para não agir dessa forma; “desejo de automutilação”, essa ocorrência é uma forma de aliviar a dor psíquica; força coercitiva do controle, surge quando se passa por momentos de grande adversidade e no sentimento de impotência. A tendência é procurar algo que crie a ilusão do domínio às decisões do outro, enquanto não se consegue resolver as próprias frustrações.

Reverter o comportamento autodestrutivo se faz necessário identificar

a suas causas, a fim de substituí-lo por hábitos saudáveis que alivia a dor emocional. Deve-se intensificar a compreensão de que é possível mudar a forma de pensar e de agir. Isso é necessária para iniciar a ressignificação das crenças e dos episódios negativos os quais o indivíduo vivencia. Diante disso, o autoconhecimento é um processo de auto percepção. Para isso, deve-se descobrir o que se é e o que se deseja ser, além da importância de identificar as próprias qualidades, defeitos, sonhos e as várias habilidades que serão potencializadas. Nesse processo, compreende-se que o indivíduo é o responsável pela reconstrução dos seus afetos, bem como a sua forma de senti-los e de suportar as reações à adversidade. Por isso, pode-se tomar decisões mais resilientes e conscientes de seus benefícios do cuidar de si e dos outros.

O autoconhecimento identifica a origem dos comportamentos autodestrutivos, bem como encontra soluções para eliminá-los. E, para isso, geralmente, deve-se fazer psicoterapia. Ela ajuda a encontrar a causa primária do mal-estar, a fim de aproveitar melhor a existência com mais alegria e a reconstrução dos afetos nos relacionamentos. Diante disso, ajudar um indivíduo autodestrutivo, é preciso paciência e compaixão. Deve-se manter um diálogo brando e livre de julgamentos, sem invadir a privacidade dele. Aconselhá-lo e incentivá-lo a realizar uma atividade física e descobrir uma nova atividade que estimule as suas habilidades é necessário para atuar de forma eficiente no comportamento harmonioso. Assim, ficará mais fácil para o indivíduo – que precisa ser amado – sair do estado de negação e lidar com a solução da sua autodestruição na complexa arte de ser feliz, de forma a construir a própria dignidade.

Sinta-se convidado à audição do 423º Domingo Sinfônico, deste dia 11, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintonize FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei a vida e algumas peças que apresentam temas trágicos do pianista russo Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893). Seu pensamento musical apresenta vários estilos, bem como os romantismos alemão e francês, ambos do século 19. Também expõe uma intensa força emocional onde são vulcanizadas as paixões, e as habilidades de suportar suas errâncias.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O amor de volta

O filme *Seu Amor de Volta (mesmo que ele não queira)*, de Bertrand Lira, é sensacional. As histórias reveladas no furtivo espaço das imagens, lembram (des)contamentos. A escuridão nos leva para os quadros de Caravaggio. Um filme quase todo feito à luz de velas.

Relatos contundentes, cheios de cenas reais, quando os atores parecem que estão na plateia e vão entrando na tela e se aproximam do propósito do diretor, de questionar a obsessão dos humanos por amor. E o amor ali parece bem mais frio que morte. É impressionante essa indagação revelada ao extremo e o documentário de forma mais tão incisivo, pelo que é sugerido.

As cenas que ilustram a inquietação de Bertrand estão protagonizadas pela atriz trans paraibana Danny Barbosa, que representada desejo e dor, na busca por uma relação estável, que não existe, nem existirá. A moça impressiona não apenas por sua fala e interpretação na precisão da vida, como também pela coragem de se colocar vulnerável em frente às câmeras, evitando traumatizar sua história. É preto no branco.

Se uma história puxa outra, o ator William Muniz tem seu brilho intenso, mais real, impossível, além, claro de Afrovalter, Pai Júlio, Mãe Severina e Pai Nelito, que não trazem o amor de volta, mas apontam caminhos e elevam o documentário, tanto na forma, quanto no clímax que, certamente, ainda será buscado por *zil* anos. Será que o amor volta? Ou será que é só sexo?

Zumbindo em seus instantes de glória, a cena final em que o trans canta a canção ‘Garota Solitária’, de Adelino Moreira, sucesso na garganta de Ângela Maria, é um escândalo: “Será que eu sou feia? Não é, não senhor! Então, eu sou linda? Você é um amor”, mas o filme não termina nunca.

A trans Danny Barbosa mostra as vibrações no encontro com a cartase mais e mais espessa, até na cena em que aparece Corrinha Mendes e o mestre Buda Lira – uma beleza que não finda.

Vá ao Cine Bangüê, em João Pessoa, conhecer a histórias de vidas que ainda não passaram na sua *timeline*, num pronto para a vigília, os delírios e devaneios que o gênero humano é capaz de sobreviver. E não há mistério. É um filme quente, que tem até uma cena de sexo em curso.

Pois bem, cada depoimento, feito um par de olhos turvados em excesso e, no entanto, as personagens estão vivas e vão permanecer assim, mesmo depois do fim. A atriz Marcela Cartaxo aparece no auto da sua postura mulher solitária, jamais a Macabéa de Clarice Lispector. Jamais.

Na paisagem, a atriz Zezita Matos, falando da perda do amor, seu marido Breno, separação de corpos e no juízo final, sim ela é uma paisagem, sempre um pressentir o início, o meio e fim, que há nesse tronco de vida, esses braços e pernas, nesse rosto boca e narinas, ao revelar a perda do grande amor Breno, num silêncio ensurdecedor bem antes de perdê-lo em definitivo. É a estrela solitária desse encontro, mas é bonito demais.

O trans em seu posto, cada qual brilha a gosto, histórias bem cruéis de amores perdidos na vida, na calçada e no baile, que uma pessoa enfrenta para sentir um pouco do gozo. É demais. É demais esse filme de Bertrand Lira.

Búzios, cartas, banhos e pontos do candomblé, tudo está no filme, com tanta intensidade fincado em cruces em toda pele e há uma premência, em toda vida um engano, um corpo querendo gozo, uma alma aflita em seus ciclos, mas o filme não é uma ilusão, é um espelho, não é uma ponte, é arte do desencontro, uma decisão, é o amor, que já um pouco de saúde.

Kapetadas

1 - Quem é capaz de preparar sua própria comida dá mais atenção ao apetite que à fome;

2 - Ah, bons tempos aqueles em que se dizia “Tudo vai dar certo!” e, às vezes, dava.

Foto: Alessandro Potter/Divulgação



Cena do filme ‘Seu Amor de Volta (mesmo que ele não queira)’

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Cinema e história de muitas lutas e resistências

A História da Paraíba, de “lutas e resistência”, sempre foi para o cinema paraibano um motivo a boas imagens. Já nos meus primeiros anos de ginásio, muito bem influenciado pelas leituras no historiador Horário de Almeida, acenderam em mim as luzes da curiosidade sobre o nosso passado histórico e me fizeram debruçar sobre as bravas aventuras dos nossos ancestrais – os heróis nativos e a submissão de que foram vítimas por invasores holandeses, portugueses, enfim...

Tais narrativas me fizeram buscar, dentre os episódios acontecidos mais recentemente, aquele rotulado de Revolta do Quebra Quilos, acontecida em 1874. Movimento iniciado nas cercanias de Campina Grande, que desceu os contrafortes da Borborema até à Vila de Independência (hoje, Guarabira) e se espalhou por todo o Nordeste. Saga essa que documentei durante a gestão de Zenóbio Toscano na Prefeitura de Guarabira, se não me engano, lá pelos idos de 1982. Trabalho que me foi lembrado esta semana pelo amigo também historiador paraibano.

Na verdade, não só em Horário de Almeida fui buscar subsídio histórico para as minhas realizações. Algumas delas premiadas nacionalmente. Tenho buscado também em um



Edição de 1995 da obra de Arruda Mello

influente historiador, amigo meu de havia muito. Nele, venho encontrando auxílio à revisão dos meus parcos conhecimentos históricos. Seu nome, José Octávio de Arruda Mello, parceiro de imprensa e de algumas obras em cinema e audiovisual – *Parahyba* (curta multipremiado, que realizamos com Jureny Bitencourt); *Parahyba: Saga e Cinema no Quarto centenário*; *Remake: A história de um reinício*, entre tantos outros, sempre evocando a nossa trajetória histórica.

Tenho-o seguido em sua busca tenaz pela verdade dos fatos, escrevendo e publicando sempre, quer seja em livros ou pela imprensa, razão que me faz ver no amigo Zé Octávio uma espécie de guardião da História da Paraíba.

E esta semana, como é de costume nosso, mais um encontro proveitoso, no que diz respeito à reedição de uma das suas importantes obras: *História da Paraíba – Lutas e Resistência*. Livro cuja edição de 1995 me foi dado de presente pelo autor, justamente naquela época, e que traz, inclusive, a citação de meu nome entre os pesquisados, pelo meu também relato sobre Walfredo Rodriguez e a cultura paraibana. Obra publicada em 1989, pela EGN Ltda., resultado de um seminário que coordenei sobre um dos pioneiros do cinema paraibano, na Fundação Casa de José Américo de Almeida (FCJA).

Pois bem. Agora, o parceiro Zé Octávio me traz mais essa boa notícia, de que está relançando *História da Paraíba – Lutas e Resistência*. Lógico, segundo me disse, uma obra revista e concentrada mais nos capítulos que tratam das nossas origens, ocupação, poderes e gestores políticos, na história paraibana. Parabéns e sucesso, parceiro! – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.

Letra
 Lúdica
 Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Livros à mesa

O rio, elemento fundamental da geografia física e humana, tem sido, ao longo do tempo, motivo poético recorrente. Heráclito lhe conferiu estatuto filosófico e simbólico, e os poetas nunca deixaram de cantar suas águas, margens e histórias.

Eu mesmo já me exercitei, espionando a temporalidade do Paraíba, em terras áridas e secas, num oratório que integra o livro *Ofertório dos bens naturais*. Camões, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Francisco Carvalho e tantos outros tocaram, aqui e ali, o aquático vocabulário que se move pelas águas do rio.

Navego, agora, pelo Paraíba, compulsando a segunda edição de *O rio: coletânea de poemas sobre o Paraíba* (Teresina: Fundapi, 2022), organizada por Cineas Santos e Adriano Lobão Aragão. A obra reúne 40 poetas e 40 poemas, entre antigos, modernos e contemporâneos, mesclando olhares líricos que observam e capturam o rio em múltiplas facetas.

Admiração, espanto, empatia, alerta, protesto, denúncia, tudo vem à tona pela voz e pela percepção de cada poeta. Nomes já consagrados, como Da Costa e Silva, Álvaro Pacheco, Francisco Miguel Moura, H. Dobal, Olympio Vaz e Clóvis Moura se juntam a nomes mais recentes, como Fransued do Vale, Salgado Maranhão, Nathan Souza, Paulo Machado e Renata Flávia, entre outros, para a configuração do rio, em toda sua extensão simbólica.

Não se trata, a rigor, de uma antologia, que pressupõe, a princípio, a medida da excelência estética. Trata-se de uma reunião centrada no critério temático, portanto, voltada, sobretudo, para o valor documental e histórico, na medida em que, para além do dado poético e expressivo de muitos poemas, vê-se o grande rio em outras nomenclaturas, a exemplo da econômica e da ecológica.

H. Dobal, que assina a apresentação da primeira edição, de 1980, chama a atenção para isso, ao afirmar que “toda preocupação ecológica é, acima de tudo, uma preocupação com a humanidade, já que ninguém (e Cineas Santos muito menos) deseja um paraíso desabitado. (...) A homenagem ao rio não pode ficar apenas como um tributo à música desse nome – Paraíba –, mas ressoar como um chamado à realidade”.



A antologia *12 poetas de Oeiras* (Teresina: edição do autor, 2013), com prefácio do poeta e cronista Rogério Newton, um de seus integrantes, reúne algumas vozes líricas que já podem integrar a tradição poética da velha cidade do Piauí, que deu nomes, como Licurgo de Paiva e Antônio Gentil de Souza Mendes, ainda no século 19, e, no século 20, um Nogueira Tapety, um Luiz Lopes Sobrinho, um Gerson Campos, um Guadêncio de Carvalho e um Fred Maia, entre outros. Poetas que, se não tiveram repercussão nacional, como bem assinala o prefaciador, abriram caminhos para as novas gerações que procuram manejar as palavras no ofício do verso.

São contemporâneos, portanto, os que participam dessa coletânea, ilustrando, em certo sentido, o potencial lírico da cidade, com seus poemas selecionados para a composição da obra.

Anna Bárbara de Sá, Dagoberto Carvalho Jr., Edilberto Vilanova, Jadson Santos, João Carvalho, Paula Nunes Alves, Pedro Igor, Rogério Freitas, Rogério Newton, Stefano Ferreira, Vivaldo Simão e Xico Carbó se revelam, cada um a seu modo, nos compassos da expressão poética, a partir de uma perspectiva lírica de variadas matizes e tonalidades, seja pelos procedimentos formais, seja pelo conteúdo temático.

Mesmo diante de concepções técnicas e estilísticas diferentes, é possível observar, em cada autor e em cada dição, o esforço pela limpeza retórica do verso, pelo espírito de síntese, pelo vigor substantivo, a conduzir o olhar e a percepção na captura de motivos universais, cotidianos, metalinguísticos e existenciais.

Nota-se, também, em alguns poemas, certo timbre de rebeldia e indignação, principalmente quando a voz lírica se volta para as questões públicas e sociais, correndo-se o risco, aqui, da arte poética sucumbir perante o postulado ético das boas intenções.

No entanto, vejo com bons olhos trabalhos dessa natureza. De certa maneira, a fala dos poemas também pode ser uma via de acesso às veias e às artérias da cidade, não somente no âmbito de suas fronteiras geográficas e urbanas, mas também, e, sobretudo, nas zonas menos tangíveis de sua psicologia social e de sua componente simbólica. Isto, sem esquecer o valor documental de volumes como esse, tanto para a crítica quanto para a história literária.

Colunista colaborador



Zeze Matos em “palcos televisivos”

A presidente da Academia Paraibana de Cinema, a atriz Zeze Matos, e o ator Fernando Teixeira, ocupante da cadeira 15 da APC (patrono Jurandy Moura), estão no documentário *Em palcos televisivos*, com direção de Fabiano Diniz. O longa-metragem foi premiado no Fest Aruanda, já estando no catálogo na plataforma *streaming* do próprio festival.

O longa, que se originou de um trabalho de pós-graduação na UFPB, com foco no teatro e no jornalismo paraibanos, traz declarações dos atores Zeze Matos e Fernando Teixeira, também de Edilane Araújo, apresentadora de TV.

EM cartaz

ESTREIAS

O DEMÔNIO DOS MARES (O Demônio dos Mares. EUA. Dir.: Adrian Grunberg. Terror. 16 anos). Paul Sturges (Josh Lucas), um petroleiro que decide levar sua família em uma viagem de férias para a praia, mas o passeio se transforma em uma pesadela quando eles acabam presos em uma plataforma no meio do oceano. CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 16h45 (exceto sáb.); CINE SERCLA TAMBÁ 1 (dub.): 21h.

TRANSFORMERS – O DESPERTAR DAS FERAS (Transformers: Rise Of The Beasts. EUA. Dir.: Steven Caple Jr. Ficção Científica. 12 anos). Noah (Anthony Ramos), um jovem astuto do Brooklyn, e Elena (Dominique Fishback), uma ambiciosa e talentosa pesquisadora de artefatos, são arrastados para o conflito enquanto Optimus Prime e os Autobots enfrentam o terrível novo inimigo empenhado em sua destruição chamado Scourge. CINEPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h45 - 17h45 - 20h45; CINEPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (3D): 13h45 (dub.) - 16h30 (dub.) - 19h15 (dub.) - 22h (leg.); CINEPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 15h15 - 18h15 - 21h15; CINEPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 13h45 - 16h30 - 19h15 - 22h; CINE SERCLA TAMBÁ 3 (dub.): 21h; CINE SERCLA TAMBÁ 6 (dub.): 15h45 - 18h15 (3D) - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h45 - 18h15 (3D) - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (leg.): 21h.

CONTINUAÇÃO

BOOGEYMAN – SEU MEDO É REAL (The Boogeyman. EUA. Dir.: Rob Savage. Terror. 16 anos). Baseado em *best-seller* de Stephen King, uma terrível entidade sobrenatural que persegue famílias e se alimenta do sofrimento de suas vítimas está atrás de uma estudante e sua irmã mais nova, que estão de luto pela morte recente da mãe. CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h15 (exceto sáb.).

HOMEM-ARANHA ATRAVÉS DO ARANHAVERSO (Spider-Man: Across The Spider-Verse. EUA. Dir.: Joaquim dos Santos, Justin K. Thompson e Kemp Powers. Animação. Livre). Depois de se reunir com Gwen Stacy, Homem-Aranha é pego através do Multiverso, onde ele encontra uma equipe de Pessoas-Aranha encarregada de proteger sua própria existência. CINEPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 13h - 19h; CINEPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h - 17h - 20h; CINEPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 12h40 (sáb. e dom.) - 15h30 - 18h30 - 21h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 12h40 (sáb. e dom.) - 15h30 - 18h30 - 21h30; CINE SERCLA TAMBÁ 1 (dub.): 18h20; CINE SERCLA TAMBÁ 2 (dub.): 14h40; CINE SERCLA TAMBÁ 3 (dub.): 15h40; CINE SERCLA TAMBÁ 4 (dub.): 20h20; CINE SERCLA TAMBÁ 5 (dub.): 17h50; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 17h50; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h40; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h40.

A PEQUENA SEREIA (The Little Mermaid. EUA. Dir.: Rob Marshall. Fantasia. Livre). Ariel (Halle Bailey) é uma jovem sereia com sede de aventura. Desejando descobrir mais sobre o mundo além do mar, Ariel visita a superfície e se apaixona pelo arrojado Príncipe Eric (Jonah Hauer-King), ao salvá-lo de um naufrágio. Mas para se aproximar do humano, ela pede ajuda à bruxa do mar, Úrsula (Melissa McCarthy), e aceita ceder sua voz para que a feiticeira lhe dê pernas. Assim, ela entra em conflito com os valores de sua família. CINEPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 16h - 21h10; CINEPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h30 - 16h40 - 19h40; CINEPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg., 3D): 14h30 - 17h30 - 20h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h - 16h (3D) - 19h - 21h45 (3D); CINE SERCLA TAMBÁ 2 (dub.): 20h; CINE SERCLA TAMBÁ 3 (dub.): 18h20; CINE SERCLA TAMBÁ 4 (dub.): 17h40; CINE SERCLA TAMBÁ 5 (dub.): 15h10; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h10; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 17h40; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h20.

VELOZES E FURIOSOS 10 (Fast X. EUA. Dir.: Louis Leterrier. Ação. 12 anos). Dom Toretto (Vin Diesel) e sua família devem lidar com o adversário mais letal que já enfrentaram. Alimentada pela vingança, uma ameaça terrível emerge das sombras do passado na forma de Dante (Jason Momoa), para destruir o mundo de Dom, tudo e todos que ele mais ama. CINEPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 15h - 18h - 21h; CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 19h10 (exceto sáb.) - 22h15; CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h30 (exceto seg. e ter.) - 17h30 (exceto seg. e ter.) - 20h30 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBÁ 1 (dub.): 15h40; CINE SERCLA TAMBÁ 2 (dub.): 17h20; CINE SERCLA TAMBÁ 4 (dub.): 15h; CINE SERCLA TAMBÁ 5 (dub.): 20h30 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h30 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 17h20.

CINE BANGÜÊ (JP) - JUNHO

CORPOLÍTICA (Brasil. Dir.: Pedro Henrique França. Documentário. 16 anos). Filme investiga o vazio de representatividade LGBTQIA+ no cenário político do Brasil. CINE BANGÜÊ: 13/6 - 18h30; 17/6 - 15h; 19/6 - 20h30; 22/6 - 18h30; 28/6 - 20h30.

EO (Polônia e Itália. Dir.: Jerzy Skolimowski. Drama. 14 anos). O mundo é um lugar misterioso quando visto pelos olhos de um burro. CINE BANGÜÊ: 14/6 - 18h30; 17/6 - 19h; 21/6 - 20h30; 26/6 - 18h30; 29/6 - 20h30.

NINTENDO E EU (Death of Nintendo. Filipinas. Dir.: Raya Martin. Comédia. 12 anos). No início dos anos 1990, nas Filipinas, um adolescente e seus amigos se aventuram em novas descobertas durante o verão enquanto amadurecem. CINE BANGÜÊ: 15/6 - 18h30; 18/6 - 16h; 21/6 - 18h30; 27/6 - 18h30.

OPERAÇÃO HUNT (Heon-teu. Coreia do Sul. Dir.: Lee Jung-jae. Ação. 16 anos). Suspeita de um espião norte-coreano infiltrado no serviço secreto da Coreia do Sul coloca em risco a vida do presidente. CINE BANGÜÊ: 18/6 - 18h; 20/6 - 20h; 26/6 - 20h30; 29/6 - 18h.

O SEU AMOR DE VOLTA (MESMO QUE ELE NÃO QUEIRA) (Brasil. Dir.: Bertrand Lira. Documentário. 16 anos). Histórias sobre a busca do amor perdido e a crença no poder da magia. CINE BANGÜÊ: 11/6 - 16h; 19/6 - 18h30; 27/6 - 20h30.

ÚYRA - A RETOMADA DA FLORESTA (Brasil. Dir.: Juliana Curi. Documentário. 12 anos). Artista trans indígena viaja pela floresta amazônica passando mensagens ancestrais para ensinar jovens a enfrentar o racismo estrutural e a transfobia. CINE BANGÜÊ: 12/6 - 18h30; 17/6 - 17h; 20/6 - 18h30; 22/6 - 20h30; 28/6 - 18h30.

MOSTRA GODARD - CINE BANGÜÊ (JP)

ACOSSADO (À bout de souffle. França, 1960. Dir.: Jean-Luc Godard. Drama. 14 anos). Um criminoso (Jean-Paul Belmondo) mata o policial que o perseguiu em uma moto e, em Paris, ele encontra a sua amiga americana (Jean Seberg), e vira seu amante. CINE BANGÜÊ: 14/6 - 20h30.

ALPHAVILLE (França e Itália, 1965. Dir.: Jean-Luc Godard. Ficção Científica. 12 anos). Numa cidade futurista, um computador aboliu os sentimentos. Um agente é enviado para encontrar seu inventor e convencê-lo a destruir a máquina. CINE BANGÜÊ: 15/6 - 20h30.

A CHINESA (La Chinoise. França, 1967. Dir.: Jean-Luc Godard. Comédia. 16 anos). Quatro jovens se cansam de teorizar e decidem partir para medidas extremas contra o que consideram injusto. CINE BANGÜÊ: 12/6 - 20h30.

O DEMÔNIO DAS ONZE HORAS (Pierrot Le Fou. França e Itália, 1965. Dir.: Jean-Luc Godard. Comédia. 16 anos). Professor entediado (Belmondo) aceita fugir com a babá (Anna Karina) de seus filhos para o Mediterrâneo e acabam sendo perseguidos por mafiosos. CINE BANGÜÊ: 11/6 - 18h.

O DESPREZO (Le Mépris. França e Itália, 1963. Dir.: Jean-Luc Godard. Drama. 16 anos). Camille (Brigitte Bardot) é casada com escritor (Michel Piccoli) contratado por um produtor (Jack Palance) para escrever o roteiro de um filme de Fritz Lang. O desprezo começa quando ela passa a acreditar que o marido tentou vendê-la ao produtor. CINE BANGÜÊ: 13/6 - 20h30.

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

LITERATURA

Fátima Maranhão lançará livro de crônicas *O Voo do Amor*

Amanhã, no Centro Cultural São Francisco, em João Pessoa, haverá uma sessão de autógrafos da obra

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

“São dois os meus objetivos com a publicação desse livro. Um é o de apresentar outras facetas do ex-governador do Estado, José Maranhão, que são as de chefe de família, esposo amoroso e pai dedicado; o outro é o de que meu casamento com ele, que durou 50 anos, sirva de modelo para os casais, daí a ideia de realizar o evento no Dia dos Namorados”. Foi o que afirmou para o Jornal *A União* a presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), Fátima Maranhão, que também é desembargadora do Tribunal de Justiça do Estado, referindo-se ao seu sexto livro.

Com o título *O Voo do Amor*, a obra será lançada amanhã (dia 12), em sessão de autógrafos a partir das 16h, no Centro Cultural São Francisco, localizado no Centro Histórico da cidade de João Pessoa. A publicação reúne cerca de 30 crônicas, possui 100 páginas, custa R\$ 50 e foi impressa na Gráfica JB, editada pelo saudoso Juca Pontes (1958-2023) e seu filho, Ian Pontes, através da MVC/Forma.

Durante o evento, quem fará a apresentação do livro é o jornalista e escritor Hélder Moura. “Eu o escolhi porque Hélder Moura tinha convivência e intimidade com José Maranhão e é um perfil adequado para a ocasião”, justificou a autora. “Vai ser o olhar masculino no momento do lançamento, já que a obra tem prefácio assinado pela senadora Nilda Gondim, texto de apresentação da procuradora de contas do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB), Sheyla Barreto, e posfácio da escritora Maria das Graças Santiago, da Academia Paraibana de Letras (APL). Ou seja, vai representar três áreas pelas quais transito, que são a política, as leis e as letras”, comentou a desembargadora. Ela lembrou que teve três filhos com o ex-governador José Maranhão e há dois netos na família.

Fátima Maranhão informou que o livro reúne crônicas que publicou em suas redes sociais particulares e enfocam temas diversos, a exemplo do início da sua relação, no município de Araruna, com o ex-governador José Targino Maranhão, que morreu aos

87 anos de idade, em decorrência de complicações da Covid-19, em 2021; passa pelo casamento; a constituição da família até os momentos finais do ex-senador, que faleceu no Hospital Villa Nova Star, em São Paulo.

“

Esse livro é fruto do sofrimento que passei acompanhando de perto a internação de José Maranhão, em São Paulo, por causa da Covid-19

Fátima Maranhão

A capa da obra é ilustrada com desenho do artista plástico paraibano Flávio Tavares e mostra o casal no cenário da Pedra da Boca, em Araruna, observando um coração formado pela fumaça de um avião. “Além das crônicas, o livro traz registros do primeiro cartão de amor que José Maranhão enviou para mim, no começo do namoro, com dedicatória escrita com letra segura e muito firme”, disse Fátima Maranhão.

Saudade por antecipação

“Esse livro é fruto do sofrimento que passei acompanhando de perto a internação de José Maranhão, em São Paulo, por causa da Covid-19. Eu escrevi muito para desabafar, porque estava sentindo o que chamo de saudade por antecipação, por perceber que meu marido estava à beira da morte. Com isso, era como se eu quisesse dar um grito e mostrar que José Maranhão não era apenas um político, mas também pai amoroso e amigo fiel. Ele sempre foi muito discreto e reservado, embora sendo político. E eu demorei tanto a publicar esse livro porque, todas as vezes que ia ler as

crônicas para revisar e fazer seleção eu chorava demais”, confessou a presidente do TRE-PB.

A autora se lembrou de um episódio que contribuiu para que decidisse publicar a obra. “O interessante é que, certo dia, Juca Pontes foi para a minha casa e, ao falar sobre as crônicas, sugeriu o lançamento em livro. Deixei que ele lesse e depois perguntei se ele tinha gostado. Juca Pontes me disse uma palavra: ‘Bacana’, o que foi o suficiente para realizar o lançamento da obra. Creio que é um dos últimos projetos editoriais de Juca Pontes”, contou Fátima Maranhão.

A desembargadora informou que o próximo projeto deverá ser o lançamento, pelo Senado Federal, de uma biografia especial sobre a trajetória de José Targino Maranhão (MDB), com ênfase nos dois períodos em que o paraibano exerceu o mandato de senador. “Fiz a revisão da obra, escrita por Sales Gaudêncio, e que vai integrar a série *Grandes vultos que honraram o Senado*, mas a data para ser lançada ainda não está definida, pois depende da agenda do presidente Rodrigo Pacheco”, disse ela.

Foto: Acervo Pessoal



Um dos objetivos da obra é apresentar outras facetas do ex-governador do Estado, José Maranhão (1933-2021), como chefe de família, esposo amoroso e pai dedicado



Foto: Acervo Pessoal

Imagem: MVC/Forma/Divulgação



Crônicas reunidas em ‘O Voo do Amor’ foram publicadas nas redes sociais particulares da autora e enfocam diversos temas, a exemplo do início da sua relação com José Maranhão, em Araruna (PB), onde o cenário da Pedra da Boca inspirou o artista plástico paraibano Flávio Tavares a produzir a capa da antologia

IVAN BICHARA

Um pé na política, outro nas letras

Cajazeirense foi governador do Estado na década de 1970, mas também se destacou como crítico literário

Iluska Cavaleante
cavalcanteiluska@gmail.com

“

Era o escritor e o homem que pensava criticamente a literatura (...) Ele destoa um pouco dessa tradição de personalidades fortes no mundo político

Hildeberto Barbosa

Cajazeirense, paraibano, político e escritor, o ex-governador da Paraíba Ivan Bichara foi um dos nomes políticos paraibanos que se aventuraram na literatura, a exemplo de José de Américo. Apesar do pouco resgate sobre sua trajetória à frente do Estado na década de 1970, o cajazeirense deixou um legado jurídico para a política e três obras literárias com temas fortes como o cangaço. Hoje faz 25 anos de sua morte.

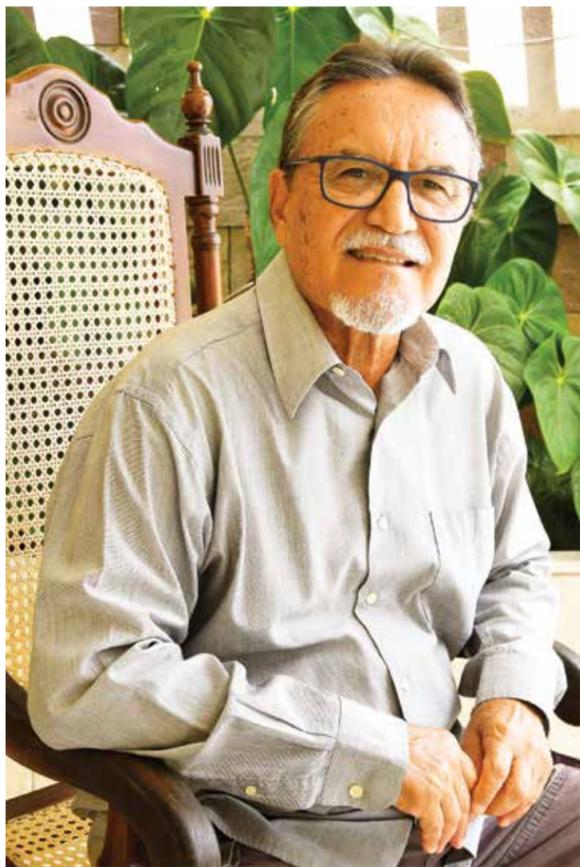
O poeta, escritor e professor da UFPB, Hildeberto Barbosa, hoje ocupa a cadeira 6 na Academia Paraibana de Letras, fundada por Ivan Bichara. No entanto, a sua ligação com o político teve início bem antes, através de trocas de correspondências. “Eu mandava para ele meus livros, ele também mandava para mim os dele, e a partir desse intercâmbio, motivado pelo interesse na literatura, criamos uma amizade. Isso me levou a ocupar a vaga que tinha sido dele, a cadeira 6. Ele é o fundador da cadeira, e eu sou ainda ocupante desta cadeira, que só teve três nomes”, disse.

Ao ocupar a cadeira de Ivan Bichara, em 1999, Hildeberto precisou escrever um discurso sobre a vida de seu antecessor na API. Com a preocupação de investigar ainda mais a contribuição do escritor na literatura paraibana, o professor pôde se aproximar ainda mais, não apenas do poeta, como também do político Ivan Bichara. “Era o escritor e o homem que pensava criticamente a literatura. Ele fez um governo bom na minha avaliação hoje, sério e sereno, muito ético, até porque ele não era um político profissional, não tinha aquela postura de políticos mais tradicionais. Ele des-

toa um pouco dessa tradição de personalidades fortes no mundo político. Uma figura pacífica e conciliadora, essa é a minha visão do político”.

Hildeberto destacou que, como escritor, Bichara foi um teórico, crítico e intérprete da literatura. “Ele publicou um livro importante: sobre José Lins do Rêgo ‘O romance de José Lins do Rêgo’, em 1971, onde faz uma análise introdutória muito didática e esclarecedora em torno de todos os romances que José Lins do Rêgo escreveu, contestando uma série de pontos de vista. A análise dele é um livro de referência hoje. Eu publiquei um livro sobre José Lins onde faço uma análise sobre o estudo dele. Essa leitura crítica é um dos pontos de partida para que os leitores possam compreender a relevância da obra de José Lins”, comentou.

Foto: Edson Matos



Hildeberto Barbosa: trabalho de Bichara precisa ser mais estudado



Foto: Arquivo/A União

Ivan Bichara é visto como um “político diferente” e sem ambições, que buscou a modernização da máquina administrativa do Estado

Outra obra escrita por Ivan Bichara foi um ensaio sobre um romancista paraibano, José Vieira. “Ele escreveu esse ensaio chamando a atenção dos leitores para a importância desse autor paraibano que fez história em toda sua pujança. Ele tem esse lado, escreveu muitos trabalhos em conferência, sobre a teoria literária, falando da crítica, dos métodos de interpretação da literatura. Muito antenado sobre os estudos literários. Isso é curioso porque ele também era político”, disse.

Ivan Bichara nunca se dissociou da figura de escritor e romancista. “Ele deixou três romances, todos editados pela José Olimpo, que tratam da realidade paraibana, com temas fortes como cangaço, envolvendo conflitos de ordem pessoal. ‘Joana dos Santos’, ‘Tempo de Servidão’ e ‘Carcará’, três romances que são suficientes para consolidar uma reputação de escritor”.

Na avaliação de Hildeberto, a Paraíba tem esse traço de ter governadores com “um pé na política e um pé na área da imaginação”. A exemplo de José Américo e Ernani Sátiro. “Apesar das diferenças entre eles de posturas individuais, há um elo que os aproxima que é esse interesse com a vida cultural, não apenas política”, comentou.

Para o professor, a figura de Ivan Bichara deveria ser mais resgatada no meio acadêmico. “Ele é um homem que precisa ser recuperado, revisto, diria estudado, principalmente pelas novas gerações, é importante que as universidades, os cursos de pós-graduação, se voltem para essa realidade da produção literária da Paraíba. Eu particularmente estudei muito tempo no Curso de Letras e Comunicação, nunca vi um estudo sobre a produção dele”, avaliou.

O político Ivan Bichara

O historiador e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Charliton Machado explicou Ivan Bichara era um político que concluiu o curso em Ciências Jurídicas pela tradicional Faculdade de Direito de Recife, graduação que contribuiu e fez diferença durante os mandatos do cajazeirense. Após se formar, ele retorna à uma Paraíba em um contexto de abertura política, após 15 anos do Estado Novo.

O professor explicou que os mandatos estaduais de Ivan Bichara aconteceram num cenário em que o Brasil estava retomando sua agenda democrática após o governo de Getúlio Vargas. “Mesmo ele pertencendo a uma ala conservadora da política paraibana e brasileira, ele vai ter um papel muito importante em grandes temas, com grandes debates de fortalecimento da democracia após 15 anos da Ditadura Vargas do Estado Novo”.

nador da Paraíba aconteceu no cenário da ditadura militar, por indicação de Ernesto Geisel. Ele foi um dos nomes escolhidos pela Aliança Renovadora Nacional, a Arena, e foi eleito na eleição indireta da Assembleia Legislativa em 31 de março de 1975. O mandato até 1979.

Modernização

Segundo explicou Charliton Machado, o governo de Ivan Bichara foi marcado por seu legado de organização administrativa. “Durante seu governo a Paraíba conseguiu uma mudança no paradigma da gestão, das condições administrativas, até então muito arcaicas. Ele é muito lembrado pela modernização da gestão administrativa, da máquina administrativa do estado da Paraíba. Até pela sua experiência como consultor jurídico, como advogado e que tinha uma preocupação que o Estado alcançasse um nível de modernização em relação aos estados mais importantes da Federação”.

Na definição do historiador, Ivan Bichara foi um político sem grandes ambições. “Por isso ele vai ser lembrado também como um político diferente. No debate da literatura regional e também do ponto de vista da imprensa da época ele é um político que é visto como alguém sem grandes ambições, sem esse protagonismo, sem um carisma”.

A carreira política de Ivan Bichara terminou em 1978, após uma derrota política. “Ele volta para o Rio de Janeiro com sua esposa para cuidar da família, cuidar da literatura, escrever, fazer uma revisão sobre o seu passado, memorialístico, e escreve sua autobiografia”. O ex-governador morreu em 11 de junho de 1988. Ivan Bichara foi homenageado dando nome ao viaduto do bairro de Oitizeiro, em João Pessoa.

Foto: Arquivo pessoal



Para Charliton Machado, ex-governador mudou paradigmas da gestão

“Ele se insere nesse debate como candidato a deputado estadual e é eleito. No primeiro mandato participou ativamente como constituinte. Depois até presidiu a Assembleia Legislativa, tendo um papel muito importante do ponto de vista jurídico pela capacidade que ele tinha de articular determinadas ideias que estavam compatíveis naquele contexto com o que exigia o Brasil, de reformulação da sua estrutura política”, disse.

Além disso, o político teve um papel importante nas instituições por onde passou.

“Ele foi diretor do jornal O Norte, que à época era um dos principais periódicos que nós tínhamos na Paraíba, e também teve uma atividade muito presente no mundo letrado. E, inclusive, tinha essa característica de ser um político que se devotava muito às letras”, explicou o historiador. Já o mandato de gover-

Hilton Gouvêa

Um repórter investigativo de muitas aventuras e vocação para Indiana Jones

As idas e vindas em busca da notícia e de como contar histórias, numa corrida permanente para construir narrativas dos mais antigos repórteres em atividade na Paraíba, sempre atrás de um fato interessante para o leitor

Luiz Carlos Sousa
lucbjp@gmail.com

O jornalista Hilton Gouvêa é conhecido pelas suas aventuras como repórter, que o fizeram receber o apelido de “Indiana Jones”, e ter inusitadas histórias para contar. Mesmo após anos de experiência, nunca se interessou por deixar o seu lado investigativo para enveredar pela “cozinha” do jornalismo, assumindo alguma função de editor ou chefe de reportagem. Na sua história com A União, Hilton contou ao programa Memórias que ela teve início ainda nos primeiros anos de sua carreira e perdura até hoje.

Entrevista

■ Como é que você iniciou a sua história com a união?

Eu não iniciei no jornalismo em A União, iniciei n'O Norte. Eu sou brigão, sou temperamental, ainda admito isso até hoje, eu tive um problema lá n'O Norte e vim embora, Gonzaga Rodrigues me chamou para cá. Vi que aqui a democracia reinava, principalmente com Gonzaga, que é uma mãe. Eu gostei. Meu problema é matéria especial, aí Abimael Moraes, tinha uns pensamentos muito para frente em termos de jornal na época. Aí fazia minhas pautas. Eu só fazia matérias especiais mesmo e eu gostava disso, porque o camarada conhecia coisa diferente, viajava, era diferente do dia a dia. Nada de: “diga aí, doutor, diga quantas vacinas tem hoje, e tal”. Eu detestava isso.

■ Você sempre gostou de aventura?

Giovane Meireles colocou meu apelido de Indiana Jones, o personagem que gosta de aventura. Eu gostei e até hoje eu só faço matérias especiais por isso. Eu me sinto muito mal quando alguém me manda fazer uma materiázinha trivial. Eu não gosto. No Brasil e no Nordeste, e na Paraíba, as matérias emocionantes só existem na área policial. Porque não tem matéria mais chata do que matéria política, não tem matéria mais chata do que matéria de cidade, porque é tudo a mesma coisa. Uma matéria científica também gosto, mas uma matéria boa. Como aconteceu quando eu fiz uma matéria com o pessoal da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e descobri que eles faziam daquela alga branca, o sargão, material para revelação de fotos. Além de outras coisas, também, que eu descobri na área científica da UFPB. Eu ia lá na rotina. Tinha um cidadão lá que tinha paciência de Jó comigo. “Tem alguma?” “Tem. Venha para cá”. Ele me dizia “essa plantinha aí é um milagre”, por exemplo. E eu trazia aquelas matérias. Aí pronto, peguei só essa área, me acostumei.

■ Conte uma dessas histórias de aventura.

Em 1990 uns caçadores aí do Varjão foram para a Fazenda Abiaí, no Litoral Sul, caçar, e amanheceram mortos. Mistério total. A população cobrando o trabalho da

Aí pronto, descoberto, foram presos delegados e agentes. Aí Carlos Timóteo fez, chegou lá.

■ Hilton, Alagamar você cobriu alguma coisa?

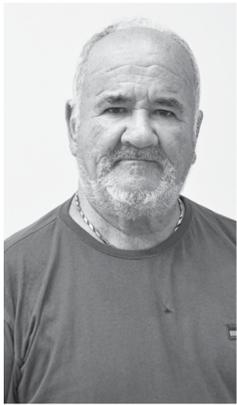
Eu deixei de cobrir porque a fazenda vizinha era de um parente meu. Os Gouvêa Veloso em Timbaúba, que é uma família só. Aí deixei para ninguém dizer que estava tendo favoritismo. Agora, Alagamar, eles merecem, o terreno foi desapropriado, mas era por agitação de uma freiras suíças que nas terras delas faziam isso e vieram fazer aqui. Aí depois que foi desapropriada, sabe o que existe lá? Nada. Uma noite fui preso, coincidentemente conhecia as freiras e os padres. Aí chegou, e disse: “você está marcando muito a gente”. Aí eu disse “estou fazendo meu papel”. Mas era só isso, mas foi bom, criou uma coisa boa. Mas no Brasil nada vale. Com rara exceção, alguns brasileiros gostam mesmo é de vida mansa, água de coco, cafezinho e cachaca. A primeira economia que um agricultor desses faz é um som do tamanho dessa sala para perturbar a vizinhança.

■ Você começou quando n'A União, se lembra?

Em 5 de maio de 1979.

■ Agora me diga uma coisa: de onde é que veio o faro investigativo? A familiaridade com o texto para escrever para contar histórias?

Sem querer me gabar, na minha família só quem não gosta de escrever são Pedro e Tadeu. Milson fala 12 línguas, ele e Arthur, e eu gostava. Eu gostava de escrever desde quando eu ia fazer uma prova de português no ginásio, no científico, onde fosse eu garantia logo minha nota. Era parte de gramática e tinha um tal de ditado, era para saber se o camarada sabia ortografia. Escrevia sempre a palavra cor-



Numa fase da vida em que nada estava dando certo, o repórter Hilton Gouvêa foi parar no Iraque



Hilton Gouvêa conheceu vários recantos do Brasil sempre atrás de um fato inusitado para levar ao conhecimento dos leitores

retamente. Por isso que eu não fiz o científico, fiz o clássico, não tinha matemática, nem biologia, que eu odeio matemática e biologia. Agora escrever eu sempre gostei. Só tirava 10 na minha chamada dissertação. Dois educandários rigorosíssimos. Eu tinha uma professora, Maria Figueiredo, numa prova de matemática, se você cometesse um erro de português, a professora tirava pontos. Hoje eu vejo prova dos meus filhos da faculdade, eu digo que se eu fosse o professor deles dava zero. “Isso é muito chato, paiinho”. Não. Eu agradeço aos meus professores o tempo que eu passei de joelhos. Um era colégio de protestantes e outro um marista, o Pio X, era tão rigoroso, camisa branca e calça azul. Só tinha cartaz se fosse atleta, podia até estudar de graça se a família não pudesse pagar.

Eu me lembro que você teve algumas outras passagens na imprensa, inclusive você saiu do país, foi trabalhar no Iraque, não foi?

Foi em 1979, parece que eu tinha enterrado uma caveira de burro porque nada estava dando certo na minha vida. Eu cheguei no jornal O Norte, aí disseram, você foi arrumar confusão não sei onde. Eu fui fazer uma entrevista, aí o cara, muito arrogante, disse: “Isso é pergunta para você me fazer? Deixa eu ver seu nome”. Aí eu disse, “meu nome para quê?” Mandou eu sair dali, eu disse “pois me tire daqui”. Eu sei que ele mandou uma carta para o jornal, naquele tempo todo mundo era colaboracionista. Aí era assim, demitido. Resultado, eu fui para casa de uma tia, em Recife. Esqueci que só tinha três meses para tirar o fundo de garantia. Quando eu fui retirar, o cara disse que eu tinha que ir no Banco Central. Aí, eu chorei na frente do gerente em Recife, ele disse: “Vou te liberar, mas eu sei que você é malandrão, traba-

Iraque

“Eu fui passar seis meses, passei dois anos e 10 meses. Eu só trabalhava para uma empresa que tinha obras no Oriente Médio. Tinha que correr pela caneta de Saddam Hussein”

lha bebendo”. Eu disse que eu não bebo. Ele fez: “Não importa, você é malandrão”, aí liberou. Eu ia descendo na rua do hospício, tinha uma fila enorme. Olhei para a placa e estavam recrutando para o Iraque. Tinha vagas para relações públicas, topógrafo, jornalista. Eram duas vagas para jornalista, aí fui eu e outro; para topografia tinha uns 20. Aí o cara quando saiu disse assim: “Só vou chamar o nome de quem passou, quem não passou nem vou dizer o nome”. O primeiro foi o meu, o outro foi dispensado, o que ia concorrer comigo. Aí o cara me chamou, me deu um papelzinho, mandou eu ir ao quartel fazer um exame e disse que eu tinha 12 dias para escolher se iria embora. Eu fui passar seis meses, passei dois anos e 10 meses. Eu era jornalista, mas lá não era chefe de nada, tinha equipe. Eu só trabalhava para a empresa. Uma empresa que tinha obras nos países ricos do Oriente Médio, eu só fazia o que me mandavam. Tinha que correr pela caneta de Saddam Hussein. Comprei um

carro, meus móveis. Lá não podia beber. Eu ganhei um dinheiro, economizava porque eu só vivia dentro da empresa, eu não sabia árabe. Eu vim embora porque eles não gostam muito de estrangeiro. Não tive muitas aventuras. Fiquei esse tempo todinho sem mulher, porque se você procurar uma mulher que não é sua eles cortam você e ela em praça pública.

■ Mas você chegou ao jornalismo por quais mãos? Quem foi que o levou?

Na época não havia aqui no Brasil escola de jornalismo. Aí eu vim para cá, eu operava um computador que fazia letras, era um escurinho. Eu fiquei viciado, eu e Bel, um moreno. Tinha Lenine e Eduardo Félix. O editor daqui era um cidadão muito liberal chamado Marcone, era radialista. Eu sei que era 5h da manhã e o jornal não tinha fechado a primeira página ainda. A União sempre liderou porque tinha vantagem que chegava em todos os municípios. Eu já estava há alguns tempo. Eu tinha vivido essa experiência de passar dois anos na transamazônica. Sabe quanto tempo leva de São Domingos para Altamira? Oito dias de barco a motor. De Belém a Santarém? Seis dias de navio. Eu fui para lá. Eu, recém-casado, salário mínimo era 70 mil cruzeiros e estava pagando 300. Eu fui lá para arrancar mato, mas como eu sabia datilografia, fiquei na burocracia. Aí Marcone passou falando assim: “Quem vai fazer agora?” Aí eu ia entrando. Não sei quem foi que disse: “Esse menino chegou lá Transamazônica agora”. Eu já escrevia uns negocinhos para cá, também, antes de ser jornalista, né? Ele fez: “Foi? Onde você tava?” Ele perguntou se eu podia escrever, eu disse que podia. Pronto, foi a minha primeira matéria no jornal. Não precisou nem ser copidescada.

■ Então, você começou em A União?

Eu comecei no Norte como jornalista, mas as primeiras experiências foram n'A União.

■ Você estava aqui quando houve aquele problema na manchete do jornal que o presidente ia ser Orlando, mas era Ernesto?

Não, Gilvan de Brito sabe mais detalhes. Babosinha, que Deus o tenha, colocaram ele como chefe de gabinete, ninguém aguentava. Ele chegava quatro horas da tarde e dizia: “Vamos trabalhar”. Aí Crispim, parece que foi ele, duas horas da manhã, ou foi três, fez a manchete que foi Orlando ao invés de Ernesto. Crispim era calmo. E não tinha malícia. Eu só sei até aí, estava aqui, mas não vivenciei. A União tem história para tudo.

■ Eu me lembro que você também fez uma matéria. Eu não tô lembrando exatamente a data, mas eu me lembro que repercutiu muito, que foi uma história de uns barcos da época da colonização.

Eu tenho um amigo que é mais doído do que eu, ele era cirurgião dentista e tenente do Exército. Ele me disse que ia fazer mergulho noturno nos barcos. Estava mapeando todos os barcos a partir de 1601 que estavam na costa da Paraíba, de Pitimbu a Mataraca. Aí eu disse, estou nessa. Eu fui, aprendi a mergulhar à noite. O primeiro barco, que era o tempo de Aluísio Régis, primeiro mandato no Conde, descobriu Marie, vestígio de uma nau francesa daquelas que vieram para invadir aqui. Preparou um esquema com câmara de ar e tudo. Chegou um rapaz do Iphan e disse que a gente estava seguindo a técnica errada. E era um processo demorado e caro. Aí ele deixou para lá. A gente listou, se eu não me engano, tenho essa matéria no meu livro. Então o que eu fiz? Toda semana era uma matéria. Mergulhei na

doída, sem treinamento, sem nada.

■ Engraçado, você era um repórter que não se convencia apenas pela narrativa pelo telefone, por uma carta, por uma pesquisa de arquivo.

Eu tinha curiosidade, desde criança. Estava em Recife, via aqueles prédios antigos. Eu disse a meu pai: eu ainda faço uma matéria sobre esses prédios. Resultado, criei boas histórias. Mas a melhor que eu vou lhe contar é de uma matéria comum. Que não foi muito comum, mas foi engraçada. E a gente teve que passar um dia fora, eu e Arion Carneiro. A ditadura na plenitude. Tinha umas meninas que eram estagiárias de Enfermagem. Aí eu disse para elas: “Vocês devem olhar mais para os doentes mentais da Paraíba, está um caos”. Isso na época da ditadura na sua plenitude, nem sabia o perigo que estava correndo. Era para ter sido todo mundo preso. Nós entramos lá (no hospital), uma insalubridade geral, né? Aí quando a gente está tudo correndo às mil maravilhas, quando eu tinha saído, que eu passei apertado, porque eu era mais gordinho do que eu sou hoje, apertando assim na porta para ter acesso... Quem vem entrando? Adelson, que era o assessor de Aloizio Pereira, que era secretário de Saúde. Aí ele disse: “Hilton, não sabia que você, além de jornalista, fazia Medicina”. No outro dia foi manchete de cabo a rabo.

■ Você já foi preso?

Eu só estive preso como subversivo no caso da Lagoa, quando morreram 34 pessoas. Na Semana do Exército, em 24 de agosto de 1975. A gente vinha da Baía da Traição, porque o tubarão tinha comido a perna de uma menina. Aí eu só fiquei com o flash aqui que era uma bateria e eu não sei se era Geraldo ou era Davi. Aí quando eu vi um cara bem forte, que depois eu localizei como um tal de sargento Carlos, da polícia, que ficava a serviço, ele disse: “Vamos dar um passeio aqui comigo”. Quando eu vejo, ele diz: “Estou levando um jornalista para o Grupamento de Engenharia”. Quando eu chego lá aparece um oficial: “Vocês não estão presos, é só uma formalidade”. Mandou cafezinho e chá enquanto a gente ficava lá dentro. Eu perguntei onde era o mictório. Aí fui lá. Quando eu tava andando, apareceu um cara com uma arma nas minhas costas. Ele disse: “Você não está aqui e não tenho nada”. Eu procurava uma mulher, jogava uma pedra no colo dela, ela era minha. Mas tem um problema. É que dinheiro de garimpeiro é amaldiçoado. E hoje eu estou assim na minha rede aqui, mas não tenho nada”. No primeiro cabaré ele disse que deixou tudinho.

■ E a história do urânio?

Teve um tempo que a Nuclearbrás estava fazendo umas explo-

O tiro

“Passei um dia preso no Grupamento de Engenharia e levei um tiro de por conta de reportagens que eu fiz. Fiquei 15 dias internado no hospital. Foi um tiro de 38”

rações em Mari, Cajá. Aí eu vi os caras trabalhando, ainda era ditadura, foi o último ano. Então, os caras me deram uma matéria com foto, com tudo. Aí eu disse: “Olha, agora tem uma jazida que ela tem 12 toneladas de reserva de urânio na proporção de 12 BPM”. Então, eu fui lá e fiz. Porque eu me interessava, não querendo ser melhor do que ninguém, mas o repórter que não se interessa por essas coisas, se ele desse 10 linhas ele dava muito, porque aqui na Paraíba é assim, se for matéria de polícia, aparece um, de cultura aparecem 300 e de política, 500, mas não tinha ninguém para fazer matérias desse tipo. Eu sempre fui inquieto em tudo.

■ No alto de sua experiência, como compara esse tempo que atuou como repórter e esse jornalismo novo que está aí nas redes sociais, na internet, que é um fato que, às vezes, sequer é apurado e você bota, porque daqui a pouco se você tiver alguma coisa corrige a informação?

Em 47 anos de jornal. Eu acho que eu tive umas duas ou três erratas, mas foi por causa de um bajulador da ditadura. Vou dar um exemplo: Cabral foi fazer uma matéria comercial em Cabedelo, quando o navio pegou fogo ele não quis fazer porque a pauta não era dele. Ele era antigo, quando eu cheguei no Norte, ele tinha 15 anos de Norte. Aí o jornal me manda. Disseram, “Hilton vai apurar isso lá”. Um acidente besta, num instante abafaram, mas jornal é jornal. Eu vim assim desanimado, não teve morte, não teve nada. Saindo dali tem um militar na estrada, ele diz: “Você é dos Diários Associados, né? Olhe, vou almoçar agora, vou passar pelo Grupamento de Engenharia. Eu vou visitar meu soldado, apanhou ontem do motorista do governador porque foi reclamar que viu o carro do governador no cabaré”. O carro era um Galaxy preto. Ele disse: “Me procure na delegacia que eu vou lhe dar uma matéria completa”. Aí no outro dia, carro do governador no cabaré. E tome na cabeça de Milanez.





Cassandra Figueiredo, Alexina Bezerra Cavalcanti, Ricardo Servulo Fonseca, Sandra Moura, Antônio Alcântara, Dalvaci Petrucci, João Luiz Jurema, Daisy Barbosa de Oliveira e Abelardo Jurema são os aniversariantes da semana.

Cley Miranda, diretor executivo do Mundo das Tintas, conferiu, de perto, os ambientes da CASACOR Paraíba que, nesta edição, apresenta projetos incríveis que encantam pelo arrojo, beleza e criatividade. No espaço, localizado na Avenida Rui Carneiro, o empresário conferiu detalhes dos ambientes assinados pelas arquitetas Melina Cavalcanti, Mariana Honorato e Caroline Almeida (Suíte Master Casal), Sarah Cavalcanti (Salus Deca SPA) e Georgina Suassuna (ARVOREZA - Jardim de Entrada).



IMOBILIÁRIA

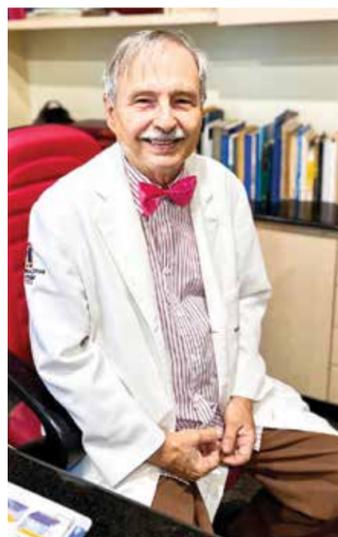
**PARAÍBA
PROPERTY**

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J



Nice Guedes (na foto, com o companheiro Jorge Castro e a amiga Aparecida Farias), a presidente da Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade (ABCMI), em nosso Estado, festejou seu aniversário em duas ocasiões: a primeira, no Empresarial Via Mar e a segunda, no dia seguinte, no Restró Iocá, do Ba'ra hotel.



Fazendo consulta e exames de rotina no Hospital de Olhos da Paraíba, registrei o seu diretor e competente médico oftalmologista Antônio Medeiros, uma referência quando o assunto é a excelência no cuidado com a oftalmologia no Estado da Paraíba.



Registro, por meio da imagem da vice-cônsul dos EUA, em Recife, Jenny Bakopoulos, do empresário Breno Mesquita e do presidente da Fecomércio, Marconi Medeiros, evento promovido pela ABAV/PB em parceria com a Azul Linhas Aéreas e com a participação do Consulado-Geral dos Estados Unidos, na capital pernambucana.

SAO BRAZ

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS.
EXPERIMENTE.

PARA MÁXIMO ESPRESSO

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.

Abelardo Jurema, um ícone no jornalismo social paraibano, vai festejar seu aniversário nessa segunda-feira (12), com megafesta no restaurante Marea, no Hotel Oceana Atlântico, às 19h. A quem desejar, o convite/adesão pode ser adquirido por meio do pix mercadopago. abelardo@gmail.com.

Quem é um eterno aficionado pelos Beatles, famosa banda que nasceu na cidade inglesa de Liverpool, vai ter a oportunidade de vivenciar espetáculo apresentado por The Beatles Tribute Show, cuja apresentação acontecerá no Teatro Pedra do Reino, no dia 13 de agosto.

Desde 2017, o Boticário realiza campanhas especiais para o período de festas juninas com o objetivo de homenagear os nordestinos e sua cultura, reconhecendo a importância da data e estabelecendo um pilar de conexão com o Nordeste. A música, já tradicional da marca nas campanhas dessa época do ano, "Se aproxiegue, São João", acaba de ganhar uma nova versão na voz do cantor pernambucano João Gomes em parceria com a Banda de Pifanos de Caruaru.

O Estado da Paraíba, por meio do governador João Azevêdo, e a Azul Linhas Aéreas inauguraram na última quarta-feira (7), no Aeroporto João Suassuna, em Campina Grande, voos que vão ligar a Rainha da Borborema à capital baiana.

As empresárias, Maria Júlia Baracho e Luciana Balbino, representantes, respectivamente, da Cachaça Triunfo e do restaurante Vó Maria, são finalistas do Prêmio Internacional de Jornalismo de Turismo Passaporte Aberto, informação anunciada, na terça-feira (6), pela Organização Mundial de Jornalismo de Turismo.



O salão da casa de recepções Porto Pinheiro foi palco para a festa de 15 anos, da bela, jovem, Luísa Mota Carneiro, filha do casal Bruno Carneiro e Dúnia Mota Carneiro. A debutante, neta de Edmilson Mota, in memoriam, e Mércia Mota, e de Gilvan e Maria das Graças Carneiro, respectivamente, avós maternos e paternos de Luísa, estava esplendorosa, pois vestia o mesmo vestido feito pelo estilista pernambucano Paulo Carvalho e encomendado por sua avó, para os 15 anos de Dúnia, em evento que aconteceu no Clube Cabo Branco. Claro que a espetacular decoração, elaborada pelo mestre André Luiz, realçou, ainda mais, o bolo de Maria Helena Moura e a animação da Banda Puro Charme. Confira alguns momentos deste evento, nas fotos de Júlio Marinho.

Selic Fixado em 3 de maio de 2023 13,75%	Salário mínimo R\$ 1.320	Dólar \$ Comercial -0,97% R\$ 4,876	Euro € Comercial -0,494% R\$ 5,240	Libra £ Esterlina -0,76% R\$ 6,133
--	---	--	---	---

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Maio/2023	+0,23
Abril/2023	+0,61
Março/2023	+0,71
Fevereiro/2023	+0,84
Janeiro/2023	+0,53



BONS NEGÓCIOS

Setores em evidência na pandemia seguem em alta

Serviços ligados ao consumo de bebidas e alimentos mantêm forte demanda

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Alguns setores da economia tiveram os melhores resultados durante a pandemia de Covid-19, na contramão de outras atividades. Este foi o caso do serviço de entregas de alimentos e bebidas, impactado diretamente pelo setor de embalagens, feitas de plástico, papel e isopor. A Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast) registra redução de produção desde 2021, com o fim do distanciamento social. Já a Associação Brasileira de Embalagens em Papel (Empapel) segue registrando crescimento. Mesmo com a volta à normalidade, o serviço de *delivery* tornou-se um

hábito dos consumidores e segue em alta.

O presidente da Federação do Comércio de Bens e Serviços da Paraíba (Fecomércio-PB), Marconi Medeiros, avalia que os serviços ligados ao turismo, como os de bares, restaurantes, lanchonetes e hotéis tiveram um significativo aumento de movimentação após a emergência do coronavírus. “Durante a pandemia da Covid-19, tivemos várias saídas para o crescimento da economia e um deles foi o serviço de *delivery*. Hoje, o hábito do consumo através da entrega foi mantido e a demanda aumentou”.

Marconi Medeiros pontua que as empresas fazem suas entregas em embalagens especiais que mantêm a qualidade

do alimento. “Com isso, houve um aumento na oferta de empregos nos bares, pizzarias e restaurantes, o que fez crescer a renda dos entregadores através desta modalidade”.

Visão de mercado

A rede de lanchonetes Mundial Lanches chegou a duplicar o número de entregadores na pandemia. Conforme um dos sócios-proprietários, Walker Nóbrega, a empresa foi pioneira na implantação do serviço, o que facilitou a ampliação pelo excesso de demanda, no período.

“Trabalhávamos com uma média de dois motoqueiros em cada uma das seis unidades da Mundial, antes da pandemia. Mas como ficamos impedidos de abrir as lojas pelas

normas de isolamento social da época, ampliamos para até cinco motoqueiros aos finais de semana. O serviço cresceu muito em 2020 e se manteve. Tornou-se um hábito, inclusive, ganhamos novos clientes”, diz ele. O empresário destaca que os aplicativos de entrega são uma grande alavanca para manter as vendas altas.

Conforme Walker Nóbrega, a empresa teve problemas em 2020 para encontrar embalagens de isopor grandes o suficiente para armazenar pedidos de 10 cachorros-quentes, por exemplo. Contudo, ele aponta que o fornecimento está normalizado. “Nossa sorte é que já fazíamos entregas, mas quem não prestava esse serviço precisou implantar de última hora e sofreu bastante”.



Foto: Divulgação/Gráfica JB

Busca por serviços gráficos continua no ritmo estabelecido durante a pandemia por conta das embalagens para *delivery*

Empresa aposta na impressão de sacolas

Segundo o diretor-presidente da Gráfica JB, João Batista, o serviço de entregas cresceu muito com a pandemia e o excesso de demanda foi um mercado que a empresa abraçou, com a impressão das sacolas das empresas de alimentos. Ele conta que a procura por serviços gráficos estava caindo, a exemplo, da produção de encartes para supermercados, farmácias e lojas, mas as impressões nas embalagens para o *delivery* aumentaram a produção da empresa.

O coordenador comercial da Gráfica, Magno Santos, comenta que o período pós-pandemia ainda é recente, mas ele afirma que o consumo de entregas em domicílio continua alto. “Com a pandemia, alguns hábitos foram criados e mantidos, como é o caso do *delivery*. As pessoas

se habituaram a pedir comida em casa”.

De acordo com ele, a demanda por impressão de embalagens cresceu de forma geral, não apenas para as empresas que entregam alimentos e bebidas. “Temos uma grande demanda dos mercados e supermercados porque o consumo de itens nesses estabelecimentos aumentou. Há vendas de mais produtos, que precisam ser embalados”, explica.

A Gráfica JB imprime “luvas”, que são embalagens em papel firme - que envolvem os potes de sorvete, açaí e sucos de uva, por exemplo. A empresa também imprime caixas de produtos de beleza, como tinturas para cabelo. A impressão de embalagens de produtos corresponde à metade das demandas da gráfica.

Produção de plástico

A produção de plástico tem reduzido nos últimos anos, no Brasil. Em 2020, a Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast) registrou a produção de 7,3 milhões de toneladas, com redução para 7,1 milhões em 2021 e para 6,7 milhões, em 2022. Na comparação de 2020 com 2022, houve queda de 8,2%. O número de empresas do setor também sofreu alteração. Em 2019, havia 11,9 mil empresas, no país. No ano seguinte, houve uma elevação para 12,1 mil empreendimentos, com recuo a 11,3 mil, em 2021.

Quanto aos empregos, a indústria de plástico brasileiro empregou 336.921 pessoas, no primeiro ano da pandemia de Covid-19, no país. Em 2021, o setor contava com 349.928 trabalhadores e, no ano seguinte,

teve leve retração para 343,9 mil empregos.

A Abiplast registrou que as empresas tiveram o faturamento de R\$ 90,8 bilhões, em 2020, com aumento de 41%, em 2021, alcançando a quantia de R\$ 127,5 bilhões. No ano seguinte, houve recuo a R\$ 117,5 bilhões.

Papel

A Associação Brasileira de Embalagens em Papel (Empapel) registrou crescimento de 0,12% na expedição de caixas, acessórios e chapas de papelão ondulado em abril, em relação ao mesmo mês do ano passado. A produção nacional foi de 312.939 toneladas. O Índice Brasileiro de Papelão Ondulado (IBPO) subiu 0,9% em abril na comparação com o mesmo mês do ano anterior, para 139,4 pontos.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Aspectos fundamentais numa reforma tributária

Uma reforma tributária - processo que visa mudar o sistema de impostos e tributos de um país - em teoria tem como objetivo tornar esse sistema mais eficiente, justo e adequado às necessidades econômicas e sociais. E nesse processo devemos incluir a simplificação da legislação para permitir que ela seja mais eficiente e promova uma distribuição mais equitativa do resultado da carga tributária.

Podemos dizer que as principais razões para a realização de uma reforma, com a simplificação do sistema tributário, é buscarmos uma redução da carga tributária, a eliminação de distorções e incentivos perversos, um aumento da equidade na distribuição de renda, melhoria da competitividade do país e consequentemente um desenvolvimento econômico sustentável.

Mas na prática, não é uma tarefa simples, pois, de fato, se comporta como um processo complexo e muitas vezes controverso, uma vez que envolve interesses diversos e pode afetar diferentes setores da sociedade de maneiras diferentes. Os atores diretamente afetados por ela, que atuam em campos opostos, são: Governo Federal, Estados, Municípios, Congresso, empresas e a população. Conciliar os interesses de cada um não é fácil e há quem diga, inatingível. Se assemelha a um lençol curto, onde ao puxar para cobrir a cabeça, descobrem-se os pés.

Quando se fala em reforma, Estados e Municípios lutam cada vez mais em ampliar suas autonomias ou serem mais compensados na distribuição dos recursos na hora da divisão, já que a partir da Constituição de 1988 muitas responsabilidades (com repercussão financeira) foram descentralizadas para eles, enquanto a divisão do bolo tributário não acompanhou na mesma proporção.

Um exemplo atual, é o caso do piso da enfermagem aprovado pelo Congresso Nacional, sem estabelecer de forma decisiva ou clara de onde vinham os recursos. A saída no momento seria aumentar a carga tributária ou cortar de algum lugar. O certo é que ninguém quer perder. Tanto o setor produtivo como as pessoas físicas esperam na verdade que haja um alívio nos impostos, uma redução, inclusive como meio para a promoção do desenvolvimento através do aumento do consumo e na geração de novos empregos.

As medidas específicas adotadas em uma reforma tributária variam de acordo com as circunstâncias e as necessidades do país. É importante que qualquer reforma tributária leve em consideração as necessidades e realidades dos municípios, garantindo que eles tenham recursos adequados para cumprir suas responsabilidades e prestar serviços de qualidade para a população.

Os municípios, como entidades autônomas, têm o poder de legislar e arrecadar impostos dentro de suas jurisdições. Eles dependem principalmente da arrecadação de tributos municipais para financiar serviços públicos locais, como educação, saúde, infraestrutura e segurança e fomentar o desenvolvimento econômico da cidade. Alterar a forma como são distribuídos os recursos entre os diferentes níveis de governo ou centralizar todos os tributos em uma única fonte arrecadadora, pode ter impacto direto na capacidade dos municípios de arrecadar ou gerenciar os recursos e, consequentemente, afetar a prestação de serviços aos cidadãos.

Além disso, é fundamental que a reforma tributária promova uma maior autonomia financeira dos municípios, permitindo que eles tenham mais poder de decisão sobre a arrecadação e utilização dos recursos. Isso pode contribuir para uma gestão mais eficiente e adequada das finanças municipais, além de fortalecer a governança local e a descentralização administrativa.

Em resumo, o que estamos vendo ser desenhado é mais concentração das decisões e gestão dos recursos na mão do poder central. A consequência pode derivar num impacto significativo aos municípios e inviabilizar por completo a sua autonomia enquanto gestão local.

SIMBOLISMO

Paraíba é inspiração para produtos

Empresas que produzem peças baseadas nas tradições e nos costumes do estado conquistam os consumidores

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Criação

Para as criadoras, a marca nasce do desejo de conectar as pessoas ao estado e é por isso que as peças são mais do que meros acessórios

O empreendedorismo tem crescido e ganhado destaque no Brasil. Na Paraíba, o cenário não é diferente e a quantidade de novos negócios aumenta a cada dia. Segundo o Sebrae, apenas no primeiro trimestre deste ano foram abertos quase 14 mil pequenos negócios no estado. No Nordeste, a Paraíba foi o quarto estado com maior abertura de empreendimentos deste tipo. Para se destacar em meio a tantas opções, é preciso inovar. E, embora possa parecer o oposto, o caminho mais assertivo nestes casos é definir um segmento de atuação. É nessa hora que a representatividade se mostra uma alternativa para cativar públicos específicos e alcançar novos clientes.

Criada em maio de 2019 pelas jornalistas Ellyka Gomes e Maria Livia Cunha, a marca de acessórios em acrílico Soé oferece aos clientes produtos autorais, exclusivos e que carregam a Paraíba em cada traço. Para as criadoras, a marca nasce do desejo de conectar as pessoas ao estado e é por isso que as peças são mais do que meros acessórios. Desenhados à mão, os produtos da Soé têm histó-

rias individuais, assim como os paraibanos têm, também, suas próprias histórias.

Os brincos, broches, pingentes e presilhas elaborados pela dupla de amigas representam aspectos da cultura popular, da história, das paisagens e das pessoas paraibanas. “Cada peça direciona o olhar da cliente para narrativas que conversam com seus afetos e com sua memória, sempre ressaltando o melhor da Paraíba”, explica Maria Livia Cunha.

Ao unir tradição e contemporaneidade, a Soé descobriu a fórmula para atravessar diversas fases nos



Amigas e sócias, as jornalistas Maria Livia Cunha (esq.) e Ellyka Gomes utilizam aspectos da cultura popular paraibana para criar as peças da Soé

Foto: Divulgação/Soé

últimos anos, sempre se adaptando ao mercado em que está inserida.

Crescimento

Neste ano, por exemplo, o empreendimento, que já tem custos abertos, iniciou uma nova etapa, agora como *startup*. “A marca do segmento

da Economia Criativa acredita que é possível reforçar os laços de tradição, origem e identidade por meio de signos contemporâneos que alcançam diferentes públicos”, diz Maria Livia ao explicar que a Soé é a única marca de moda e umas das 41 ideias selecionadas para receber recursos

do programa Centelha 2, administrado na Paraíba pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba.

“Nos próximos 12 meses, a Soé passará por um processo de expansão e consolidação da sua produção. Além disso, é a primeira marca de acessórios da Paraíba a ter os

custos abertos. Isso significa que, na loja *on-line*, a ficha técnica com os custos dos produtos está acessível às nossas clientes. A marca acredita que a transparência fortalece a relação de confiança com o público, especialmente quando se trata de um produto criativo”, observa.

Iniciativas conectam empreendedorismo e amor ao estado

Existem mais de 93 milhões de brasileiros envolvidos de alguma forma com o empreendedorismo hoje. Segundo o Global Entrepreneurship Monitor 2022 (GEM), levantamento realizado pelo Sebrae e pela Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (Anepge), entre a população adulta, de 18 a 64 anos, 67% das pessoas já tem um negócio ou pensa em ter. Isso significa que o Brasil é o segundo país do mundo com o maior número de interessados em ter o próprio negócio e, em números absolutos de potenciais empresários, só fica atrás da Índia.

De acordo com o presidente do Sebrae, Décio Lima, ao invés de frear a idealização de novos negócios, a pandemia foi a alavanca para o crescimento considerável do empreendedorismo nos últimos anos. “A pandemia fez uma grande revolução na vida das pessoas e foi um estopim para o crescimento do empreendedorismo no país, seja pela escassez de empregos que ocorreu ou pela nova forma de ver o mundo e novos desejos adquiridos”, avalia.

O cenário descrito pelo presidente do Sebrae foi, de fato, o catalisador para o nascimento de diversos negócios, dentre eles o Xica do Pote, um empreendimento paraibano, cuja ideia surgiu em setembro de 2020, durante os momentos mais ávidos da pandemia de Covid-19, quando o Brasil passava por um período de *lockdown*. Campinense, a loja foi sonhada pelas irmãs Daiane e Danielle Bezerra. À época, Daiane trabalhava apenas como merendeira na Pre-

feitura Municipal de Campina Grande e Danielle estava como colaboradora temporária em um programa de assistência social.

“A gente estava sem saber o que viria pela frente. E Daiane queria fazer algo que complementasse a renda, mas que também nos possibilitasse colocar amor; algo diferente. Ela disse para produzirmos alguns potes de cimento e eu concordei. A gente não sabia de absolutamente nada sobre o assunto, mas decidimos tentar e começamos a produzir”, conta Danielle Bezerra.

Embora ainda não tivesse um conceito bem consolidado, a ideia inicial de Daiane de produzir potes de cimento foi o suficiente para que as irmãs se dispusessem a colocar, literalmente, a mão na massa. Mas a paixão de Danielle pelo estado onde a dupla nasceu pulsava no peito e era sempre uma lembrança de que faltava algo mais na produção. Foi assim que surgiram as delicadas pinturas que são, hoje, a marca registrada do trabalho desenvolvido na Xica do Pote. De lá para cá, além das pinturas, os produtos também passaram por uma reformulação no material principal, que deixou de ser cimento e passou a ser barro, conferindo uma estilística regional e interiorana aos produtos da loja.

“Sempre amei o estado em que eu nasci e tudo que envolve a cultura da Paraíba. Eu tinha esse desejo muito forte de fazer algo relacionado a isso. A ideia foi surgindo e começamos a fazer as pinturas. Com elas, tivemos a ideia de pintar peças de barro, o que foi uma ressignificação daquela peça tradicional nordestina, do cotidiano nordestino. E foi

“

Sempre amei tudo que envolve a Paraíba e tinha um desejo forte de fazer algo relacionado a isso

Danielle Bezerra

um gatilho, foi a ligação do trabalho que nós estávamos nos propondo a fazer com a cultura do nosso estado e do nosso lugar”, diz Danielle ao contar que, neste momento, o empreendimento familiar começou a ter um propósito.

Inspiração para coleções

Com um conceito mais consistente, os pensamentos das irmãs começaram a ficar mais claros e novas ideias foram surgindo. Entravam em cena as coleções Xica do Pote, que têm para si um espaço reservado no coração de Danielle. “Uma das primeiras coleções que criamos, refletindo o nosso estado e a beleza que tem nele, foi a Renascença Paraíba, com peças muito utilizadas por nós, como a quartinha e o filtro de barro. E vieram as outras, como as coleções Sertão e Cordel, que conquistaram os clientes e nos ajudaram a crescer”. E a loja cresceu tanto que hoje já tem espaço físico e é responsável por toda a renda de Danielle e principal fonte de renda da irmã, Daiane, que ainda trabalha como servidora pública.

“O encantamento de tudo isso eu atribuo ao fato de conseguirmos imprimir em cada peça memórias afetivas. Não tem uma coleção que não tenha sido desenvolvida com algo muito particular nosso”,

avalia Danielle Bezerra.

Na loja física, é possível encontrar não apenas as peças confeccionadas pelas “xicas”, como se chamam Daiane e Danielle, mas também uma experiência afetiva, de conexão e reencontro com raízes. Na casinha amarela com parte dos tijolos à vista onde fica a loja, o visitante encontra bandeiras de São João, fuxicos costurados pela bisavó das “xicas” e até mesmo uma árvore personalizada por elas.

“É algo ligado à nossa história. Está no nosso DNA. E se tem uma coisa que eu posso atribuir como segredo de sucesso, que não existe segredo, mas que eu posso atribuir ao sucesso, é a gente conseguir passar a nossa verdade. O amor mais puro que existe dentro de nós. Porque amamos muito essa cidade. Amamos muito esse estado”, garante Danielle.

Peças reproduzem amor

Com coleções pensadas cuidadosamente, a Soé também é fruto do amor de Ellyka

e Maria Livia pelo estado. E essa paixão se traduz já no nome da marca, que tem o rio Soé, também conhecido como Rio da Guia como influência. O rio, que corta os municípios de Santa Rita e Lucena, é, segundo as criadoras, paraibano, fácil, curto e forte. Assim também são as coleções da marca, cujos modelos disponíveis na loja virtual www.soeparaiba.com.br se esgotam rapidamente. As peças da coleção mais recente, em homenagem ao São João, por exemplo, mal chegaram ao estoque e já arrebatarem o público não só pela beleza dos acessórios, mas também pelo cuidado e pela estratégia empregados na campanha de divulgação, que anuncia que “junho tem cheiro de fogueira e tem gosto de milho assado, pamonha e canjica. É quando o sanfoneiro aperta o fole e a gente toma uma lapada de cachaça para esquentar. Aqui é inverno, e pra gente 22 graus é frio” e prova que, na paraibanidade contemporânea, empreender é, também, voltar à raiz.



Ao ressaltarem a cultura paraibana, os produtos da Soé (esq.) e da Xica do Pote adquirem características únicas que cativam os clientes



Fotos: Divulgação

MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE

Ações vão viabilizar políticas públicas

Governo do Estado e representantes de instituições acadêmicas e de pesquisa assinaram protocolos de intenções

Márcia Dementshuk
Ascom SECTIES

Na solenidade de abertura da Semana do Meio Ambiente no estado da Paraíba o governador João Azevêdo e representantes de instituições acadêmicas e de pesquisa assinaram os protocolos de intenções entre o Governo do Estado e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e o Instituto Nacional do Semiárido (Insa) voltados para a democratização, orientação e implementação de ações voltadas ao meio ambiente e sustentabilidade. Por meio deste instrumento, projetos de pesquisa poderão refletir em programas de políticas públicas do governo. O governador mencionou ainda a importância da criação do Parque Nacional da Serra do Teixeira para a conservação e o turismo sustentável

O turista que chega à Serra do Teixeira hoje já encontra uma estrutura de hospedagem e alimentação e pode ter vivências lendárias entre pinturas rupestres, trilhas pela Caatinga, várias espécies de animais e plantas, cachoeira, nascentes e visuais de tirar o fôlego.

Há um lugar incomum nos folhetos ou slides de divulgação dos roteiros turísticos, o Buraco do Véio Cico, em Maturéia. Cico é um jeito abreviado de chamar Cícero. Pois conta-se que o dito cidadão saiu do Brejo paraibano, pelos idos de 1940, e se instalou em um povoado do Sertão, na Serra do Teixeira. Sem dar muitas pistas a seu respeito, contratou alguns trabalhadores para escavar um túnel rocha à dentro, onde fica hoje o sítio São José de Belém. De repente, cerca de três meses depois, dispensou o pessoal e seguiu cavando sozinho. Passados alguns dias, sumiu. Ficou o túnel intocado, provando que Véio Cico encontrou o que procurava, seja lá o

Parque

O governador mencionou ainda a importância da criação do Parque Nacional da Serra do Teixeira para a conservação e o turismo sustentável

que fosse. Muito provavelmente uma grande pedra preciosa?

Esta é uma das experiências turísticas exóticas na Serra do Teixeira. A história é contada pelos moradores locais; pode-se visitar o túnel chegando de carro e percorrendo um trecho a pé. A aventura de descer a caverna é singular; o túnel é escuro, quente e úmido, morada de aranhas de cavidade e morcegos. O final é na cripta, onde o Véio Cico, ou Velho Cícero, deve ter encontrado sua preciosidade.

Felizmente, a Serra do Teixeira revela outras joias raras, como a Pedra do Tendó, com cerca de 800m de altitude. Lá de cima, a visão é para os lados de Patos; montes pontiagudos se elevam no solo plano comprovando que um dia o relevo era mais elevado e foi-se desgastando com o tempo: são os "inselbergues", testemunhas desse efeito geológico que levou à atual depressão. Outro rumo leva para Pedra do Caboclo. Escalando as rochas chega-se ao "portal do cangaceiro" (nome inventado agora), um lugar onde a aglomeração rochosa formou um chapéu de cangaceiro, ao estilo Lampião.

É nessa serra o pico de maior altitude da Paraíba: o Pico do Jabre, em Maturéia, com 1.208 m de altitude (IBGE/2023). Foi o local favorito para a instalação de torres para transmissão de telecomunicações desde o século passado. E sendo um local distinto, de conservação e grande potencial turístico, moradores e ambientalistas se mobilizam há cerca de uma década (ou mais) em diversas manifestações pedindo a retirada das torres.



Segundo o professor José Etham Barbosa, parque será incluído nas políticas públicas para financiamento de pesquisa

Finalmente, a vista panorâmica que alcança os estados do Rio Grande do Norte e Pernambuco no pico está livre dos ferros, retirados com a criação iminente do Parque Nacional da Serra do Teixeira, anunciada nesta última segunda-feira pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em solenidade, no Distrito Federal com a presença da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, o governador da Paraíba, João Azevêdo, a secretária estadual do Meio Am-

biente e Sustentabilidade, Rafaela Camarãense e comitiva. Sendo uma unidade de conservação na categoria de Parque Nacional (Parna), a área delimitada na Paraíba de 61.158 hectares (maior que o município de Campina Grande) terá preservado os ecossistemas naturais, possibilitará a "realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico". As determinações constam na Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, o SNUC.

Dessa forma, o desenvolvimento de projetos de pesquisa científica poderá ganhar força, como afirma o cientista e pesquisador José Etham Barbosa, professor na Universidade Estadual da Paraíba e coordena-

“**O Parque Nacional é uma unidade de proteção integral na qual é permitido o uso sustentável, mas não permite a extração ou exploração do território**”

Etham Barbosa

do Projeto Ecológico de Longa Duração Rio Paraíba, o PELD RIPA. O projeto integra o programa PELD oriundo do CNPq e é financiado pelo Governo da Paraíba por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba, a Fapesq;

“O Parque Nacional é uma unidade de proteção integral na qual é permitido o uso sustentável, mas não permite a extração ou exploração do território. E sendo uma unidade reconhecida oficialmente, ela passa a constar nas políticas públicas para financiamento de pesquisa não só nas agendas das agências públicas como também privadas, como a Fundação Boticário, entre outras; e ainda entidades multilaterais internacionais. Passa a ter um status oficial extremamente importante”, salienta Etham Barbosa.

Leia mais na página 20

■ Projetos de pesquisa poderão refletir em programas de políticas públicas do governo

O cientista José Etham Barbosa concedeu uma entrevista na qual amplia questões relevantes à sociedade a partir desta nova unidade de conservação.

Entrevista

■ Com a publicação do decreto que cria o Parque Nacional da Serra do Teixeira, o que precisa ser resolvido localmente a partir de agora?

Etham - Os usos precisam ser normatizados; o objetivo principal é a proteção das espécies endêmicas do bioma Caatinga, proteger os sítios geográficos de beleza cênica, pinturas rupestres, remanescentes arqueológicos, pedológicos e garantir serviços ecossistêmicos. Deve-se estabelecer a desapropriação dos imóveis rurais ou privados que estão na serra, o ordenamento jurídico das propriedades, que passam a ser consideradas de utilização pública, a execução do plano de manejo, o cercamento da área, entre outros.

■ Qual será o ente responsável

■ Segundo o pesquisador, instituições de pesquisa da Paraíba são capazes de assessorar a governança das políticas ambientais

por essas ações?

Etham - será o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que deverá ter uma unidade no local.

■ Então, a criação do parque nacional vai incentivar mais pesquisas no local?

Etham - Certamente. No momento em que se estabelece uma unidade de conservação, as agências de financiamento priorizam projetos nestes locais. Na região, há mais de 40 nascentes que irão formar o Rio Paraíba, na face ao sul da serra, e ao norte corre para o Rio Piranhas-Açu. É uma região onde ainda se encontram carnívoros grandes, onças, espécies endêmicas de pássaros... Por ser uma área montanhosa, de acesso complicado, os animais se sentem protegidos. Há mais de 200 espécies de animais, pelo que se tem conhecimento, mas isso não é nem a metade do que se pode encontrar porque agora é que as pesquisas poderão ser feitas de forma mais sistemática, acadêmica.

■ De que maneira o Protocolo de Intenções assinado com o Governo da Paraíba irá beneficiar a execução de pesquisas?

Etham - Projetos temáticos que essas universidades executam, o caso do PELD, por exemplo, o Nexus, da UFPB, e outros, reflatam em progra-

mas das secretarias, ou seja, assessorar, suprir o governo de dados e informações de forma que este fique com a responsabilidade de executar a política pública, que é sua função primordial.

■ Como está o nível de pesquisa na Paraíba, de modo que seja possível suprir essa necessidade na área da gestão pública?

Etham - Não precisamos mais sair da Paraíba para a geração de conhecimento. Temos as expertises necessárias, as instituições estão equipadas para suprir a necessidade do Governo do Estado; para assessorar na governança destas políticas. Precisa apenas de manutenção. É fundamental fazer essa ligação da governança ambiental e políticas públicas assessorada por dados fidedignos, pesquisas, programas sérios de longo prazo que tenham a chance das universidades.

■ Como o parque nacional pode ser autossustentável?

Etham - O principal desafio para isso será a gestão, a ad-

ministração do parque. O Parque Nacional das Cataratas do Iguaçu é o melhor exemplo de gerenciamento. Arrecada-se lá mais do que o dobro de todos os 74 Parnas do Brasil. Mas o ideal é criar a sua própria identidade, de acordo com as pessoas que estão lá. O parque pode ser também o destino de muitas das multas das compensações ambientais. Esse dinheiro pode ser investido para a estrutura. Os parques precisam se automanter. Eu digo que os parques não são a melhor política para a proteção da biodiversidade, mas é a única que temos primeiro para depois podermos pensar em outras alternativas.

■ O turismo é uma forma para esse autossustento?

Etham - Certamente. O secretário municipal de Maturéia que esteve no evento disse-me que já existem seis boas pousadas na cidade, sinal de que tem turismo por lá. O turismo é uma porta de entrada para esse uso. É um local de paisagem única, é altitude, tem um clima agradável!

CONSERVAÇÃO

Parque nacional da PB vira realidade

Embora área represente apenas 1% do território estadual, são mais de 61 mil hectares de riqueza da fauna e flora

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O Parque Nacional da Serra do Teixeira, o primeiro da Paraíba, além de fortalecer a conservação ambiental numa área que compreende 61.158 hectares, deverá impulsionar a economia dos 12 municípios que a unidade de conservação engloba. A secretária do Meio Ambiente e Sustentabilidade do Estado, Rafaela Camaraense, afirmou que a área corresponde a 1% do território paraibano, ou seja, três vezes maior do que a cidade de João Pessoa e que há a intenção do Estado em fomentar os empreendedores locais. Uma das formas de fazer esse estímulo é com a liberação de créditos dentro de projetos como o Empreender-PB, tendo como palavra-chave a sustentabilidade.

“A Secretaria de Turismo da região já é uma parceira nossa. Iremos visitar as localidades e conversar com os empresários para compreendermos o que eles enxergam como principais necessidades. O governador vai realizar alguns atos para que tenhamos mais desenvolvimento econômico de forma sustentável, através do fomento do Empreender, que terá linhas de crédito para a mudança da matriz energética comercial”, declarou Rafaela.

Ela ressaltou que é preciso potencializar o empreendimento das pessoas que já atuam na região - em estabelecimentos como pousadas, hotéis e restaurantes, muitos já de forma sustentável, porque entendem a riqueza ambiental do lugar. De acordo com a secretária, a equipe do Governo do Estado tem a missão de promover parcerias, junto com o Governo Federal e Municipal para incrementar esses pequenos empresários. “Para que as pessoas tenham cada vez mais oportunidade financeira e de renda”, acrescentou.

A criação do parque é um desejo de décadas de ambientalistas e órgãos públicos. A unidade de conservação deverá proteger sítios geográficos, a fauna e flora da Serra do Teixeira, onde está o Pico do Jabre, além do bioma Caatinga e outras riquezas nativas da fauna e da flora. Segundo Rafaela, o meio ambiente não é um problema, mas uma solução econômica e de esperança para uma melhor qualidade de vida para a população. Com a assinatura do Decreto Federal nº 11.552, que estabeleceu a criação do Parque Nacional da Serra do Teixeira - na segunda-feira, por meio da assinatura do presidente Lula, a secretária disse que há mais perspectiva da chegada de recursos federais para investimentos na área.

Visando esse propósito, ela frisou que já conversou com algumas autoridades de âmbito nacional. “Há sim a perspectiva de mais recursos. Já conversei, inclusive, com o presidente do ICMBio, do Ibama e com a própria ministra do Meio Ambiente, Marina

Silva. Todos eles sabem do potencial de ecoturismo que a Paraíba tem, sobretudo, com esse primeiro parque nacional. Queremos visualizar que a região do entorno, a zona de amortecimento, e o próprio parque possam receber mais investimentos do Governo Federal e, obviamente, podendo criar aporte para o Governo Estadual.”

O superintendente de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Marcelo Cavalcanti, afirmou que o Parque Nacional da Serra do Teixeira engloba uma unidade de conservação já existente na Paraíba, que é o Pico do Jabre, que possui cerca de 850 hectares. Marcelo Cavalcanti salientou que a Sudema atuará em parceria com outros órgãos para proteger a unidade de conservação. “Vamos trabalhar em parceria com o ICMBio, contribuindo com o que for necessário na questão da gestão e administração do parque”, frisou.

Inauguração

A secretária do Meio Ambiente e Sustentabilidade do Estado, Rafaela Camaraense, afirmou que, depois da assinatura do decreto do presidente Lula, uma equipe ICMBio virá à Paraíba para uma visita técnica, e a partir daí será agendada a inauguração da unidade de conservação. “Logo após a vinda do ICMBio, teremos uma solenidade para a entrega do parque à população. Ainda não temos a data firmada porque depende da finalização dos trâmites que ocorrerão depois da assinatura do presidente Lula”, completou.



Rafaela Camaraense do Meio Ambiente espera recursos federais para investimentos no parque

Saiba Mais

Após a ampliação do quadro do ICMBio na Paraíba, outra necessidade do instituto é a criação de um Conselho Gestor, que tenha representantes do poder público federal, estadual e municipal, bem como da comunidade. Rafaela Laia enfocou que a medida é importante para que as decisões sejam horizontalizadas, ou seja, não venham de cima para baixo.



Pedra do Tendó é um dos atrativos turísticos do novo parque



Teixeira é uma das cidades que detém território no parque

ICMBio fará gestão e fiscalização total da unidade na PB

O gerente regional Nordeste do ICMBio, Rafael Laia, afirmou que caberá ao instituto gerenciar e fiscalizar toda a extensão do Parque Nacional da Serra do Teixeira e o primeiro passo, após publicação do Decreto Federal nº 11.552, será a ampliação do número de pessoal do ICMBio.

“O que temos como maior prioridade é direcionar esforços institucionais para a alocação de servidores do ICMBio para a gestão da unidade de conservação. Precisamos nomear o chefe da unidade e mais servidores para auxiliar a chefia na gestão da área. A gente está conversando com Brasília, mas tudo depende do aporte de recursos, tanto financeiro e como também de pessoal”, declarou Rafael, sem estimar o quantitativo de servidores que deverá ser acrescentado.

Ele frisou que o trabalho de fiscalização do parque deverá ser compartilhado com gestores do Estado, o Ibama e os municípios da região. Segundo Laia, o processo de criação dessa unidade de conservação tem mais de 10 anos. Em 2018, por exemplo, já houve uma consulta pública para discutir o assunto e, agora, com a mudança da Presidência da República, houve o entendimento de se retomar o projeto.

Rafael Laia contou também que essa unidade de conservação pertence à categoria de Parque Nacional, isso significa dizer que possui um caráter de proteção integral, conforme prevê o Sistema Nacional de Unidade de Conservação, portanto, pode-se realizar no local práticas como atividade turística, de pesquisa e de educação ambiental, porém, não é permitido a presença de moradias ou práticas exploratórias visando aquisição financeira, a exemplo da mineração. “Por isso, o Parque Nacional garante uma maior eficiência na proteção da unidade e no cumprimento das suas funções ambientais”.

Desapropriação

Como não é permitida a existência de moradias dentro do parque, será necessária a retirada de algumas moradias que se encontram dentro dos mais de 61 mil hectares que a unidade abarca. Segundo Rafael Laia, esse processo de desapropriação não exigirá a retirada de muitas pessoas e tudo será realizado nos trâmites legais. “A gente vai ter uma ou outra situação que teremos que lidar com a desapropriação, mas esse processo será feito de forma transparente, com diálogo, nem será feito do dia para o outro. Será um processo lento, mas necessário e que terá a condução do ICMBio, apoio do Estado e municípios”.

Confira

A criação do Parque Nacional da Serra do Teixeira, por meio do Decreto Federal nº 11.552, prevê quatro objetivos principais.

- ▶ Proteger a área do bioma Caatinga e uma série de espécies da fauna e da flora, inclusive endêmicas (exclusivos dessa área). O parque abrange 265 espécies da flora, (sendo 24 endêmicas) e 237 espécies da fauna registradas somente nos quatro grupos de vertebrados terrestres (anfíbios, répteis, aves e mamíferos);
- ▶ Proteger sítios geográficos, de

grande beleza cênica como o Pico do Jabre, importante ponto turístico paraibano.

- ▶ Garantir os serviços ecossistêmicos da região, como produção de oxigênio, polinização, proteção dos corpos d'água, entre outros.

- ▶ Proporcionar o desenvolvimento de atividades de criação em contato com a natureza e do turismo ecológico



Área compreende mais de 61 mil hectares inseridos em 12 cidades da PB



Vegetação da Caatinga é diferencial

Saiba Mais

O Parque Nacional da Serra do Teixeira abrange 12 municípios do estado. São eles: Água Branca, Cacimba de Areia, Catingueira, Imaculada, Juru, Mãe D'Água, Matureia, Olho D'Água, Santa Teresinha, Santana dos Garrotes, São José do Bonfim e Teixeira.



Pedal pela fé

Movidos pela fé, os ciclistas de Boa Vista-PB seguem pedalando pelas estradas em direção ao Santuário de Aparecida

De Boa Vista-PB a Aparecida-SP

Cinco ciclistas desafiam os próprios limites numa peregrinação com percurso de 2,6 mil km

Fabiano Sousa
 fabianogool@gmail.com

Quem foi que disse que o esporte e a fé não podem caminhar lado a lado? Ou melhor, pedalar lado a lado. Movidos pelo desafio físico e dedicados pela força na certeza da fé, um grupo de ciclistas paraibanos continua a peregrinação para concluir o trajeto até a o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte-SP.

Cidade referência da modalidade na região do Cariri, Boa Vista tem o ciclismo como um dos esportes mais praticados no município, ao ponto de os ciclistas realizarem grandes trilhas e percursos que desafiam os limites do esforço físico. Neste sentido, cinco integrantes dos grupos de pedal Quixe-quixe, Junto e Misturado, além do Az Fulô de Quixe-quixe, desafiaram os seus próprios limites, num desafio denominado "Pedal de Aparecida" que reúne força, fé e gratidão.

Renato Almeida (47), Renilson Soares (42), Edmario Soares (47), Aureo Almeida (37) e Kercia Ramos (38) de Boa Ventura, saíram no último dia 1º deste mês, com destino ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, localizado na cidade de Aparecida do Norte, no interior paulista, no denominado "Pedal de Aparecida". O desafio de pe-

dar 2,6 mil km, além de exigir esforço físico é também uma forma de expressar fé e gratidão pela superação de desafios que transcenderam o esporte.

"O ciclismo nos proporciona interação desde a formação do grupo Quixe-quixe, em 2013, mais tarde também surgiram os grupos Junto e Misturado, bem como, Az Fulô de Quixe-quixe. Antes de atleta somos amigos, compartilhamos momentos de felicidade e também dificuldades. No momento da pandemia, muitos de nossos integrantes passaram por períodos de tormenta, perderam entes queridos e, graças a Deus, conseguiram superar as adversidades. Esse percurso, além de peregrinação é movido pela fé e agradecimento por todas as superações", revelou Renilson Soares, coordenador do pedal.

O grupo está prestes a completar o segundo desafio pós-pandemia. Em 2022, eles percorreram 500km de Boa Vista a Juazeiro do Norte-CE, no desafio "Pedal Padre Cícero". Até ontem, os aventureiros já haviam percorrido 1,1 mil km até o município de Jequié-BA. Hoje, eles darão sequência ao percurso, partindo de Jequié-BA em direção à Vitória da Conquista-BA, com a expectativa de concluir o percurso até o próximo domingo (18).

"Temos todo o apoio de

um amigo voluntário de nossa cidade, Eulânio Paulo. Ele nos acompanha em todo o trajeto, fornecendo auxílio com alimentação e hidratação. Deus também tem colocado pessoas boas no caminho, tanto, que por intermédio de amizades conseguimos acolhimento de moradia, ontem, para descanso no município de Jequié-BA. Retomamos o percurso hoje com a expectativa de concluí-lo até o próximo fim de semana", pontuou Renilson.

Para custear todo o desafio, o grupo conta com o apoio de colaboradores voluntários, que podem contribuir com as doações através do PIX renilsonsoarespereira@gmail.com. Percorridos os 2,6 mil km do Pedal de Aparecida, o grupo será recepcionado por familiares e devotos da Padroeira do Brasil, onde juntos irão participar de uma celebração da Missa, no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, como ato de gratidão.

"Estamos a poucos quilômetros de concluir um percurso que teve início através de um sonho. Um de nossos integrantes, o Renato Almeida, trabalhava de caminhoneiro, sempre viajando pelos quatro cantos do país. Depois que passamos a pedalar, ele me confidenciou o desejo de poder se arriscar em ir até Aparecida do Norte de bicicleta. O sonho está cada vez mais próximo de se tornar realidade" concluiu.



Em cada lugar, um registro na caminhada até Aparecida-SP

AMISTOSO EM 2024

Brasil e Espanha contra o racismo

Campanha "Uma só pele" é a marca principal do amistoso entre as duas seleções na Data Fifa do próximo ano

Agência Estado

A Seleção Brasileira fará um amistoso com a Espanha em março de 2024 para promover uma campanha contra o racismo no futebol, sob o lema "Uma só pele", como resposta à série de ataques racistas sofridos por Vinícius Júnior, do Real Madrid, no país europeu. Ao anunciar o jogo, a CBF informou que a disputa será em um estádio espanhol, durante a Data Fifa entre 18 e 26 de março do ano que vem, mas ainda sem definição exata de data e local.

"O combate ao racismo e à violência no futebol deve ser uma bandeira universal. Na CBF, trabalhamos de forma incansável pela luta contra todo tipo de discriminação, dentro e fora dos campos. Esta ação, em parceria com o meu amigo Luis Rubiales, presidente da Real Federação Espanhola de Futebol, será importante para reforçar ainda mais a necessidade de se combater o racismo de forma veemente, em todos os cantos do planeta", afirmou o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues.

A entidade brasileira estreitou relações com a Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF) desde que Vinícius Júnior decidiu adotar uma postura mais combativa depois de ser vítima de um novo ataque racista, durante a derrota por 1 a 0 do Real Madrid para o Valencia, dia 21 de maio. As cobranças públicas do atleta fizeram até a LaLiga, associação responsável pela organização do Campeona-



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

Fred marcou um dos gols da Seleção Brasileira na decisão da Copa das Confederações, quando o Brasil se sagrou campeão ao golpear a Espanha

■ CBF e a Real Federação Espanhola de Futebol estreitaram as relações no combate ao racismo no futebol

to Espanhol, se movimentar para pedir a mudança de uma lei para ter mais autonomia na punição para racismo.

Luis Rubiales, presidente da RFEF, criou a campanha "Racistas, fora do futebol" e passou a ter contato com Orlando Leite, embaixador do Brasil na Espanha, e também com o presidente da CBF. Em encontro na Ciu-

dad Del Fútbol, sede da federação espanhola, Rubiales e Rodrigues "entenderam que era uma ótima oportunidade para estreitar laços e promover a união contra a violência no futebol com a realização do amistoso", conforme informado pela CBF.

O amistoso marcará o reencontro de Espanha e Brasil em uma partida de futebol masculino após mais

de dez anos sem embates. A última vez que as duas equipes se enfrentaram foi na final da Copa das Confederações de 2013, quando a Seleção Brasileira, então comandada por Felipão, venceu os espanhóis por 3 a 0, com dois gols de Fred e um de Neymar.

Na nova edição do duelo, não é certo quem estará no banco de reservas como

treinador da Seleção. Ainda sem nenhum sinal positivo de que conseguirá tirar Carlo Ancelotti do Real Madrid, como deseja Ednaldo Rodrigues, a CBF manteve Ramon Menezes como treinador interino para os amistosos deste mês, contra Guiné e Senegal. O primeiro, aliás, será disputado em Barcelona, na Espanha, no Estádio Cornellà-El Prat, dia 17.

MORTE EM CAMPO

No Brasil, 14 jogadores já morreram durante ou após o jogo

Sambafoot.com

Para a grande maioria das pessoas, futebol é um esporte divertido e fácil de acompanhar. Torcedores vibram com os gols marcados pelos seus times, choram pelos jogos perdidos, comemoram títulos ou lamentam casos de rebaixamento. No entanto, o que muitos não sabem é que, apesar dos diversos exames que os jogadores fazem para monitorar sua saúde, existem casos de morte em campo (ou em decorrência de um acidente em campo), um momento de tragédia que altera todo o espírito do esporte.

Assim, o Sambafoot fez um levantamento de casos publicamente divulgados para entender as principais causas e similaridades entre estas fatalidades, analisando 305 óbitos que vão de 1889 a 2023. Considerando que a Inglaterra é o berço do futebol, não é de estranhar que o país ocupe o primeiro lugar, com 29 mortes no período analisado. A Escócia, um dos países que compõem a Grã-Bretanha, também aparece entre os cinco países com mais mortes, no entanto, em último lugar, com 9 óbitos.

O Brasil, por sua vez, um dos principais exportadores de jogadores de futebol do

Foto: Divulgação/Euro 2020



Foto: Sambafoot.com

Casos de ataques cardíacos acontecem no futebol, mas nem sempre com morte, como o caso do dinamarquês Erikson

mundo, também está presente na lista, com 14 mortes.

O Sambafoot analisou também a idade média destes jogadores, descobrindo que fica sempre próximo dos 20 e poucos anos de idade, com pequenas variações entre um país para o outro. O Brasil é o que possui maior média, de 26,7 anos, enquanto a Escócia tem a menor, de 22,3 anos.

Principais causas

Para entender as princi-

pais causas de morte, o Sambafoot criou cinco principais grupos: problemas cardíacos, colapso, raio, colisão e outros (nesta categoria entram desde problemas estomacais até casos de tétano).

Enquanto todas as mortes entram em pelo menos uma categoria, alguns casos foram classificados em mais de uma categoria (como, por exemplo, um colapso seguido por ataque cardíaco ou complicações derivadas de uma colisão em campo).

Estatística

Problemas cardíacos: 125

Colapso: 112

Choque de cabeças: 32

Raio: 7

Outros: 29

Quantos brasileiros já morreram em campo?

Nos últimos 23 anos, foram registradas 12 mortes de jogadores brasileiros em campo, quatro devido a problemas no coração, cinco por complicações cardíacas, quatro jogadores sofreram colapso e um faleceu após choque de cabeças. Antes de 2000, apenas dois jogadores morreram em campo: Carlos Alberto Barbosa, que sofreu um infarto aos 28 anos em 1982, e Mitotônio (Antônio Edgar da Silveira), aos 35, de uma congestão estomacal aguda em 1951.

Ingleses

Berço do futebol, a Inglaterra lidera o ranking com 29 mortes com as mais variadas causas das elencadas na pesquisa realizada pelo Sambafoot.com

BRASILEIRÃO

Palmeiras defende a invencibilidade

Time dirigido por Abel Ferreira vai enfrentar o São Paulo, no Morumbi; rodada ainda tem mais quatro partidas

Geraldo Varela
 gvarellajp@gmail.com

O complemento da 10ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A acontece neste domingo e grandes jogos estão cercados de expectativa como clássico paulista entre São Paulo e Palmeiras, no Morumbi, a partir das 16h, confronto que também marcará as quartas de final da Copa do Brasil, conforme definição esta semana pela Confederação Brasileira de Futebol com jogos nos dias 5 e 12 de julho. Ano passado, o Tricolor do Morumbi tirou o Alviverde nas oitavas de final, em jogo bastante polêmico.

No Brasileirão, o Palmeiras segue forte em busca do bicampeonato e invicto, depois de nove rodadas com cinco vitórias e três empates e ainda tem o melhor ataque da competição com 20 gols. A equipe dirigida por Abel Ferreira é a mais temida pela regularidade que vem desde 2021 com grandes conquistas. Diferentemente do Palmeiras, o São Paulo tem sofrido nos últimos anos, mas faz uma campanha bem melhor que em 2022. A chegada de Dorival Júnior animou o torcedor e os bons resultados estão surgindo. O Tricolor está entre os 10 melhores com quatro vitórias, três empates e duas derrotas.

Nos confrontos com o Verdão pelo Brasileirão, a vantagem é palmeirense com 24 vitórias em 70 jogos, tendo 16 derrotas e 30 empates. No último jogo, pelo Paulista, empate de 0 a 0.

Outro jogo de fundamental importância acontece no Maracanã, a partir das 18h30, entre Flamengo e Grêmio, uma rivalidade nos últimos anos. As duas equipes reagiram no Brasi-

leirão depois de um início irregular e figuram na parte de cima da tabela. A vantagem nos confrontos é gremista com 27 vitórias contra 22 do adversário e mais 21 empates em jogos pelo Campeonato Brasileiro. Este jogo marca o reencontro do técnico Renato com o seu ex-club, já que dirigiu o Flamengo na temporada de 2021, quando perdeu a Libertadores para o Palmeiras.

Além destes dois grandes jogos, o domingo reserva mais um jogo muito atrativo devido as dificuldades que os técnicos estão vivendo no momento e vai acontecer no Beira-Rio, a partir das 16h, quando Internacional e Vasco vão brigar por uma vitória, principalmente o time carioca que atravessa uma fase das mais complicadas na zona de rebaixamento e sem vencer há oito partidas. Vem de uma goleada para o Flamengo por 4 a 1, na última segunda-feira, e sua torcida tentou deprecar a sede



Fotos: Lucas Uebel/Grêmio

O Grêmio tem subido de produção no Campeonato Brasileiro e vem de uma vitória importante sobre o São Paulo por 2 a 1 na última rodada



São Paulo tem a difícil missão, hoje, de tentar quebrar a invencibilidade do Palmeiras

de São Januário e exigiu a imediata decisão do técnico Barbieri, o que não aconteceu, já que ele foi mantido no cargo, mas um novo tropeço pode culminar com a sua demissão devido a instabilidade do time.

O Vasco é penúltimo colocado com seis pontos. Já o Internacional de Mano Menezes ainda não decolou. Em nove jogos, soma apenas 11 pontos e segue no cargo, porém sob protesto dos torcedores. Tudo isso torna o jogo cada vez mais aberto, pelo fato de que só a vitória pode dar tranquilidade a um dos técnicos para seguir trabalhando sem pressão. Nos confrontos pelo Brasileirão, o Colorado leva vantagem com 26 vitórias contra 21 do time carioca, além de 11 empates nos 58 jogos.

Mais dois jogos completam a rodada com Goiás x Fluminense, no Serrinha, às 18h30; e América Mineiro x Athletico-PR, no Mineirão.

NA LIGA DOS EUA

Barcelona respeita decisão de Lionel Messi

Agência Estado

O Barcelona publicou um comunicado em seu site oficial para desejar boa sorte a Lionel Messi no Inter Miami, dos Estados Unidos, horas após o clube americano anunciar o craque argentino como reforço na última quarta-feira. O texto, contudo, se distancia do tom de carinho para dar uma pequena alfinetada na escolha feita pelo jogador de 35 anos.

“O presidente Laporta entendeu e respeitou a decisão de Messi de querer disputar um campeonato com menos exigências, mais longos holofotes e das pressões a que foi submetido nos últimos anos. Tanto Joan Laporta quanto Jorge Messi (pai do jogador) também concordaram em trabalhar juntos para promover uma homenagem adequada dos torcedores do Barça a um jogador de futebol que

foi, é e sempre será amado pelo Barça”, diz a nota.

Desde que Messi definiu que não continuaria jogando no Paris Saint-Germain, o Barcelona surgiu como nome forte para ser seu novo destino e tinha muita esperança de convencê-lo a voltar. No texto dessa quarta, o clube afirmou que recebeu a resposta negativa no início da semana, antes de o acerto com o Inter Miami tornar-se público.

“Na segunda-feira, 5 de junho, Jorge Messi, pai e representante do jogador, comunicou ao presidente do clube, Joan Laporta, a decisão do jogador de ingressar no Inter Miami, apesar de ter recebido uma proposta do Barça, considerando o desejo do FC Barcelona e Lionel Messi para ele voltar a vestir a camisa blaugrana”, afirmou.

Como diz o comunicado, Messi tinha, de fato, o desejo de retornar para o Barcelona. De acordo com

Esperança

Clube chegou a conversar com o jogador para tê-lo de volta, mas a proposta dos Estados Unidos seduziu mais o jogador, que temia encontrar problemas no retorno

ele, a negociação não se concretizou porque envolveria uma reformulação completa no clube, que teria que adequar sua folha de pagamento para não ultrapassar o teto de gastos imposto aos times espanhóis pela LaLiga. Foi exatamente por isso que ele saiu do Barcelona em 2021, quando negociava sua renovação de contrato.

“Estava ansioso para

poder voltar, mas depois de ter passado pelo que vivi e pela saída que tive, não queria ficar na mesma situação de novo: ficar esperando para ver o que ia acontecer e deixar meu futuro nas mãos de outros. Ouvi dizer que tinham de vender jogadores ou de baixar os salários dos jogadores, e a verdade é que não queria passar por isso, nem me encarregar de obter algo que tivesse a ver com tudo isso”, disse Messi em entrevista conjunta aos jornais espanhóis Sport e Mundo Deportivo.

Oferta

Messi aceitou a oferta financeira do Inter Miami e vai tentar reerguer o lanterna da competição, com somente 15 pontos após 16 partidas. Ele se apresenta após defender a Argentina nos amistosos contra Austrália e Indonésia, dias 15 e 19 de junho, respectivamente.

Jogos de Hoje

Série A

- 11h América-MG x Athletico-PR
- 16h São Paulo x Palmeiras
- 16h Internacional x Vasco
- 18h30 Flamengo x Grêmio
- 18h30 Goiás x Fluminense

Série B

- 11h Ponte Preta x Sport
- 11h Londrina x Mirassol
- 15h30 Avaí x Botafogo-SP
- 18h Vitória x Criciúma
- 18h15 Juventude x Tombense

Série C

- 16h Amazonas x Manaus
- 16h30 Floresta x Altos
- 17h30 Aparecidense x Remo
- 19h Ypiranga-RS x São José-RS
- 19h Operário-PR x CSA
- 19h América-RN x Brusque

Série D

- 16h Pacajus x Nacional de Patos
- 16h Sousa x Iguatu

BRASILEIRO DA SÉRIE D

Nacional joga para se manter no G4

Time patoense vai até o interior cearense enfrentar o Pacajus, no Estádio Ronaldão; Sousa joga contra o Iguatu

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

Dois clubes paraibanos têm jogos complicados neste domingo pelo Campeonato Brasileiro da Série D. O Nacional, único time paraibano a figurar na zona de classificação após a sexta rodada, tenta se manter no G4, hoje, a partir das 16h, no Estádio Ronaldão, no interior cearense, diante do Pacajus. As duas equipes fazem campanhas regulares desde o início das disputas no grupo 3.

Na rodada do meio de semana, o Nacional jogou em Patos e derrotou o Potiguar de Mossoró por 2 a 1, enquanto o Pacajus ficou no 0 a 0 com o Santa Cruz, no Estádio do Arruda. Em outro jogo que envolve equipe da Paraíba, o Sousa recebe, no Marizão, o Iguatu, a partir das 16h, com o objetivo de retornar a zona de classificação depois de ser surpreendido pelo Potiguar, na derrota de 2 a 1 fora de casa, a segunda consecutiva. O Sousa tem nove pontos e está fora do G4 do grupo 3. Fechando a rodada do fim de semana, o Santa Cruz vai até a cidade de Ceará-Mirim enfrentar o lanterna Globo. O Tricolor do Arruda está com 11 pontos e segue como grande favorito à classificação pela maior regularidade em relação aos concorrentes.



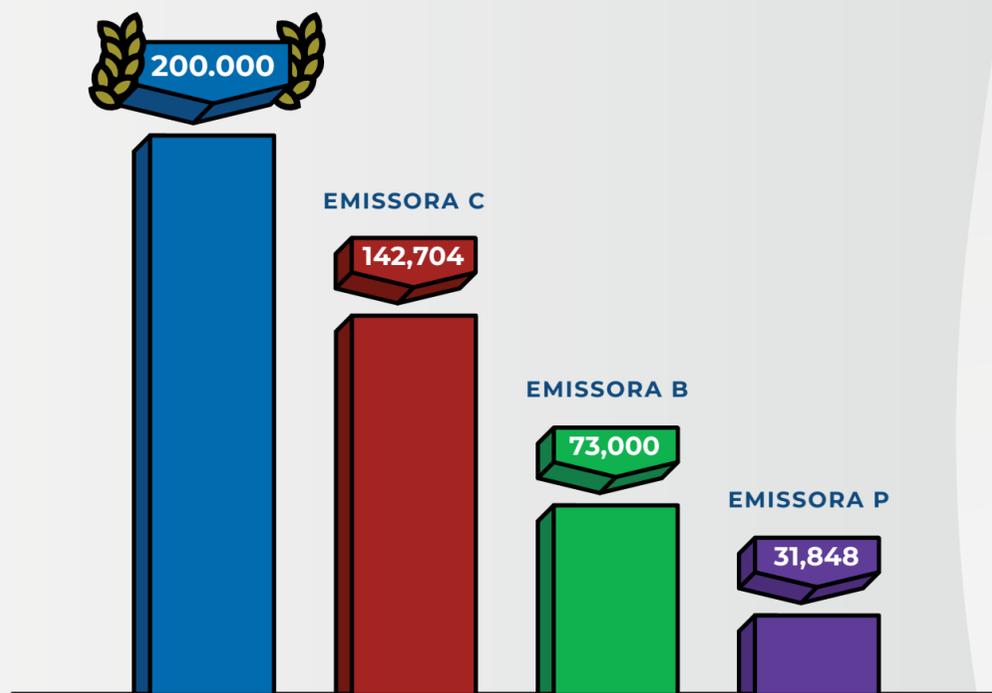
Foto: Reprodução/Instagram

Jogadores e membros da comissão técnica do Nacional de Patos comemoram a vitória de 2 a 1 sobre o Potiguar na última quarta-feira, no José Cavalcanti

PENSOU ESPORTE, LEMBROU TABAJARA

105,5 FM

RÁDIO TABAJARA



No acumulado de 2023, **200 mil fãs da bola redonda** assistiram, no YouTube, às transmissões da melhor equipe do rádio paraibano. É uma **audiência 28% superior a da segunda e muito mais do que o dobro das outras duas emissoras** que transmitem o futebol. Uma verdadeira goleada desta equipe que vai para o jogo com a missão de trazer emoção e informação ao torcedor. **No rádio ou no Youtube, futebol paraibano é na Tabajara!**

Referência dos dados: visualizações das transmissões realizadas pelas emissoras de rádio de João Pessoa ao longo de 2023 (coleta de dados feita nos respectivos canais do YouTube em 21/05/2023).

A polêmica dos fenícios na Paraíba

Há mais de 150 anos, pesquisadores e historiadores divergem sobre a teoria de que povos da antiga Fenícia, atual Tunísia, contemporâneos dos hebreus e dos impérios grego e romano, estiveram no interior paraibano em meados do ano de 530 a.C.

Hilton Gouvêa
 arnuijogouvca74@gmail.com

Os fenícios estiveram na Paraíba. E quem afirmou isso foi o Visconde de Sapucaí, quando presidia o Instituto Brasileiro de História e Geografia (IBHG). Ele teria recebido uma carta em 1872 relatando a descoberta de uma pedra com inscrição fenícia, “encontrada dentro de uma plantação na Paraíba”. A cópia da inscrição contida no estranho achado foi enviada, já traduzida em português, ao IBHG, segundo publicou a revista Enigma (Larousse do Brasil), nas páginas 322 e 323, numa edição de setembro de 2009.

A pedra em questão nunca foi encontrada. Suspeita-se de que ela esteja submersa nas águas do Açude Cantagalo, em Pedra Lavrada, interior paraibano, onde inscrições semelhantes as da Pedra de Ingá eram vistas nas margens do reservatório, antes da inundação provocada pela sua construção. Então, após analisar detidamente a carta e a tradução do respectivo conteúdo, Sapucaí e outros intelectuais brasileiros apelaram para os conhecimentos do erudito francês Ernest Renan, autor do livro ‘A Vida de Jesus’, um perfeito especialista em civilização fenícia.

Sem “pestanejar”, Renan declarou que a inscrição era falsa. Mesmo assim, arriscou fazer uma tradução, hoje considerada errônea. Depois dessas duas facetas duvidosas sobre as inscrições da misteriosa pedra, criou-se uma controvérsia entre especialistas europeus que após uma troca de ideias, divergentes, chegaram à conclusão de que, “a estranheza do fato vinha de que certos aspectos da escrita utilizada eram, em teoria, desconhecidos na época em que a pedra foi descoberta. Daí a desconfiança surgida em torno da autenticidade do texto”.

“

Certos aspectos da escrita utilizada eram, em teoria, desconhecidos na época da descoberta

Ernest Renan



Ilustração: Tônio

Especialista garante a autenticidade

A polêmica sobre a pedra e a autenticidade do texto já estavam esquecidas, quando, em 1967, o norte-americano Cyrus Gordon, especialista em línguas antigas e diretor do Departamento dos Estados Meditêrâneos da Universidade Brandeis de Massachusetts, retomou o texto enviado a Sapucaí e o traduziu novamente. À luz de recentes descobertas, Cyrus afirmou que a inscrição não poderia ser falsa, o que, literalmente, reacendeu a polêmica em torno do achado.

Gordon explicou: “O rei mercador citado no texto da pedra se refere ao monarca Hiron 3º, que reinou entre os fenícios de 552 a 532 a.C. E que a data referida da inscrição seria o ano de 531, da mesma época. A Ilha do Ferro assinalada na mensagem enviada a Sapucaí não seria outra terra a não ser o Brasil, onde tinha muito material desse minério. E como os cartagineses faziam o contorno da África pelo Estreito de Gibraltar, os fenícios aqui chegaram por ser a Paraíba a primeira terra a ser avistada ainda em alto-mar pelo navegante em busca de terras ocidentais, fora do continente negro.

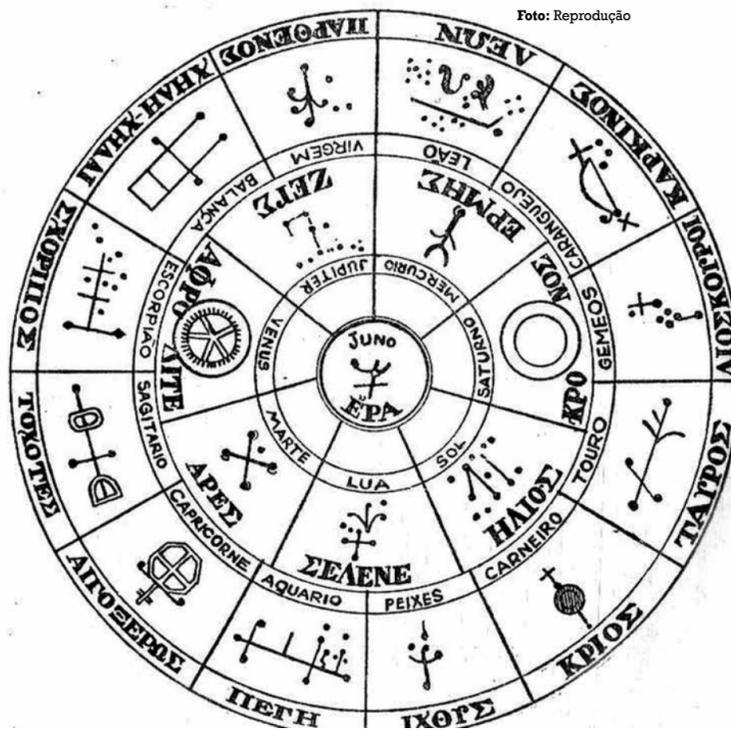
E o que dizia o texto recebido por Sapucaí, que foi desmentido pelo francês Renan e admitido pelo norte-americano Cyrus Gordon? Primeiramente, sem titubear, a Larousse do Brasil Participações Ltda, que assumiu a polêmica história e a publicou em 2009, faz uma pergunta: “Essa pedra encontrada numa plantação da Paraíba seria a prova de que navegantes fenícios teriam chegado ao Brasil anos antes de Cristo, se antecipando à sua descoberta? E acrescenta, na legen-

da ao pé da pedra: “Um achado igual a este (o da carta enviada a Sapucaí) ainda hoje se encontra na Ilha de Motya, na Sicília”.

Conteúdo da inscrição

A carta traduzida em português enviada ao então presidente do IBHG, Visconde de Sapucaí, em 1872, diz o seguinte: “Nós somos cananeus de Sidon, cidade do rei mercador. Fomos jogados nesta ilha longínqua, numa terra de montanhas. Sacrificamos uma jovem aos deuses e deusas celestes, no

Foto: Reprodução



■ O rei mercador citado no texto, sintetizado na imagem ao lado em um dos estudos que teriam sido feitos nos escritos descobertos em Pedra Lavrada, se refere ao monarca Hiron 3º, que reinou entre os fenícios

Documento

A carta em português enviada ao Visconde de Sapucaí, que presidia o Instituto Brasileiro de História e Geografia, ainda hoje se encontra na Ilha de Motya, na Sicília

décimo nono ano de aniversário do nosso poderoso rei Hiran e embarcamos de Ezion Ceber no Mar Vermelho”. E continua a carta: “Viajamos com dez barcas e demos a volta à África por mar durante dois anos. Em seguida fomos separados pela mão de Baal, e não estamos mais com nossos companheiros. Assim viemos aqui, doze homens e três mulheres, à Ilha do Ferro. Seria eu o almirante, homem para empreender fuga? Não! Possam os deuses e deusas celestes do bem por nos favorecer!”.

Castro Pinto

Adversário dos escravagistas, jornalista fez oposição a Floriano Peixoto



Ilustração: Tómas

Castro Pinto foi redator do jornal A Província do Pará e no jornal Estado da Paraíba; além de publicar uma série de contos, fazia duras críticas a Floriano Peixoto

Hilton Gouvêa
araujogouvêa74@gmail.com

O jornalista, professor, político e escritor João Pereira de Castro Pinto foi governador da Paraíba, no período de 22 de abril de 1912 a 24 de julho de 1915. Em sua administração, ele propôs uma coligação policial, uma espécie de "consórcio", formada por quatro estados - Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco - para combater o bando do cangaço Antônio Silvino, que acabou preso em Taquaritinga, Pernambuco, em 27 de novembro de 1914, antes de Castro Pinto deixar o governo paraibano.

Ele também soube opor-se ao autoritarismo do governo anterior de Álvaro Machado e ousou criticar o presidente Floriano Peixoto por causa dos métodos ortodoxos de administrar, adotados pelo conhecido "Marechal de Ferro". Foi monarquista, mas, sem convites de facções, aderiu ao abolicionismo e se tornou ferrenho adversário dos escravagistas.

O cangaço Antônio Silvino, ciente de sua impunidade e dotado de muita coragem pessoal, ao saber da armadilha policial que o governador paraibano tinha armado para ele, publicando a foto e as atrocidades do bando em quase todos os jornais do país, escreveu um bilhete malcriado para Castro Pinto.

Dizia o comunicado: "Doutor Castro Pinto, governador bandido. Não precisava unir as polícias de quatro estados para me prender e perseguir. Pois eu lhe garanto que nunca fiz perseguição ao seu governo. E passo ao Doutor Massa que toda perseguição que me fizer eu desconto na família dele. É melhor o senhor pilar o milho e dar de comer a esse pinto que o mal dele é fome". Massa era o chefe de Polícia no governo de Castro Pinto. É bom ressaltar que existem várias versões sobre o real conteúdo desse texto.

João Pereira de Castro Pinto nasceu em 3 de dezembro de 1863, em Mamanguape, no Litoral Norte da Paraíba, a 52 quilômetros de João Pes-

soa. Ele morreu no Rio de Janeiro, aos 80 anos, em 11 de julho de 1944. Era filho do casal José Pereira de Castro Pinto e Maria Ricarda Cavalcanti de Albuquerque, sua conterrânea.

Cursou as primeiras letras no Colégio Ribeiro Bessa, onde realizou o Curso de Latim com o professor Isaac Ribeiro Franco. Fez o curso primário no Colégio Rio Branco, na atual João Pessoa, e Humanidades, no Lyceu Paraibano. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1886, aos 23 anos.

Foi promotor público em Mamanguape e juiz federal substituto. Era monarquista, abolicionista e jornalista. Elegeu-se deputado à Assembleia Constituinte pela Paraíba, sendo reeleito em 1896. Renunciou ao mandato e viajou ao Rio de Janeiro, passando a exercer o cargo de redator oficial do Senado. Retornou ao Nordeste assumindo a promotoria de justiça de Vitória de Santo Antão (PE) e, em seguida, a de Fortaleza (CE).

No estado do Pará, a convite do presidente Paes de Carvalho, exerceu a chefia de Gabinete da Presidência da Província, sendo ainda professor de Lógica do Ginásio Paraense e redator do jornal A Província do Pará. Pelas páginas do jornal Estado da Paraíba, fazia duras críticas a Floriano Peixoto. Entre 1891 e 1892, também publicando, ali, uma série de contos.

Quando Álvaro de Carvalho retornou à presidência da província, convidou Castro Pinto a tornar à sua terra, oferecendo-lhe uma nomeação de professor de Matemática no Lyceu Paraibano - na época, ser professor desse educandário era um cargo estrategicamente importante no currículo de qualquer profissional do ensino. Aceitou o convite e instalou-se na capital. No ano seguinte, elegeu-se deputado federal e, em 1908, já era senador. Em 1912, passa a governar o estado.

Atualmente o aeroporto localizado na Região Metropolitana de João Pessoa recebe o nome do ex-governador, professor e jornalista Castro Pinto.



Foto: Reprodução

Floriano Peixoto foi o segundo presidente da República e, por causa dos métodos ortodoxos de administrar, era chamado de "Marechal de Ferro", recebendo duras críticas de Castro Pinto

Parceria estratégica em prol da educação

Em dezembro de 2013, a revista HISTEDBR (Unicamp - Grupo de Estudos e Pesquisa, História, Sociedade e Educação no Brasil), escreveu o seguinte sobre a parceria de Castro Pinto e Carlos Dias Fernandes, dois filhos de Mamanguape, para a melhoria da Educação na Paraíba: "(...) Em nossos estudos sobre Castro Pinto e Carlos Dias Fernandes, seguimos as perspectivas apontadas, pois entendemos as suas atuações como intelectuais - jornalistas, pro-

fessores, políticos e literatos - que se configuram enquanto uma ação política que trouxe à baila propostas educativas, mantendo estreitas ligações com as discussões gestadas em território nacional".

E continua a publicação: "A noção de sociabilidade nos auxiliou a entender as relações instituídas por esses sujeitos no meio político e cultural das ações no estado da Parahyba. Segundo Gomes, foi nos lugares de sociabilidade intelectual - parlamento,

jornais e associações - que podemos verificar a presença e atuação dos políticos, escritores, editores e livreiros em torno de projetos coletivos comuns".

E ainda: "(...) Flagrar o intelectual na meada de relações que o constitui é atentarmos para os modos de filiação e os lugares de sociabilidade, institucionalizadas ou não, onde ocorriam os debates entre eles, auxilia-nos na percepção dos conflitos ou afinidades entre os vários in-

tellectuais de uma determinada época".

"Sendo assim", segue a análise, "esses sujeitos precisam ser pensados mediante sua imbricação com as questões políticas do seu tempo. O que indica, por um lado, o interesse de um grupo, mas, por outro, mostra-nos suas trajetórias. Desse modo, esses sujeitos são partícipes da configuração das implementações das propostas educacionais, culturais e políticas que circularam na Parahyba na Primeira República".

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Vídeo: um senhor de quase 135 anos

Considerado como um pioneiro esquecido do cinema, o inventor francês Louis Le Prince é o pai do primeiro vídeo em todo o mundo. O ano era 1888; o mês, outubro; e Le Prince deixou para a posteridade o vídeo 'Roundhay Garden Scene'. Como o nome antecipa, a mídia registra o instante de um jardim. Apenas. Quase 135 anos depois, não apenas cenas de jardins, mas vídeos sobre todo e qualquer assunto dominam o cotidiano.

No YouTube, a publicação do primeiro vídeo ocorreu em 23 de abril de 2005. Com apenas 19 segundos, o vídeo chamado 'Me at the Zoo' ('Eu no zoológico') foi postado por um dos fundadores da plataforma, Jawed Karim.

Em 2022, segundo levantamento da Kantar Ibope Mídia, o vídeo alcançou praticamente toda a população brasileira, com um índice de 99,6%, seja conteúdo linear, seja on-line. No Brasil, 44% do consumo de vídeo ocorre por meio de TV/CTVs em um dia típico, com uma sobreposição de 15% com smartphones.

Para quem utiliza (ou pensa em usar) vídeos com o objetivo de criar uma conexão

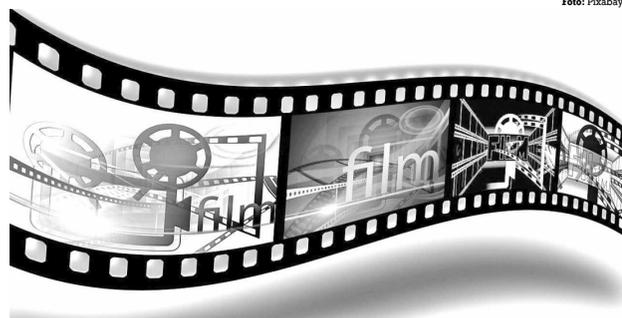


Foto: Pixabay

maior com seu público nas redes sociais, seja para vender produtos ou divulgar ideias, o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) aponta algumas vantagens dessa ferramenta: são didáticos e de fácil compreensão; geram mais engajamento e têm vida útil mais longa; reforçam a marca, gerando mais proximidade e autoridade para a empresa; podem ser aproveitados.

Ainda conforme dicas que pesqui no site do Sebrae, para alcançar um melhor resultado com a produção de vídeos, porém, é preciso ficar atento a algumas questões, como: ajustar a duração do vídeo em cada rede; inserir legendas; apostar em vídeos ao vivo; criar peças que capturem a atenção do usuário logo nos primeiros segundos; fazer uma previsão antes da gravação ou da live, inclu-

sive criando frases de impacto; elaborar um breve roteiro.

Além disso, é necessário criar um produto de qualidade para a audiência, tanto no conteúdo quanto na forma. Vídeo com baixa qualidade técnica costuma ser ignorado pelos algoritmos das redes sociais. Claro, há muito mais dicas que merecem nossa atenção na hora de investir em vídeos. E se você puder contratar uma agência ou profissionais que saibam fazer isso bem, melhor ainda!

(...)

Agenda

Está aberta a chamada de trabalhos científicos para o II Congresso Brasileiro de Comunicação Pública, Cidadania e Informação (II ComPública). O evento será realizado entre os dias 16 e 18 de outubro de 2023 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal (RN), e podem ser submetidos resumos expandidos voltados a seis grupos temáticos. Para mais informações, confira o edital no site da ABCPública (<https://abcpublica.org.br/>).

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Roberto Carlos – Temas Musicais – Carros e Afins... – Conclusão

Muito cedo, desde o início de sua carreira, no auge da Jovem Guarda, já residindo numa mansão localizada no bairro nobre do Morumbi, em São Paulo, Roberto Carlos já desfrutava, além do conforto dos 750 metros quadrados, do seu mais importante troféu: guardava em sua garagem um Cadillac Bel Air presidencial, um Volkswagen 1600, um Jaguar esporte, que lhe fora apresentado pela sua gravadora CBS/Columbia, um Esplanada, um Alpha Romeu, um Oldsmobile Cutlass, um Galaxie LTD e um Dodge Charger... Havia concretizado, como ele próprio afirmara, o seu mais ambicioso e almejado sonho.

Os tempos eram outros, e já se tinham passado 14 anos quando ele voltou ao tema, porém, agora já sob nova visão.

Passada a onda da Jovem Guarda, a dupla Roberto/Erasmão buscava outras motivações temáticas para a construção de novas canções. É nesse clima que aparece 'Caminhoneiro'. Trata-se de uma versão/adaptação de folk do country western norte-americano 'Gentle on My Mind', cuja autoria é

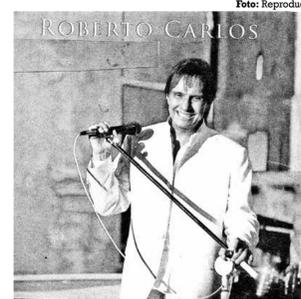


Foto: Reprodução

de Glen Campbell, que teve a inspiração, e John Hartford, que escreveu/ finalizou a canção, que foi gravada, individualmente, por ambos e ainda por Elvis Presley, no final dos anos de 1960. A esse propósito, a criação de Roberto Carlos/Erasmão Carlos chegou a entrar em processo judicial, quando saiu em álbum, sem os devidos créditos. A justificativa da gravadora é que, por aquela

época, o Brasil não aderira às convenções dos direitos autorais internacionais. Corrigido o equívoco, o álbum de 1984 explicitou esses detalhes.

Quando da "estruturação" de 'Caminhoneiro', a dupla RC/EC chegou a diversificá-la de forma tal que, como eles mesmos afirmaram, "sobrou" material para uma nova canção. E foi o que realmente aconteceu com 'O Velho Caminhoneiro', inclusa no seu álbum de 1993. Hoje, quem ouve as duas canções não pode se furtar a fazer uma associação temática das duas: solidão de quem dirige, estrada a vencer, cuidados com a estrada, redução de velocidade e coisas afins... Somente um detalhe afasta os dois momentos: no primeiro, 'Caminhoneiro' (1984), aparece a figura da mulher que ele deixou em casa e cuja imagem contempla no painel; em 'O Velho Caminhoneiro' (1993), o que lhe aperta o peito é a lembrança de uma antiga namorada que ficou no seu passado / na porteira da estrada. Também puderam: já se haviam passado nove anos...

Pelo menos, até o momento, o ciclo se fechou com 'O Taxista' (1994) e 'O Cadillac' (2003): no primeiro, simulando ser o próprio motorista, descreve-se o dia a dia de um taxista, mas faz ligeira alusão à dupla atividade: "Sou taxista, tô na rua, tô na pista/ Não tô no palco/ mas no asfalto eu sou um artista"; já no segundo, faz alusão direta e saudosa ao seu Cadillac Bel Air conversível, vermelho cintilante, modelo 1960, que ele dirige, como ele se imagina: "E nele me sentia/ com metade de quarenta/ em meu cadillac/ meu cadillac/ sai pela cidade me sentindo um jovemzinho/ e, na primeira esquina,/ parei ao lado de um brotinho...". Puro saudosismo de uma estrada que se ia vencendo...

Para quem gosta de carro, velocidade, aos moldes dos tempos da Jovem Guarda, resta-nos ainda ouvir outros hits dessa safra: 'O Carango', com Wilson Simonal; 'Rua Augusta', com Ronnie Cord; 'O Bom', com Eduardo Araújo; e encerra a audição com o emblemático 'Jovens Tardes de Domingo', que nos fala das saudades deixadas pelas "canções [que] usavam formas simples pra falar de amor/ Carrões e gente numa festa de sorriso e cor...".

NAS PLACAS

Nome de rua mais popular na Europa é o da Virgem Maria

Sant'Ana, avó de Jesus, é a segunda personalidade que mais aparece nos logradouros públicos

Da Redação

A Virgem Maria é a personalidade mais popular nos nomes de ruas em 30 grandes cidades europeias. Seu nome surge, com algumas variações, nas ruas de inúmeras cidades do velho continente. No entanto, ruas com nomes de homens superaram as com nomes de mulheres numa proporção de dez para um. Os dados foram recolhidos pelo projeto Mapping Diversity, que analisa a representação nos nomes das ruas em toda a Europa.

Os pesquisadores do projeto, segundo registra o Site Zap, analisaram cerca de 146 mil ruas em 30 grandes cidades de 17 países europeus, e concluíram que mais de um terço destas ruas (quase 53 mil) têm nomes de pessoas. Dessas, cerca de 48 mil têm nomes de homens. Apenas 4,8 mil são nomes femininos - menos de 10% de todas as ruas nomeadas em homenagem a personalidades.

Segundo o portal de notícias Big Think, as três cidades com melhor representação de mulheres na toponímia são Estocolmo (Suécia), com 19,5%; Copenhague (Dinamarca), com 13,4%; e Berlim (Alemanha), com 12,1%. Com pior desempenho, surgem Atenas (Grécia), com 4,5%; Praga (República Tcheca), com 4,3%; e Debrecen (segunda maior cidade da Hungria), com 2,7%.

Apesar da disparidade de representação entre gêneros, não só o nome mais popular é o de uma mulher, a Virgem Maria (com 365



A Virgem Maria, retratada aqui na pintura de Jan van Eyck, é popular nas ruas europeias

ruas), como também o segundo na lista é o da sua mãe, Santa Ana (35 ruas). A terceira personalidade mais popular no geral é o Apóstolo Paulo, que dá nome a 28 ruas das cidades analisadas pelo projeto.

Marie Curie (com 24 ruas) é a terceira mulher mais popular nas placas das ruas e se destaca por ser uma cientista. O restante do "top dez" feminino é totalmente dominado por figuras religiosas: Maria Madalena (18), Teresa de Ávila (16), Catarina de Alexandria (15), Santa Bárbara (12), Clara de Assis (12), Santa Lúcia (11) e Marta (11). No entanto, a maior parte das 3,2 mil mulheres nos nomes das ruas eu-

ropeias não estão ligadas à religião. A maioria é de figuras culturais, com destaque para escritoras. E a maior é de personagens dos séculos 19 e 20.

A mulher que mais recentemente ganhou proemi-

nência nos nomes de ruas da Europa é Anna Politkovskaya, a jornalista russa assassinada em 2006 depois de ter exposto abusos de direitos humanos na Chechênia, que dá o seu nome a ruas em Praga, Paris e Roma.



Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Percebi (1) = vi + como (1) = tal + tempo (3) = idade - **Solução:** saúde (5) = vitalidade. **Charada de hoje:** Nunca fui a favor (1) de o casal (1) dar-te (1) uma surra, quebrando-te o queixo (2) dentro do quarto (5).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!



Salgado tipicamente brasileiro

A coxinha, um salgadinho tão amado pelos brasileiros, é apontada como um dos ícones da gastronomia nacional. Mas será que ela é mesmo uma paixão nacional? Ela é um salgado tipicamente brasileiro, mas sua origem é incerta. A receita mais antiga data de 1869 e é de autoria do escritor e cozinheiro brasileiro Luís da Câmara Cascudo. O nome "coxinha" vem do formato do salgado, que lembra uma coxa de frango. A massa tradicional do salgado é feita com farinha de trigo, água, sal e manteiga ou margarina. O recheio mais comum é o de frango desfiado e temperado com cebola, alho, tomate e cheiro-verde.

Vegetariana, vegana e com ouro

A coxinha é frita em óleo quente até ficar douradinha e crocante. Em algumas regiões do Brasil, ela recebe o nome de "croquete de galinha". Existem versões vegetarianas e veganas, feitas com ingredientes como soja e palmito. A coxinha é um dos salgadinhos mais vendidos em padarias e lanchonetes no Brasil. Em São Paulo, existe uma lanchonete que vende a "Coxinha de Ouro", feita com ouro comestível.

No cinema e na televisão

Ela é tão popular no Brasil que já foi eleita como o salgado preferido em uma pesquisa nacional. É, também, uma ótima opção para acompanhar uma cervejinha gelada. Em algumas regiões do Brasil, serve-se a coxinha com molho de pimenta. Em alguns lugares, é servida em tamanhos mini, ideais para festas e eventos. É tão icônica no Brasil que já apareceu em diversas produções cinematográficas e televisivas. É um salgado tão versátil que já foi recheada com ingredientes como camarão, queijo, bacon, calabresa e até chocolate.

Superou o croissant e o samosa

Em Minas Gerais, existe uma variação da coxinha chamada "bolinho de frango", que é feita com massa de batata e recheada com frango desfiado. Ela também é servida com catupiry. Ela foi eleita como o melhor salgado do mundo em uma enquete realizada pela CNN Internacional em 2015, superando outras iguarias como o croissant e o samosa (pastel indiano). Já foi homenageada em músicas e poemas e é considerada um símbolo da culinária brasileira. Em 2019, criaram a maior coxinha do mundo, que pesava 15,5 kg e media 1,2 metros de comprimento.

Dia comemorativo e patrimônio

Já existe até uma data comemorativa para o salgado: o dia 28 de julho é o Dia da Coxinha. Em 2018, tornou-se um patrimônio gastronômico de São Paulo. Em Portugal, existe uma variação chamada "rissol", que é feita com massa folhada e recheada com carne, frango, camarão ou queijo. Já foi tema de diversas campanhas publicitárias de marcas famosas no Brasil.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - fatigagem no indigema; 2 - brinco; 3 - linha da água; 4 - pena; 5 - fatigagem no indigema; 6 - remo; 7 - olho do indigema; 8 - bico do indigema; 9 - boca do indigema; 10 - fatigagem no indigema; 11 - fatigagem no indigema; 12 - fatigagem no indigema; 13 - fatigagem no indigema; 14 - fatigagem no indigema; 15 - fatigagem no indigema; 16 - fatigagem no indigema; 17 - fatigagem no indigema; 18 - fatigagem no indigema; 19 - fatigagem no indigema; 20 - fatigagem no indigema; 21 - fatigagem no indigema; 22 - fatigagem no indigema; 23 - fatigagem no indigema; 24 - fatigagem no indigema; 25 - fatigagem no indigema; 26 - fatigagem no indigema; 27 - fatigagem no indigema; 28 - fatigagem no indigema; 29 - fatigagem no indigema; 30 - fatigagem no indigema; 31 - fatigagem no indigema; 32 - fatigagem no indigema; 33 - fatigagem no indigema; 34 - fatigagem no indigema; 35 - fatigagem no indigema; 36 - fatigagem no indigema; 37 - fatigagem no indigema; 38 - fatigagem no indigema; 39 - fatigagem no indigema; 40 - fatigagem no indigema; 41 - fatigagem no indigema; 42 - fatigagem no indigema; 43 - fatigagem no indigema; 44 - fatigagem no indigema; 45 - fatigagem no indigema; 46 - fatigagem no indigema; 47 - fatigagem no indigema; 48 - fatigagem no indigema; 49 - fatigagem no indigema; 50 - fatigagem no indigema; 51 - fatigagem no indigema; 52 - fatigagem no indigema; 53 - fatigagem no indigema; 54 - fatigagem no indigema; 55 - fatigagem no indigema; 56 - fatigagem no indigema; 57 - fatigagem no indigema; 58 - fatigagem no indigema; 59 - fatigagem no indigema; 60 - fatigagem no indigema; 61 - fatigagem no indigema; 62 - fatigagem no indigema; 63 - fatigagem no indigema; 64 - fatigagem no indigema; 65 - fatigagem no indigema; 66 - fatigagem no indigema; 67 - fatigagem no indigema; 68 - fatigagem no indigema; 69 - fatigagem no indigema; 70 - fatigagem no indigema; 71 - fatigagem no indigema; 72 - fatigagem no indigema; 73 - fatigagem no indigema; 74 - fatigagem no indigema; 75 - fatigagem no indigema; 76 - fatigagem no indigema; 77 - fatigagem no indigema; 78 - fatigagem no indigema; 79 - fatigagem no indigema; 80 - fatigagem no indigema; 81 - fatigagem no indigema; 82 - fatigagem no indigema; 83 - fatigagem no indigema; 84 - fatigagem no indigema; 85 - fatigagem no indigema; 86 - fatigagem no indigema; 87 - fatigagem no indigema; 88 - fatigagem no indigema; 89 - fatigagem no indigema; 90 - fatigagem no indigema; 91 - fatigagem no indigema; 92 - fatigagem no indigema; 93 - fatigagem no indigema; 94 - fatigagem no indigema; 95 - fatigagem no indigema; 96 - fatigagem no indigema; 97 - fatigagem no indigema; 98 - fatigagem no indigema; 99 - fatigagem no indigema; 100 - fatigagem no indigema.